



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
PORTUGUESA

A CONVERGÊNCIA NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS  
INFORMATIVOS DA RTP

Relatório de estágio apresentado à Universidade Católica  
Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Ciências  
da Comunicação, na especialidade de Comunicação,  
Televisão e Cinema

Por

Filipa Isabel Pereira da Fonseca Cabral de Sampaio

Faculdade de Ciências Humanas

Novembro 2018



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
PORTUGUESA

A CONVERGÊNCIA NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS INFORMATIVOS  
DA RTP

Relatório de estágio apresentado à Universidade Católica  
Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Ciências da  
Comunicação, na especialidade de Comunicação, Televisão e  
Cinema

Por

Filipa Isabel Pereira da Fonseca Cabral de Sampaio

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação de Professor Doutor Nelson Ribeiro

Novembro 2018



## Resumo

A convergência dos *media* tem vindo a criar novas oportunidades, desafios, reestruturações e alterações nas empresas jornalísticas. Porém, em Portugal são poucos os estudos relativos a esta temática. A realização de um estágio na RTP, o contacto com a produção noticiosa e os conteúdos nas plataformas rádio, televisão e *online*, levou-nos à escolha do tema convergência na produção de conteúdos informativos nesta estação para o presente trabalho.

Tomando como pergunta de partida: “Como se operacionaliza a produção de conteúdos *cross media* na RTP?”, procurámos compreender de que modo este tipo de produção é percecionado no interior da redação e quais as rotinas estabelecidas que permitem a sua operacionalização. As técnicas de recolha de informação foram a observação direta, entrevistas semiestruturadas e pesquisa bibliográfica.

Analisaram-se os resultados relativos a: existência de convergência na RTP; periodicidade de práticas jornalísticas convergentes; encorajamento e preparação prévia dos jornalistas; nível de convergência atual; perfil do jornalista polivalente; reconfiguração do seu papel; resistência à convergência; coordenação de conteúdos entre plataformas e desafios/oportunidades.

Concluiu-se, no presente trabalho, que o fenómeno da convergência está presente no dia a dia dos jornalistas da RTP. A empresa reúne todas as condições necessárias para que a convergência existente seja fluida, embora, ainda assim, não atinja a sua máxima potencialidade. Os motivos para tal diferem segundo os entrevistados, considerando a maioria que existe um nível médio de convergência na RTP.

**Palavras-chave:** Convergência, RTP, Jornalismo *online*, *Cross Media*

## **Abstract**

The media convergence has created new opportunities, challenges, restructurings and changes in newspaper companies. However, in Portugal there are few studies on this subject and during an internship at RTP, the daily contact with content production for radio, television and online platforms led us to choose the study of the convergence in the production of informative contents.

Taking as a starting question: "How the production of cross media contents in RTP is operationalized?" we tried to understand how this type of production is perceived inside the newsroom and which are their established routines. The techniques used for collecting information were direct observation, semi structured interviews and bibliographic research.

We analyzed the results regarding: existence of convergence at RTP; periodicity of convergent journalistic practices; encouragement and prior preparation of journalists; current level of convergence; profile of the polyvalent journalist; reconfiguration of their role; resistance to convergence; coordination of contents between platforms and challenges/opportunities.

It was concluded, in the present work, that the phenomenon of convergence is present in the daily routine of RTP journalists. The company meets all the necessary conditions to ensure that the existing convergence is fluid, although, it still does not reach its maximum potential. The reasons for this differ according to the interviewees, considering the majority that there is an average level of convergence at RTP.

**Key words:** Convergence, RTP, *Online Journalism*, *Cross Media*

*À minha mãe*

## **Agradecimentos**

Quero agradecer ao meu orientador Professor Doutor Nelson Ribeiro por aceitar orientar e apoiar este Relatório de Estágio, pela ajuda e conselhos que me foi dando ao longo do tempo, pela disponibilidade, pela partilha do seu vasto conhecimento e por todos os incentivos e esclarecimentos.

À Professora Doutora Catarina Duff Burnay, agradeço pela simpatia e por tudo o que me ensinou nas aulas de Mestrado de Comunicação, Televisão e Cinema.

Um especial agradecimento à RTP pela oportunidade de poder estagiar numa empresa tão prestigiada e aos meus orientadores de estágio Alexandre Brito, Rita Ramos, Rui Cardoso, Daniel Belo, Nuno Rodrigues e Luís Soares por toda a paciência e conhecimento transmitido.

Agradeço a todos os entrevistados: Alexandre Brito, António José Teixeira, Catarina Marques Rodrigues, Daniela Santiago, João Paulo Baltazar, José Manuel Rosendo e Rita Marrafa de Carvalho, pelo tempo disponibilizado e pela amabilidade com que me receberam.

À jornalista Filipa Marques Henriques por me ter proporcionado a oportunidade de acompanhar reportagens do programa Portugal em Direto e assim adquirir conhecimentos práticos na área do jornalismo televisivo.

À minha mãe, razão pela qual tudo isto é possível, por ter estado presente desde sempre, por acreditar em mim, por toda a ajuda que me deu e por ser o meu pilar não só do percurso académico mas de vida.

Um muito obrigada aos meus avós maternos, por serem uma inspiração, pela incansável bondade, pelos ensinamentos de vida, pelo encorajamento e por me ensinarem que nada se consegue sem esforço, dedicação e honestidade.

Quero agradecer também ao meu namorado, que esteve sempre presente nas alturas mais difíceis e soube ter a palavra certa para me incentivar. Para além de me apoiar incondicionalmente é um porto de abrigo em todos os momentos.

À minha madrinha Ana, por estar sempre presente.

Aos meus cães Coqui e Teddy por me ensinarem a ver a vida de uma forma mais bela e por serem os meus companheiros que nada pedem em troca.

Aos meus amigos: Inês Rafael, Raquel Seno e Catarina Nascimento por não só serem amigas de vida e a sua presença tornar tudo melhor mas também por acreditarem que este dia ia chegar e por me darem mil motivos para que tal acontecesse; à Mafalda Costa, por ter sido a minha compincha nesta caminhada e por me acompanhar em todos os momentos de stress; ao Nuno Lucena e ao Tiago Pereira por serem os meus grandes amigos académicos que trago para a vida e estarem presentes em todas as ocasiões importantes; à Maria João Ferreira porque desde que entrou na minha vida sempre me apoiou, se disponibilizou e se orgulhou de todo o meu percurso académico e profissional; à Daniela Magalhães e ao Pedro Madeira por saberem sempre como me fazer rir e não me sentir tão culpada por não estudar. Todos os dias de “hoje é para fazer a tese” compensaram!



## ÍNDICE

<b>Introdução</b>	1
<b>Capítulo 1 – Memória descritiva do Estágio</b>	5
1.1.A Rádio e Televisão de Portugal (RTP)	5
1.2.O estágio	6
1.2.1. <i>Online</i> – RTP Notícias	6
1.2.2. Televisão - Jornal das 12h e Portugal em Direto	9
1.2.3. Rádio – Antena 1	10
<b>Capítulo 2 – A convergência</b>	13
2.1. Enquadramento concetual e histórico	13
2.2. Tipologias da convergência	17
2.3. O conceito convergência <i>versus</i> o conceito <i>remediação</i>	20
2.4. Convergência jornalística em Portugal	25
2.5. Desafios e oportunidades geradas pela convergência	30
<b>Capítulo 3 – A temática da reconfiguração do jornalismo na era digital</b>	33
3.1. O jornalismo no contexto digital	33
3.1.1. Jornalismo <i>online</i> e webjornalismo: duas realidades distintas do jornalismo digital	35
3.1.2. O processo de <i>cross media</i> /multiplataforma e <i>transmedia</i>	37
3.2. O reajuste do papel do jornalista face à era digital	39

<b>Capítulo 4 – Metodologia</b>	43
<b>Capítulo 5 - Análise e discussão dos resultados</b>	47
<b>Conclusão</b>	75
<b>Bibliografia</b>	79
<b>Anexos</b>	93
Anexo A – Artigos, foto-galerias e reportagem realizados durante o período de estágio na RTP Notícias (Online)	94
Anexo B - Guião da entrevista	123

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Caraterização dos entrevistados.	45
<b>Tabela 2</b> – Principais ideias dos entrevistados sobre a existência de convergência nas plataformas televisão, rádio e <i>online</i> da RTP.	47
<b>Tabela 3</b> – Principais ideias dos entrevistados sobre a periodicidade de práticas jornalísticas convergentes que realizam na redação.	50
<b>Tabela 4</b> – Principais ideias dos entrevistados sobre o encorajamento e preparação prévia dada pela RTP aos jornalistas no sentido da convergência.	53
<b>Tabela 5</b> – Principais ideias dos entrevistados sobre o nível de convergência verificado atualmente na RTP.	55
<b>Tabela 6</b> – Principais ideias dos entrevistados sobre o perfil do jornalista que produz conteúdos para diferentes plataformas.	58
<b>Tabela 7</b> – Principais ideias dos entrevistados sobre a reconfiguração do papel do jornalista.	60
<b>Tabela 8</b> – Principais ideias dos entrevistados sobre a resistência na configuração das práticas e processos de convergência por parte dos jornalistas com mais anos de profissão.	64
<b>Tabela 9</b> – Principais ideias dos entrevistados sobre a coordenação de distribuição de conteúdos entre plataformas.	66
<b>Tabela 10</b> – Principais ideias dos entrevistados sobre os desafios e oportunidades verificados nas redações multiplataforma e através do processo de convergência.	71

## Introdução

O conceito de convergência nos media, mais concretamente no que se refere ao jornalismo, data de há cerca de três décadas, significando o encontro de dois ou mais elementos num único ponto, independentemente do resultado que se seguirá (Benigno Neto, 2008). Poderá surgir algo novo ou manter as características mais fortes de alguns dos elementos que participaram nesse encontro.

Com o surgimento da *world wide web* na década de 90, o conceito tomou proporções colossais, sofrendo alterações ao longo dos anos e gerando diversos estudos sobre o tema, na medida em que surgiu a necessidade de compreender todo o processo e expansão que a convergência associada à internet pode causar. Para além da área tecnológica passaram a ser abordados os âmbitos da produção de conteúdos e do consumo dos meios de comunicação.

O conceito de convergência jornalística favorece a integração de plataformas outrora separadas (por ex: imprensa escrita e televisão), ao criar métodos de trabalho e linguagens que se revelam cruciais na produção de conteúdos que, posteriormente, são distribuídos e divulgados por várias plataformas, de acordo com a linguagem adequada a cada uma. Este processo altera não só o âmbito tecnológico e empresarial como também o profissional e os meios editoriais de comunicação.

A convergência, enquanto processo longitudinal, procura a integração de meios mas também estimula a procura de novas informações e o estabelecimento de conexões entre conteúdos mediáticos. A internet, enquanto meio que facilita e torna possível a junção de vários recursos numa única plataforma, é o suporte que mais evidencia a convergência dos *media*.

Devido à procura incessante de informação, a convergência veio alterar o papel das audiências que se tornaram cada vez mais exigentes e participativas no processo noticioso ao incluírem imagens, comentários e vídeos.

Por tudo o que foi acima exposto, ficou patente o motivo da escolha do tema “A convergência na produção de conteúdos informativos da RTP” para elaboração do Relatório de Estágio enquadrado no Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Comunicação Televisão e Cinema, da Universidade Católica Portuguesa, destinando à obtenção do grau de Mestre.

O facto de termos tido a oportunidade de realizar um estágio tripartido na RTP, onde contactámos de perto com a produção noticiosa e de conteúdos nas plataformas rádio, televisão e online, vincou ainda mais o nosso interesse pela convergência na produção de conteúdos informativos da RTP. O tema ora escolhido revela-se pertinente e relevante pela sua originalidade no que concerne ao canal de serviço público RTP, esperando-se a recolha de informação profícua que possa conduzir ao surgimento de questões ulteriores que poderão vir a constituir temas a serem abordados em futuros trabalhos, de modo a complementar a investigação nesta área do conhecimento.

No que se refere aos métodos de recolha de dados empregues no presente Relatório de Estágio, foram utilizados a observação direta durante o estágio, com recurso a diário de campo, e a realização de entrevistas semiestruturadas ao subdiretor de informação do *online* Alexandre Brito, à jornalista do *online*, que atualmente se encontra na área de televisão, Catarina Marques Rodrigues, ao diretor adjunto de informação de televisão António José Teixeira, à jornalista de televisão Rita Marrafa de Carvalho, ao diretor de informação das rádios João Paulo Baltazar, ao jornalista de rádio José Manuel Rosendo e à correspondente da RTP em Madrid, Daniela Santiago.

No presente Relatório de Estágio definimos como pergunta de partida para o trabalho ora apresentado: como se operacionaliza a produção de conteúdos *cross media* na RTP? Sendo as subquestões de investigação: “De que forma o fenómeno da convergência influencia a produção jornalística da RTP?” e “Qual o impacto, oportunidades e desafios que surgem deste conceito?”.

O Relatório de Estágio encontra-se estruturado em oito capítulos após a Introdução: o primeiro capítulo versa sobre a memória descritiva que engloba uma introdução à Rádio Televisão de Portugal sendo relatada a experiência obtida durante o estágio curricular e salientando-se os conhecimentos adquiridos e as tarefas realizadas; o segundo é dedicado ao fenómeno convergência e apresenta o estado da arte, relaciona teorias de diversos autores e define os conceitos pertinentes ao tema em estudo, referindo as tipologias da convergência, e destacando o conceito convergência versus o conceito remediação. De igual modo é abordada a convergência jornalística em Portugal e são enumerados os desafios e oportunidades gerados pela mesma. O terceiro capítulo aborda a temática da reconfiguração do jornalismo na era digital, apresentando o jornalismo no contexto digital, o jornalismo

*online* e o *webjornalismo*: duas realidades distintas do jornalismo no contexto digital. São igualmente discutidos os processos de *cross media* multiplataforma e *transmedia* e o reajuste do papel do jornalista face à era digital. O quarto capítulo é dedicado à metodologia do estudo referindo os métodos eleitos para a investigação e para a subsequente análise dos resultados obtidos. Assim sendo começa por referir o desenho metodológico, os participantes, o método de recolha e análise de dado e as limitações do estudo. No quinto capítulo é feita a análise e discussão dos resultados onde são apresentadas grelhas de análise resultantes das entrevistas semiestruturadas durante o período de estágio sendo ainda efetuada uma reflexão crítica sobre os resultados obtidos, comparando-os e correlacionando-os com o enquadramento teórico.



## Capítulo 1 - Memória descritiva do Estágio

Em jornalismo, para além da aquisição de conhecimentos e competências em ambiente académico, é essencial a complementaridade desta aprendizagem em ambiente profissional, de modo a observar como se podem pôr em prática todos os saberes adquiridos durante a Licenciatura e a parte curricular do Mestrado. Neste contexto tivemos a oportunidade de realizar um estágio tripartido com as valências de Notícias Online, Televisão e Rádio, na RTP, no período compreendido entre 28 de outubro de 2016 e 28 de abril de 2017.

### 1.1 A Rádio e Televisão de Portugal (RTP)

Numa muito breve contextualização, pode-se afirmar que a RTP detém um vasto e inigualável acervo audiovisual baseado nos seus mais de 80 anos de Rádio (emissões iniciadas em 1935), 60 de Televisão (princiadas em 1957) e 17 de *online* (começadas em 2000), sendo a empresa de *media* com mais história e tradição na comunicação social portuguesa.

A RTP começou por ser uma sociedade anónima para a prestação de um serviço público de televisão quando o Governo decidiu a sua criação em 18 de outubro de 1955, através do Decreto-Lei n.º 40 341. A 15 de dezembro do mesmo ano, foi então constituída a RTP – Radiotelevisão Portuguesa, SARL, que possuía um capital social partilhado entre o Estado, as emissoras de radiodifusão privadas e pessoas particulares (Teves, 2007).

Por ‘serviço público’ entende-se o envolvimento do Estado na atividade de radiodifusão, tendo como objetivos servir a população através da promoção dos valores de cidadania e de igualdade. De acordo com Pinto (2005), o serviço público de televisão não pode confinar-se somente ao seu vínculo estatal mas deve também contemplar uma voz civil, isto é, as vozes de todos os públicos a que a televisão se destina. No serviço público, verifica-se uma maior exigência associada aos produtos. “Uma televisão de serviço público deve saber colocar-se sempre no horizonte de uma comunidade partilhada reclamando-se da humanidade do outro, seja ele a criança, o jovem ou o idoso, o cidadão excluído ou o bem sucedido, o cidadão iletrado e o iliterato ou o erudito, o cidadão marginalizado e desqualificado ou o cidadão realizado” (Pinto, 2005: 9).



Após diversas alterações ao longo dos anos, a Rádio e Televisão de Portugal, de que fazem parte os operadores de serviço público RDP (Radiodifusão Portuguesa) e RTP (Radiotelevisão Portuguesa), instalou-se, em 2004, na Avenida Marechal Gomes da Costa, em Lisboa, onde se mantém até hoje. Constituída por sete delegações (Faro, Évora, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Viseu e Bragança), dois centros regionais (Açores e Madeira), o centro de produção do Norte e a sede em Lisboa, do ponto de vista jornalístico a RTP encarrega-se de cobrir Portugal e os seus acontecimentos. Na sede de Lisboa, existe uma divisão clara entre as várias plataformas num mesmo edifício. No rés-do-chão está presente a Televisão e as editoras de Sociedade, Economia, Política, Cultura e Internacional. No primeiro andar estão presentes as editorias do Portugal em Direto, do Desporto e a redação do online. Ao segundo e terceiro andares pertencem as rádios (RTP, 2017).

## **1.2. O estágio**

Os principais motivos que nortearam a escolha da RTP para a realização do estágio que originou este relatório foram a experiência, o saber fazer, a qualidade, a seriedade e a confiança que esta estação de serviço público transmite.

Uma vez que nos foi dada a possibilidade de estagiar em 3 vertentes diferentes – *online*, rádio e televisão – por períodos de dois meses em cada uma, serão descritas seguidamente as diversas atividades realizadas durante os seis meses de permanência na RTP. No decorrer dos seis meses de estágio várias foram as tarefas realizadas e os conhecimentos adquiridos. De modo a criar um fio condutor que facilite o acompanhamento das atividades desenvolvidas no decorrer do estágio, será feita uma descrição dos trabalhos realizados que será apresentada em subcapítulos referentes a cada plataforma (*online*, televisão e rádio).

### **1.2.1. Online: RTP Notícias**

Iniciado a 28 de Outubro de 2016, o estágio na vertente *Online* viria a ser o primeiro contacto direto com a elaboração de notícias para um *site*. De modo a que nos integrássemos na equipa e compreendêssemos os objetivos que deveríamos concretizar na redação, foi-nos apresentado o orientador deste estágio de 2 meses, Dr. Alexandre Brito, subdiretor de informação do Online.

Inicialmente, elaborámos notícias, a partir de temas da atualidade e com carácter preparatório para os trabalhos que viriam a ser desenvolvidos no decurso deste estágio, de forma a adaptar a escrita de acordo com o pretendido. Este procedimento permitiu, em simultâneo, que o orientador avaliasse a nossa perceção sobre o que de facto era importante na escrita de uma notícia. Após um período inicial de adaptação teve início todo um mundo de descoberta sobre os mais variados temas da atualidade e as respetivas relevâncias.

Com periodicidade variável, um jornalista propunha um novo tema para que elaborássemos uma notícia a qual era posteriormente corrigida pelo Dr. Alexandre Brito, ou pelo editor Dr. Carlos Santos Neves ou ainda pelo jornalista Dr. António Louçã e só então colocada no *site* da RTP Notícias.

No âmbito do *online* produzimos um total de 23 conteúdos: 18 artigos online, três fotogalerias, uma vocalização e uma reportagem (participação ativa na elaboração do questionário e realização de entrevistas a duas pessoas). Para além destas notícias diariamente propostas, ficava ao nosso critério a elaboração de outras de acordo com os assuntos que mais nos cativavam.

Durante os dois meses de estágio várias foram as funções desempenhadas, nomeadamente: realização de foto-galerias, utilização de planos de corte de vídeos para colocar as peças do Jornal das 12h em formato adequado para a plataforma *online* e utilização do programa informático Photoshop. Todas estas ferramentas aliadas ao trabalho do jornalista *online* possibilitam uma maior variedade de conteúdos e modo de produção de notícias para o *site*, assim como um melhor acabamento das mesmas.

Uma das melhores experiências obtidas durante o estágio foi a possibilidade de escolhermos um tema para uma reportagem e entrevistarmos os intervenientes que fariam parte da mesma. A segurança dos brinquedos foi o tema eleito com a ajuda do jornalista Nuno Patrício, tendo em conta que se aproximava a época natalícia e os brinquedos iriam ser os eleitos para as prendas dos mais novos. Aprendemos que para se iniciar uma reportagem é necessária uma pesquisa exaustiva, conhecimento e informação prévia sobre o tema, saber quem são as pessoas indicadas para falar do assunto, quais os melhores locais para se realizar a reportagem e quais as questões mais pertinentes às quais o público quer obter uma resposta. Assim sendo, iniciado o percurso da realização de uma reportagem,

surgiu a oportunidade de entrevistar o jurista da DECO – Dr. Diogo Santos Nunes – e o Inspetor-geral da ASAE – Dr. Pedro Portugal Gaspar – com a ajuda do jornalista Nuno Patrício. Feitas as entrevistas seguiu-se o momento de recolher imagens de brinquedos colocados à venda mas que não se encontravam de acordo com as normas de segurança. Nesta fase apercebemo-nos da dificuldade que os jornalistas podem enfrentar ao ser-lhes negado respostas por parte de funcionários das grandes superfícies, ausência de depoimentos dos responsáveis pelas mesmas e, após várias tentativas falhadas de contacto com as mesmas, optou-se por, numa feira, recolher imagens dos brinquedos que não cumpriam as normas. Na posse do material necessário regressou-se à redação e deu-se início ao processo de edição para seleção das partes mais pertinentes. Tendo em conta que se tratava de uma peça para o online, para além dos vídeos elaborou-se a parte escrita de modo a reunir toda a informação necessária sobre o tema em questão. Concluída a reportagem para o formato online, o editor Carlos Santos Neves aprovou a reportagem e a mesma foi publicada. (Anexos – Reportagem: Serão os nossos brinquedos seguros?)

Outra das tarefas realizadas e acima mencionada foi a vocalização da descrição de um postal de guerra (Anexos - Vocalização: Postal de Guerra – A primeira partida). Esta tarefa afigurou-se de extrema importância porque não só nos deu a oportunidade de participar, mas também de acompanhar de perto um processo de convergência, em que juntamente com a jornalista do Online, Graça Ramos, elaborámos uma peça para o *online* em formato áudio que posteriormente passou na televisão no canal da RTP 2.

Durante o período de estágio no Online, surgiu ainda a oportunidade de acompanhar jornalistas de televisão (quer da área de sociedade quer do programa Portugal em Direto) em diretos e em falsos diretos (entende-se por falso direto um acontecimento jornalístico que sendo previamente gravado é posteriormente exibido como se estivesse a ocorrer no momento da transmissão/difusão): falso direto no lançamento do livro de Júlio Isidro, direto na manifestação em frente ao Ministério da Saúde.

De salientar que tivemos a possibilidade de presenciar momentos de convergência na produção jornalística na cobertura destes acontecimentos: a jornalista do *online* Sandra Salvado trabalhou com a equipa do programa “Sexta às 9” para elaborar a reportagem “Lixo suspeito vindo de Itália chega a Portugal”; diariamente as peças televisivas do Jornal da Tarde, Telejornal e Bom Dia Portugal (para além de outros, quando necessário) eram

convertidas em formato digital para o *site* RTP notícias e, por último, a jornalista Catarina Marques Rodrigues elaborou reportagens para o *online* que posteriormente foram adaptadas para a televisão e a rádio: “Amir Ashour: Se voltasse agora para o Iraque, ou era preso para o resto da vida ou era logo morto” (*online*), “Gay e iraquiano: uma combinação não aconselhável” (televisão) e “Prisioneiros da Geografia” (rádio) e “Vereador de Lisboa: É preciso fazer marketing com os Direitos Humanos. Vender como se vende um produto” (*online* e televisão).

Em suma, este estágio contribuiu para uma aquisição de competências na área da comunicação digital, no programa Photoshop e nos planos de corte, na elaboração de artigos, na estruturação de entrevistas, na inserção de áudios e na realização de foto-galerias.

### **1.2.2. Televisão: Jornal das 12h e Portugal em Direto**

A 1 de Janeiro de 2017 transitámos para um estágio em televisão, mais especificamente na área de sociedade da RTP. A orientadora do estágio foi a jornalista Rita Ramos e a duração foi igualmente de dois meses.

Tendo em conta que o principal objetivo ao mudar do *online* para televisão era conseguir presenciar, perceber e conhecer o maior número possível de momentos de convergência entre as três plataformas, optámos por não dar prioridade às saídas em reportagem e preferir o método de observação direta do Jornal das 12h através do visionamento do funcionamento da régie do mesmo. Esta escolha incidiu no facto de este jornal ter uma parte do alinhamento dedicada a “O essencial” (posicionado no fim do alinhamento e variando o tempo que lhe é atribuído consoante as peças e os diretos do jornal) em que um jornalista do *online* fala sobre as notícias mais relevantes do dia no *site* da RTP, incentivando os telespectadores à visita da plataforma digital, onde poderão ler informação sobre os temas que mais lhes interessam e conhecer o que o mundo virtual da RTP tem para lhes oferecer. Antes de entrar em direto, o jornalista do *online* fala com a coordenadora do jornal sobre os temas que vai abordar de forma a evitar repetições de temas que já tenham sido tratados no alinhamento do telejornal pela pivot.

Para além do visionamento diário da régie do Jornal das 12h, tivemos a oportunidade de estar presentes nas reuniões que decorrem diariamente às 9h da manhã com os coordenadores de televisão, do *online* e de rádio, juntamente com a delegação do Porto via

Skype. Estas reuniões foram não só de extrema relevância para compreender como é estabelecida a comunicação entre as várias plataformas mas também para perceber como é gerida e tratada a informação de cada dia, nomeadamente “quem dá primeiro”, quais as notícias mais relevantes e quais os temas a abordar.

É de salientar um caso de convergência presenciado durante uma das reuniões (2ª feira, 13 de Fevereiro 2017), em que surgiu uma notícia de última hora sobre os incêndios que automaticamente levou a mudanças nos alinhamentos de televisão, rádio e online. O subdiretor do online, Dr. Alexandre Brito, saiu apressadamente da reunião para proceder a alterações no *site* de informação tendo em conta que, no momento, nenhum jornalista de televisão enviado ao local conseguia aceder nem tão pouco mostrar o fumo, uma vez que a passagem estava interdita. No entanto, um jornalista da rádio – Paulo Sérgio – encontrava-se perto do local e conseguiu enviar um vídeo (via Iphone) para o subdiretor Alexandre Brito que por sua vez avisou a coordenação de televisão e enviou-lhes as imagens do incêndio. Foi assim uma feliz concertação de esforços que permitiu às três plataformas transmitir a notícia.

Durante os 2 meses, surgiu a oportunidade de acompanhar e colaborar na realização de reportagens e diretos da jornalista Filipa Marques Henriques para o programa Portugal em direto, entre eles: reportagem em vilas operárias de Lisboa, direto no *Pet* Festival e direto na Feira do Chocolate. A jornalista, apesar de trabalhar para televisão, publica as próprias peças em formato digital para o *site* da RTP Notícias, de modo a que qualquer pessoa consiga aceder a qualquer hora e em qualquer lugar às reportagens e entrevistas que passaram no programa.

Apesar do nosso foco ser a convergência, as saídas com a jornalista do Portugal em Direto permitiram a aquisição prática de competências jornalísticas em reportagens, entrevistas e diretos. Não só contribuiu para compreender de que modo se mantem um fio condutor ao longo das entrevistas e reportagens, mas também como lidar com situações imprevistas durante um direto ou perante novas informações anteriormente desconhecidas pela jornalista.

### **1.2.3. Rádio: Antena 1**

O terceiro e último período de estágio realizou-se na Rádio, mais concretamente na Antena 1. Iniciado a 1 de Março de 2017 e terminado a 28 de Abril do mesmo ano, o estágio

na rádio teve a peculiaridade de contar com quatro orientadores. Esta opção deveu-se à necessidade de compreendermos como funcionavam todos os programas da Antena 1 e como é que cada equipa geria a informação consoante as diferentes horas do dia.

Deste modo estivemos presentes nos programas: “Manhã 1”, sob orientação do jornalista Mário Rui Cardoso; “Manhã 2”, sob orientação do jornalista Daniel Belo; “Tarde”, sob orientação do jornalista Nuno Rodrigues, e “Noite”, sob orientação do jornalista Luís Soares. O período de contacto com cada um dos programas foi de 2 semanas.

Várias foram as competências adquiridas e as tarefas realizadas ao longo dos dois meses nos quatro programas. Inicialmente, éramos desafiados a escolher e escrever as notícias do dia (as mais pertinentes, de acordo com os nossos critérios), posteriormente aprendemos a escrita simples mas concisa que se deve ter em rádio, tendo sempre em mente que o ouvinte não pode receber demasiada informação condensada, sob pena de não a apreender (por exemplo, muitos números ou nomes demasiado extensos). A possibilidade de assistir diariamente ao funcionamento de uma redação de rádio e estar presente nas reuniões da equipa da Manhã 1 com a equipa de rádio do Porto, permitiu uma melhor perceção da gestão da quantidade de informação diária que chega aos jornalistas.

Na elaboração de peças e realização de áudios, posteriormente corrigidos pelos orientadores, adquirimos conhecimentos sobre colocação de voz e técnicas de preparação de peças para rádio. Tivemos o ensejo de estar presentes no estúdio durante as emissões do programa da noite e de observar da régie o funcionamento e a coordenação do programa.

Durante o período de estágio na Manhã 2, saímos em reportagem para acompanhar a jornalista Natércia Simões ao SISAB – Salão Internacional do Sector Alimentar e Bebidas, acompanhámos as entrevistas realizadas e, posteriormente, utilizámos a plataforma Dalet para seleccionar os sons, cortar e colar de modo a criar a nossa peça.

A presença diária na redação permitiu observar a interação entre a correspondente de Madrid da RTP, a jornalista Daniela Santiago e a rádio e a relevância que a mesma teve para o fluxo de informação entre as três plataformas. Para além da constante comunicação que estabelece, adapta as notícias para formatos em vídeo, áudio e texto no sentido de uma mesma notícia poder ser utilizada por todas as plataformas.

Em conclusão, o estágio na Antena 1 permitiu a aquisição de competências na área de comunicação radiofónica, na elaboração de notícias para rádio, na estruturação de entrevistas e na inserção e realização de áudios.

De um modo geral, gostaríamos de referir que o estágio realizado na RTP, em três áreas diferentes, contribuiu para desmistificar algumas ideias relacionadas com a profissão que foram sendo adquiridas ao longo do percurso letivo. Esta nova visão da realidade profissional permitiu que compreendêssemos, por um lado, que o percurso profissional que gostaríamos de vir a realizar não é na verdade aquilo que na vida prática ocorre mas, por outro, também existiram gratas surpresas ao descobrir outras possíveis valências no âmbito da comunicação social.

## Capítulo 2. A convergência

### 2.1. Enquadramento conceptual e histórico

Nos anos 70, Nicholas Negroponte introduziu o conceito de convergência o qual passou a ser estudado nas academias a partir dos anos 90 (Sousa, A. F. 2013). Segundo Benigno Neto (2008), convergência significa o encontro de dois ou mais elementos num único ponto, independentemente do resultado que se seguirá. Poderá surgir algo novo ou manter as características mais fortes de alguns dos elementos que participaram nesse encontro. “Este conceito pode ser aplicado em diversas áreas do conhecimento, no entanto a sua aplicação associada ao jornalismo tem vindo a gerar diversas discussões académicas e profissionais ao longo dos anos. Ainda que Negroponte tenha apresentado o conceito, Jenkins atribui a denominação de “profeta da convergência” (Jenkins, 2006: 10) a Ithiel de Sola Pool que, na sua obra *Technologies of Freedom* (1983), indentificou o que ficaria conhecido como convergência: “Um único meio físico – sejam fios, cabos ou ondas – pode transportar serviços que no passado eram oferecidos em separado” (Pool *apud* Jenkins, 2006: 10).

Após uma primeira abordagem sobre a convergência, vários foram os autores que posteriormente procuraram definir o conceito, inserindo-o “numa linha de estudos que coloca o âmago da questão no processo de abordagem entre as tecnologias da informação e as telecomunicações” (Sousa, J. 2013: 9).

Com o surgimento da *world wide web* na década de 90, o conceito passou a assumir um papel central na discussão académica, sofrendo alterações ao longo dos anos e gerando diversos estudos sobre o tema, na medida em que surgiu a necessidade de compreender todo o processo e expansão que a convergência associada à internet pode causar. Para além da área tecnológica passaram a ser abordados os âmbitos da produção de conteúdos e do consumo dos meios de comunicação. Os autores Salaverría, García Avilés e Masip (2010: 46) consideram que “esta visão resulta numa abordagem multifacetada da convergência, onde as diversas esferas se interligam e se influenciam mutuamente”.

Segundo Salaverría (2010), o primeiro caso de convergência em redações deu-se com o grupo *Medial General*, em 2000, em Tampa, Flórida. Pela primeira vez era experienciado um modelo de convergência entre três meios: a redação do jornal *Tampa Tribune*, o portal *Tampa Bay Online* e a emissora de televisão WFLA-TV. No entanto, decorreram sete anos



até que outros casos semelhantes começassem a surgir: BBC, *The Daily Telegraph*, *Financial Times*, *The New York Times*, entre outros.

Canelas (2011) referiu que um conjunto de 25 investigadores, entre eles David Domingo, José Alberto Garcia Avilés, Ramon Salaverria, reuniram-se para estudar o fenómeno de convergência mediática num projeto denominado «Convergencia digital en los medios de comunicación», tendo o fenómeno sido definido como:

Um processo multidimensional que, facilitado pela implementação generalizada das tecnologias digitais da informação e da comunicação, afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos *media* noticiosos, propiciando uma integração de ferramentas, espaços físicos de trabalho, métodos de trabalho e linguagens que ainda há pouco tempo estavam separadas, de tal forma que os jornalistas produzem conteúdos noticiosos que são distribuídos através de multiplataformas, *mediante* as especificidades de linguagem de cada *media* noticioso.

Salaverría *et al.* (2010) reforçam esta definição ao considerar que o conceito de convergência jornalística é um meio de “ferramentas” que favorece a integração de plataformas outrora separadas (por ex: imprensa escrita e televisão), ao criar métodos de trabalho e linguagens que se revelam cruciais na produção de conteúdos que, posteriormente, são distribuídos e divulgados por várias plataformas, de acordo com a linguagem adequada a cada uma. Este processo altera não só o âmbito tecnológico e empresarial como também o profissional e os meios editoriais de comunicação.

No ponto de vista de Quinn (2005: 3), a convergência é comparada à beleza, no sentido em que esta última varia de acordo com os olhos de quem a vê; da mesma forma a definição de convergência irá depender da perspetiva de quem a quer definir. O autor salienta ainda um aspeto relevante na procura de uma definição do termo: a sua variação consoante o país, a cultura e a empresa em que se insere. Deste modo, “o tipo de convergência que é desenvolvido numa empresa será um resultado da cultura dessa mesma empresa”.

Henry Jenkins (2006) refere-se ao termo como um fenómeno relacionado com transformações tecnológicas, empresariais, culturais e sociais. O autor aborda o conceito para referir que o mesmo está diretamente ligado ao fluxo de conteúdos distribuídos através de plataformas mediáticas. No entanto, considera que este processo não pode ser meramente

visto como um resultado das tendências tecnológicas, referindo que “a convergência ocorre dentro dos cérebros de cada consumidor e através das suas interações sociais com os outros” (Jenkins, 2006, p.3).

Assim sendo, a convergência não surge meramente através das tecnologias digitais, apesar das mesmas estarem relacionadas ao termo, na medida em que têm um papel preponderante nas mudanças verificadas ao longo dos anos. A convergência enquanto processo longitudinal, procura a integração de meios e Jenkins (2006) entende-a não só como uma mudança tecnológica mas também enquanto um processo, na medida em que se estimula a procura de novas informações e se estabelecem conexões entre conteúdos mediáticos. A internet, enquanto meio que facilita e torna possível a junção de vários recursos numa única plataforma, é o suporte que mais evidencia a convergência dos *media*. Neste sentido, as tecnologias digitais devem ser vistas como um meio pelo qual a convergência alcança a sua potencialidade e cumpre objetivos.

No entanto, o uso das tecnologias vai sempre depender das estratégias empresariais e profissionais empregues (Domingo *et al.*, 2007; Garcia Avilés *et al.*, 2009). Ao encontro deste raciocínio, José Alberto García Avilés (2006) refere que “os *media* noticiosos não são empresas de tecnologias, mas organizações que produzem e difundem conteúdos jornalísticos”. Deste modo, a tecnologia encontra-se ao dispor dos conteúdos e não o inverso. Claro que as tecnologias possibilitam a melhoria dos conteúdos adaptados para cada plataforma no sentido de proporcionar uma panóplia de ferramentas que poderão melhorar a qualidade dos mesmos conteúdos inseridos em diversos meios. “Os grupos que integram jornais, rádios e/ou televisões transportam para as versões digitais os conteúdos de todos os seus meios criando uma sensação de *multimedialidade* que não é mais do que uma oferta tripla da mesma informação” (Canavilhas, 2012: 17).

Marcos Palácios (2003: 77) refere-se aos conceitos de *multimedialidade* e convergência de forma peculiar. A *multimedialidade* enquadrada no âmbito do jornalismo *online* é vista como uma “convergência dos formatos dos *media* tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico”. A convergência é exequível através do processo de digitalização da informação e posteriormente a sua distribuição em várias plataformas e meios.

Devido à procura incessante de informação, a convergência veio alterar o papel das audiências, e, segundo Díaz-Noci (2010), estas são cada vez mais segmentadas e procuram gradualmente estímulos instantâneos. Neste sentido, Jenkins (2006) vê a convergência como uma mudança cultural capaz de alterar o modo como a procura e o consumo de conteúdos informativos acontecem. O público outrora passivo passa a ter um papel ativo ao poder comentar, divulgar, debater, partilhar e acrescentar informações às notícias disponibilizadas na internet pelos jornalistas. Tomemos como exemplo o *site* de notícias da RTP: uma notícia é publicada e, posteriormente, partilhada no Facebook da RTP para que um maior número de pessoas possa visualizá-la, mas também partilhá-la e comentá-la. Deste modo, potencializa-se a divulgação ao permitir que o público contribua não só para a propagação da notícia, mas também para que se sinta uma integrante do processo informativo ao poder dar a sua opinião e acrescentar a informação que quiser.

Outra característica referente ao público participativo é o facto de o mesmo contribuir na maioria das vezes com imagens e vídeos. Assim, o público “tem capturado e publicado, em palavras e imagens, histórias de impacto global”, como, por exemplo, “a destruição causada por tsunamis, cheias e sismos” (Singer *et al.*, 2011: 2). Sem dúvida que as redes sociais possibilitaram a aproximação do público aos jornalistas e vice-versa. De acordo com Díaz-Noci (2010), devido à possibilidade de introdução de comentários por parte do público, o jornalista é obrigado a ser e a fazer melhor.

Na adaptação a uma nova realidade, os *media* deparam-se com a necessidade de acompanhar a evolução tecnológica, sem que para isso seja necessário largar os métodos antigos. Deste modo, o surgimento dos novos meios não deve ditar o fim dos anteriores, muito pelo contrário. Tal como a rádio e a televisão não acabaram com a imprensa, o surgimento da internet não marca o fim destes três meios (Sousa, J. 2013). Segundo Bolter e Grusin (1999), os novos meios de comunicação, ao renovar os anteriores, criam uma ligação, isto é, o novo depende do que o precede verificando-se uma conexão significativa entre ambos.

Segundo Jenkins (2001: 93), “A convergência dos *media* é um processo em progresso que ocorre em várias intersecções dos *media* tecnológicos, industriais, conteúdos e audiências, sem que haja um fim delimitado”. Abordar a convergência numa esfera apenas tecnológica revela-se manifestamente redutor, uma vez que o fenómeno constitui uma

evolução para o crescente avanço da era digital. Ademais, é ainda fundamental na exploração do máximo potencial das áreas de comunicação social.

## **2.2. Tipologias da convergência**

De acordo com Salaverría *et al.*, (2010) a convergência jornalística é um conceito complexo que promove alterações substanciais nas várias vertentes das empresas de comunicação como a tecnológica, a empresarial, a profissional e a de conteúdos.

Num “mundo tecnológico sem fronteiras, um dos mais frequentes sentidos do modismo digital tem sido a constante e genérica aplicação do conceito de convergência” (Squirra, 2005: 79). É neste sentido que o surgimento da dimensão tecnológica da convergência é correntemente explicada ao remetermos para o cerne do jornalismo tradicional, em que consoante a área (televisão, rádio ou imprensa escrita) cada jornalista elaborava o seu trabalho de acordo com as “ferramentas” que estavam ao seu alcance, isto é, máquinas de escrever, meios de edição de peças, etc. Com o surgimento da convergência inserida no contexto tecnológico, procura-se alcançar o máximo potencial do jornalismo, alterando-se as rotinas. O tradicional ambiente de uma redação dá lugar a um meio integrante de suportes de informação que permitem que o jornalista altere a sua prática profissional e rompa com os habituais meios de elaboração de notícias, devido à necessidade de instantaneidade da informação. Esta alteração nas “ferramentas” de trabalho consequentemente transforma a esfera jornalística, criando a necessidade de uma adaptação por parte dos jornalistas a uma nova forma de produzir e divulgar a informação. Entenda-se este conceito como “a chegada de um vasto cenário de instrumentos sobretudo digitais que desempenham, ou podem desempenhar, funções técnicas assemelhadas ou complementares” (Squirra, 2005: 79). É através deste processo que se tornam possíveis trocas colossais de informação que permitem o acesso à última em tempo real, alterando não só as práticas jornalísticas mas também as práticas de consumo de informação, dando a possibilidade de uma acessibilidade *imediata* a qualquer hora e em qualquer lugar.

Assim sendo, pode definir-se esta dimensão tecnológica associada à convergência como “a capacidade de as infraestruturas adquirirem, processarem, transportarem e simultaneamente apresentarem voz, dados e vídeo numa única rede e terminal integrado” (Palacios e Díaz Noci, 2009: 112). Bardoel e Deuze (2001) veem este processo como uma

consequência da tecnologia que veio permitir que os *media* atuem em plataformas mediáticas que estavam anteriormente separadas.

Esta dimensão da convergência é não só essencial, mas também necessária para a evolução dos posteriores processos associados ao conceito, inclusive a nível empresarial. Perante os desafios do mercado da comunicação, as empresas deparam-se com a necessidade de dar resposta e acompanhar o ritmo que as novas tecnologias acarretam, repensando as estratégias e reestruturando os modos de produção de conteúdos informativos. A convergência representa, assim, uma vantagem para as empresas ao possibilitar o seu crescimento, ou seja, uma aglomeração de órgãos de informação de um mesmo grupo num espaço comum. Ao organizarem redações integrando meios como a televisão, a rádio, a internet e a imprensa, visam o aumento da produtividade, isto é, os recursos disponíveis para a elaboração de conteúdos são partilhados de modo a que a produção e a divulgação da informação sejam mais velozes e atinjam os diferentes meios de comunicação. O objetivo final é produzir mais, enquanto se diminuem os custos.

Outra mudança consequente deste processo da convergência a nível tecnológico e empresarial recai sob as práticas jornalísticas, não só associadas a questões de organização, mas também à capacidade de laborar com os diferentes meios. Cada vez mais o perfil ideal parece ser o do profissional versátil, capaz de realizar tarefas de diferentes áreas. Gradim (2003: 117) define-o como “uma espécie de MacGyver”, “o homem dos mil e um recursos”, ou seja, alguém capaz de trabalhar sozinho, equipado com os materiais necessários (câmara de vídeo, microfone...) para que possa produzir e editar conteúdos para diversos meios: televisão, *site*, rádio e ainda para a imprensa. Salaverría (2010: 36) alega que as empresas de hoje em dia procuram polivalência profissional: “Os jornalistas que costumavam desempenhar uma única tarefa – redação, fotografia, desenho, documentação... - para um único meio, começam a ser uma ave rara do passado”.

Para o autor existem três tipos diferentes de polivalência: polivalência funcional, polivalência temática e polivalência mediática. A polivalência funcional é caracterizada por jornalistas que realizam tarefas outrora realizadas por outros profissionais (por exemplo: passam a editar as suas peças), aprendendo novas aptidões. Cada vez mais o jornalista aprende a realizar tarefas que antigamente diziam respeito a outro profissional e passa a tornar-se independente no processo de execução, edição e divulgação das peças que produz. Atualmente, quando é necessário que um jornalista saia em reportagem, é em geral

acompanhado por um operador de câmara, que também desempenha funções de captação de som, recaindo deste modo, as tarefas num menor número de profissionais, possibilitando uma maior rapidez para a concretização do produto final e um menor custo.

A polivalência temática refere-se ao jornalista que, sendo especializado numa dada área, é obrigado a tratar de outros temas que não domina de igual forma, devido à escassez de recursos humanos. Salaverría (2010) salienta que o jornalista não tem outra alternativa quando a equipa de profissionais não é suficiente para cobrir todos os acontecimentos; assim sendo, qualquer que seja a área que domina, o jornalista tem que se tornar capaz de abordar diversos temas. Recorrendo ao diário do estágio na RTP, presenciámos momentos de polivalência em que uma jornalista do programa Portugal em Direto, a realizar uma reportagem sobre o lançamento de um livro, foi contactada pela Direção para que terminada a sua tarefa aproveitasse o momento para entrevistar o Ministro da Economia, presente no lançamento, sobre questões económicas. Uma vez que a entrevista era necessária para o Jornal da Noite e não havia nenhum jornalista da área de economia disponível para se deslocar ao local, a jornalista em questão, apesar de não dominar a área, realizou a entrevista e à chegada à RTP editou-a e deu som à peça, uma vez que as salas de edição estavam todas ocupadas. Este exemplo ilustra não apenas um caso de polivalência temática mas também funcional.

Em último lugar, a polivalência mediática diz respeito aos jornalistas aptos para produzirem conteúdos para diferentes plataformas dentro da mesma empresa. Neste sentido, o jornalista deve ser capaz de produzir conteúdos para televisão, rádio, imprensa escrita e internet. Tomemos como exemplo uma das entrevistadas deste trabalho de estágio, a jornalista Daniela Santiago, correspondente da RTP em Madrid. O intuito da presença desta correspondente na capital espanhola é o de que a mesma acompanhe todos os acontecimentos marcantes da cidade e posteriormente elabore peças para televisão. No entanto, a correspondente não só produz peças para televisão, como realiza áudios para a rádio e escreve notícias para o *site* da RTP. Um dos desafios colocados a este tipo de jornalista é que saiba adaptar os conteúdos, ou seja, se a jornalista estiver a fazer uma reportagem televisiva que consista em acompanhar um desfile de Carnaval, em que o operador de câmara mostra as máscaras e os fatos e se a jornalista tecer um comentário sobre a beleza dos mesmos, imediatamente esta peça não pode ser utilizada para rádio, uma vez que os ouvintes não têm acesso à imagem. Neste contexto, um dos principais desafios é

compreender que “em televisão vê-se” e como tal a necessidade de detalhar e descrever a situação não é premente como em rádio. Neste último meio de comunicação, apenas se ouve e ainda relativamente à imprensa escrita há que ter atenção à extensão e à forma como se abordam os temas. Já na web existe a possibilidade de ter acesso, de um modo integrado, a todas as anteriores, sendo possível aceder aos recursos de vídeo, áudio e texto em simultâneo.

Por fim, e como resultado de todas as transformações anteriormente abordadas, surge a convergência de conteúdos. Tal como mencionado, consoante o meio em que a informação se difunda, a abordagem, a linguagem e as técnicas variam e é neste sentido que a convergência de conteúdos surge.

Se para fazer televisão são transmitidas imagens em movimento, para rádio são transmitidos conteúdos em áudio, para a imprensa escrita são publicados textos e imagens, mas para a web todas as abordagens se reúnem numa só. Esta plataforma permite não só uma panóplia de opções para apresentar uma notícia como também quebra os rotineiros horários nobres de publicação e divulgação da mesma. Graças ao *online*, os jornalistas passam a publicar as suas notícias quando querem e podem atualizá-las de igual modo. As mesmas estão permanentemente disponíveis, tornando o acesso à informação facilitado e alterando o perfil do consumidor que não só é privilegiado pelo rápido acesso e pelos conteúdos dinâmicos como também tem um papel ativo ao decidir quando, como e o que quer ver, para além de poder comentar as notícias, partilhá-las nas suas redes sociais e trocar opiniões com outros leitores.

A internet torna-se igualmente vantajosa para a empresa de comunicação na medida em que contém estratégias destinadas a prolongar o período de presença do consumidor no *site*, ou seja, uma notícia publicada remete para uma foto-galeria, que por sua vez remete para um áudio e assim sucessivamente. Deste modo, são captadas a atenção e a curiosidade do consumidor promovendo-se a divulgação contínua dos conteúdos do *site*.

### **2.3. O conceito convergência *versus* o conceito remediação**

Jenkins (2006) definiu convergência como o fluxo dos conteúdos através de múltiplas plataformas de *media*, a cooperação entre múltiplas indústrias de *media* e o comportamento migratório das audiências dos *media*, as quais irão praticamente a todo o lado, na busca do

tipo de entretenimento que pretendem. Esta definição reflete a preocupação com os conteúdos e organizações, mas também tem em conta o tipo de audiência.

De acordo com Machado e Teixeira (2010) na convergência encontra-se uma linguagem própria ao envolver uma produção integrada de conteúdos para diversas plataformas. Para Boczkowski (2006), a convergência reflete um conteúdo multimidiático que junta os aspetos de conteúdos anteriormente distribuídos por diferentes meios, o que pode levar às palavras de McLuhan (1964) para quem o conteúdo de qualquer meio é sempre outro meio. Segundo Canavilhas (2012), só se deve considerar convergência quando o produto final é um conteúdo com características únicas e diferente de uma simples distribuição multiplataforma, uma vez que é indispensável a adaptação dos conteúdos aos diferentes atributos de cada um dos meios de receção, sendo aqui que reside a grande diferença entre os fenómenos de convergência e remediação.

Definindo o conceito remediação, o mesmo refere-se ao processo de renovar conteúdos antigos através dos novos meios. De acordo com Bolter e Grusin (1999) os meios de comunicação modernos renovam os conteúdos dos anteriores, mantendo-se uma ligação entre ambos. Em algumas situações, como, por exemplo, relacionadas com os meios digitais, pode-se assistir a uma discreta melhoria dos conteúdos mais antigos, mantendo a sua identidade até a modificações mais profundas na qual o novo meio digital “engoliu” completamente o antigo. Segundo os mesmos autores, o meio mais velho nunca se tornará ausente na medida em que o novo vai sempre depender dele.

Peters, (2009: 22) *apud* Silva (2013): “Não é necessariamente verdade que um médium precise de ser novo apenas uma vez, mais uma vez, os *media* são renováveis e tendem a renovar-se nos intervalos, silêncios e espaços em branco deixados pelos *media* que os deslocaram. Se é verdade que todos os média foram novos antes de serem velhos, também é possível que uma encarnação exterior da forma de comunicação dos *media* apareça como nova, se não, mais nova do que a primeira”. Posto isto, o novo meio pode ser visto como uma renovação do meio antigo e não necessariamente uma substituição tal como Bolter e Grusin (1999) defendem. Estes autores entendem que remediação tem a ver com mediação de uma mediação anterior, “Qualquer ato de mediação está dependente de outro, na verdade, de muitos outros atos de mediação e isto é remediação” (Bolter e Grusin, 1999: 56).



Verificamos, deste modo, que para Bolter e Grusin “convergência” e “remediação” são idênticas. No entanto, Canavilhas (2012) discorda na medida em que existe uma importante diferença entre os dois conceitos, a saber, a convergência implica obrigatoriamente uma nova linguagem que abarque os conteúdos anteriores, enquanto a remediação pode acumular conteúdos de várias origens, partilhados numa mesma plataforma. Assim, “a convergência é sempre uma remediação, mas nem todas as remediações podem ser consideradas uma convergência porque esta última implica integração e não uma mera acumulação de conteúdos” (Canavilhas, 2012: 10).

Entendemos como necessária uma breve abordagem ao fenómeno remediação na convergência digital, na imprensa, na rádio e na televisão. No que se refere à convergência digital e, segundo Canavilhas (2012), a história dos *mass media* reflete que cada novo meio atravessa um período de indefinição até adquirir determinadas características individuais, refletindo a mistura dos conteúdos dos seus antecessores (remediação) até à emergência de uma linguagem própria (convergência).

Os fenómenos de remediação tornaram-se mais evidentes com o surgimento da internet e, hoje em dia, praticamente todos os meios de comunicação tradicionais apresentam versões *online* ou adaptações da internet.

No que concerne à imprensa, Alves (2001) refere que “os jornais foram o primeiro meio a criar versões na web: em apenas cinco anos, a maioria das publicações de cariz jornalístico lançou versões *online* procurando acompanhar o crescente interesse dos utilizadores pelo novo meio”. No entanto, Canavilhas (2012) entende que apesar da autonomia de conteúdos das edições *online* dos jornais portugueses, a convergência não é uma constante. Para consubstanciar esta afirmação, menciona que a linguagem audiovisual é semelhante à da televisão pelo que se verifica meramente uma remediação. Já a hipertextualidade limita-se a hiperligações para notícias semelhantes, previamente existentes em arquivo, situando-se os links, na maioria das vezes, num menu lateral ou no final da notícia. No que se refere à participação interativa dos leitores, a mesma é discreta e os comentários não são utilizados para enriquecer o conteúdo noticioso. Na opinião deste autor, em 2012 os diários *Público*, *Jornal de Notícias* e semanário *Expresso* eram os que mais aproveitaram as potencialidades da internet, sendo a revista *Sábado* um bom exemplo de convergência, uma vez que, desde 2010, utiliza a Realidade Aumentada, através de códigos gráficos que permitem ao leitor assistir a vídeos adicionais ao texto, seja em computador ou em *smartphone*.

Na rádio, a comunicação verbal oral é uma remediação do texto característico da imprensa. O “período de adaptação do texto escrito a um meio oral, exemplifica o processo de remediação característico dos *media*. No caso da rádio, a convergência só se materializou quando à voz se juntaram a música, o ruído e o silêncio” (Canavilhas, 2012).

A interatividade atualmente verificada na rádio, é bem diferente do contacto telefónico tradicional com os ouvintes outrora existente. Agora, a opinião dos ouvintes chega ao estúdio através das redes sociais, não só por iniciativa própria como incentivada pelos próprios locutores. De acordo com Cordeiro (2004: 2), na internet, a rádio afasta-se do seu conceito original, podendo existir no *site* diferentes mais valias em comparação com a emissão radiofónica, inovando assim uma estrutura que compete com o formato tradicional da rádio e vislumbrando-se uma remediação mais avançada ou mesmo convergência.

Na opinião de Canavilhas (2012), é visível convergência da rádio na internet portuguesa, por exemplo, com ofertas multimédia em complementaridade ao texto. A grande mudança registou-se aquando da entrada das redes sociais nos programas de animação na rádio em Portugal.

No contexto do fenómeno “remediação”, Ribeiro (2015) salienta que nas últimas duas décadas, o discurso dos novos *media* foi impregnado com a ideia de que as possibilidades do novo tipo de comunicação trazido pela internet levanta todos os tipos de novas questões e novos paradigmas de comunicação que não podem ser percecionados com as teorias que foram aplicadas no passado para compreender a comunicação humana. O potencial dos novos *media* para promover modificações nas organizações sociais, políticas e culturais, encontra-se espelhado no artigo “*A Nobel Prize for Twitter*”, escrito por Mark Pfeifle em 2009, o qual alerta a opinião pública para a importância dos *media* sociais na difusão de informação que de outro modo não seria tão eficaz.

Ainda de acordo com Ribeiro (2015), atualmente assiste-se a uma onda de centrismo dos *media* digitais e do determinismo tecnológico no sentido em que o papel atual dos novos *media* é percebido como único e desligado dos contextos sociais e culturais nos quais estes operam. Passadas praticamente duas décadas sobre o trabalho de Bolter e Grusin (1999), que demonstrava como os novos e os velhos *media* interagiam entre si, em que os primeiros complementavam os segundos, o fascínio pelos novos *media* facilitava o esquecimento de que se atravessa um período de alterações e de convergência nos *media*, comparável a outros períodos históricos. No que se refere às atividades dos *media*, as alterações económicas

verificadas no negócio da imprensa e da radiodifusão são frequentemente apresentadas como sem precedentes, embora se verifiquem paralelismos com outros períodos, onde se deu o surgimento de outros novos *media*: a rádio introduziu alterações no modo como os jornais produziam e divulgavam informação, mas a televisão também teve impacto nas atividades da rádio no que se refere aos processos de produção e de programação (Sterling e Keith, 2008).

As alterações dos *media* e a convergência não são assuntos novos criados pela era digital, sendo, pelo contrário, realidades estabelecidas há muito tempo, constituindo um tópico central de discussão durante a maior parte do século XX. Com o aparecimento de um novo meio de comunicação, o primeiro padrão a ser observado é que esse surgimento é rodeado por um discurso centrado na sua capacidade de influenciar profundamente a humanidade. Diz-se que a sociedade nunca mais será a mesma após a disseminação desse novo meio (Ribeiro, 2015). Já em 1904, Nikola Tesla, predisse que a rádio seria a maior contribuição para a paz mundial ao interligar as regiões mais distantes do planeta. Esta afirmação poderia aplicar-se ao papel da internet no século XXI, embora não se tenham verificado estas previsões uma vez que estas duas criações serviram igualmente intenções contrárias (Ribeiro, 2015).

Ao longo do tempo, as mudanças nos *media* produziram alterações no espaço e no tempo, isto é, encurtaram-se as distâncias geográficas cada vez que surgiu um novo meio de comunicação, aumentando continuamente a velocidade da comunicação. A introdução dos novos *media* engloba processos de mudança e de convergência, reconfigurando-se os *media* previamente estabelecidos, os quais vão passar a assumir diferentes formas, na medida em que os novos os vão recompor (Ribeiro, 2015).

Segundo Thornburn e Jenkins (2004: 12), “trata-se de um processo caracterizado por uma mistura de tradição e inovação, almejando a evolução e não a revolução”. Contudo, o fascínio pelas mudanças trazidas pelos novos *media* tende a fazer com que estas mesmas mudanças sejam vistas como excepcionais, totalmente novas e sem precedentes, capazes de alterar as estruturas sociais, culturais, económicas e políticas existentes, quando na verdade são uma continuação de um processo experienciado pela humanidade ao longo de muitas gerações (Ribeiro, 2015).

Relativamente à televisão o que a distingue é a imagem sonorizada, a qual, quando é fixa, é uma remediação da fotografia, ainda que adaptada ao formato televisivo. O registo

áudio que surge com as imagens é uma remediação do som radiofónico embora com algumas diferenças (Canavilhas, 2012).

Observa-se na televisão portuguesa o fenómeno da remediação inversa baseado na crescente utilização das redes sociais. Um exemplo é a utilização de fotografias e vídeos enviados pelos telespectadores, assim como a utilização de hipertextualidade em *sites* dos vários canais televisivos portugueses que permitem ligações a outros *sites* especializados, são manifestações dessa interatividade (Canavilhas, 2012).

#### **2.4. Convergência jornalística em Portugal e na Europa**

O conceito de convergência nos *media* foi introduzido em Portugal (no discurso dos grupos de comunicação portugueses), em meados da primeira década do século XXI. De acordo com Bastos *et al.* (2013), desde essa data os estudos em torno do conceito são praticamente inexistentes.

Segundo os autores, o grupo Imprensa esteve entre os pioneiros na integração das diferentes tipologias da convergência jornalística nos seus *media* e tal foi possível graças aos jornalistas “da casa”, que, apesar da sua antiguidade ou função, contribuíram com conteúdos multimédia. No seguimento da amálgama dos meios tradicionais com a multimédia, a estação televisiva SIC implementou em Novembro de 2013 um sistema de produção de conteúdos para as diferentes plataformas do grupo: SIC, SIC Notícias e SIC Online, dando primazia ao suporte *online* e posteriormente às peças de televisão. De acordo com Ricardo Costa, diretor-adjunto de informação da SIC, a nova estratégia de organização interna regia-se pelo seu carácter apelativo do ponto de vista empresarial, tendo em conta que na perspectiva de negócio, uma redação multimédia é muito mais inteligente (Bastos *et al.*, 2013: 12).

Foi nos anos 90 que a internet se inseriu no panorama radiofónico de Portugal e em 1995 surgiu a possibilidade da inserção de áudios na internet (Bastos, *et al.*, 2013). De início, a internet era vista como um novo meio, perante o qual a rádio se mostrava hesitante e não a sabia encarar enquanto oportunidade de expansão. No entanto, esta panorâmica alterou-se e com o passar dos anos, e no início do séc. XXI, as rádios começaram a demonstrar recetividade e investimento em conteúdos *online* (Bastos, *et al.*, 2013).

A junção da rádio e da televisão públicas deu-se em 2003, propiciando a união dos *sites* das duas empresas num só. A tal fenómeno foi atribuído o termo sinergia (do grego *sunergia*, que significa ato ou esforço coletivo, cooperação), para se referir à partilha de recursos entre a RTP e a RDP de modo a evitar falar numa real convergência.

Perto de completar 70 anos de emissões, a Rádio Renascença comunicou em Fevereiro de 2007 o lançamento do “Página 1”, um jornal *online* produzido pela redação. O seu formato em *pdf* (Formato Portátil de Documento, do inglês *Portable Document Format*) seria um sinal de mudança de acordo com o diretor de informação da RR, Francisco Sarsfield Cabral, que salientando a enorme colaboração entre as redações do *online* e rádio, visionava uma integração de ambos num período de dois ou três anos. Seguindo o mesmo raciocínio de mudança, a TSF renovou o seu *site* em 2008, e o diretor adjunto Arsénio Reis afirmou que o novo *site* era resultado da cooperação entre as equipas que cada vez mais se tornavam numa só (Sousa, A. F. 2013).

O estudo exploratório: “Convergência jornalística nos média em Portugal” realizado em 2013 pelos autores Helder Bastos, Fernando Zamith, Isabel Reis e Pedro Jerónimo analisou os níveis de convergência jornalística nos principais jornais, rádios e televisões do país; para tal, a sua metodologia baseou-se em entrevistas estruturadas a jornalistas com os cargos de editores de secção ou superiores dos seguintes meios: *Correio da Manhã*, *Jornal de Notícias*, *Público*, RDP, TSF, Rádio Renascença, RTP, SIC, *Media Capital Digital*, *Região de Leiria*, *Reconquista* e *O Mirante*. O estudo incidiu na análise de seis variáveis em cada uma das redações dos *media* noticiosos: polivalência profissional, formação, colaboração na produção, relação entre redações, polivalência mediática e distribuição. Após a análise dos dados recolhidos a partir de cada uma das entrevistas os autores concluíram que “a convergência jornalística nos principais *media* portugueses se encontra[va] ainda num estado incipiente ou embrionário” (Bastos *et al.*, 2013).

Num estudo mais recente realizado por Menke *et al.* (2016), utilizando um inquérito *online* sobre a cultura da convergência nas redações europeias e comparando as estratégias editoriais utilizadas na produção de conteúdos *cross media*, por sua vez empregues na produção de notícias em seis países europeus – Alemanha, Holanda, Suíça, Áustria, Espanha e Portugal-, observou-se que ainda existe um domínio da imprensa escrita nas salas de redação da imprensa na Europa. É, contudo, evidente uma mudança em direção ao jornalismo de convergência na estratégia de implementação de práticas nas rotinas editoriais

assim como no encorajamento dos jornalistas para aderirem aos desenvolvimentos da convergência. Observou-se, ainda, que redações dos países mediterrâneos, contrariamente às do Norte/Centro da Europa, são mais avançadas no que se refere a abranger a cultura da convergência devido a uma maior força audiovisual em detrimento das notícias impressas, assim como a uma maior motivação entre os jornalistas.

A introdução da internet na década de 90 contribuiu para uma crise inesperada no jornalismo a nível mundial. Foram apontadas alterações na qualidade do jornalismo devido a obstáculos económicos com a chegada do online, crises relacionadas com a publicidade, insegurança dos postos de trabalho e declínio do mercado da imprensa. No entanto, o jornalismo foi progressivamente adaptando-se a este novo ambiente definido pelo carácter aglutinante da convergência dos *media*. Fazer a transição de uma imprensa escrita tradicional ou de uma cultura de radiodifusão que determinaram regras jornalísticas, normas profissionais e rotinas durante décadas, para uma cultura de convergência onde as distintas ligações e categorias se mesclaram ou desapareceram, torna-se num grande desafio (Jenkins, 2006; Quandt e Singer, 2009)

Para se estudar a convergência no jornalismo é essencial uma mudança de um entendimento meramente tecnológico para um cultural. O termo convergência é uma palavra chave presente desde a década de 80 que se tornou polissémica, compreendendo muitos significados relacionados com o rápido desenvolvimento das tecnologias dos *media*, mercados, produção, conteúdos e receção (Quandt e Singer, 2009: 130).

Devido aos *media* sociais e à Web 2.0 a convergência afeta grandemente a relação entre o jornalismo profissional e a audiência interativa (Gordon, 2003; Jenkins e Deuze, 2008; Quandt e Singer, 2009). Durante muito tempo, a convergência era predominantemente definida como o resultado de inovações tecnológicas focadas na fusão de campos anteriormente separados tais como: a informática, as telecomunicações e a tecnologia de radiodifusão (Latzer, 1997).

Para compreender a dinâmica dos processos da convergência é necessário entendê-los não só como um meio específico de produzir e distribuir notícias, mas também como o resultado de uma reconfiguração cultural nas salas de redação, baseada em estratégias facilitadoras ou impeditivas da sua implementação (Menke *et al.*, 2016).

O jornalismo de convergência nos diferentes países europeus apresenta padrões diversos. A Escandinávia e o Reino Unido são muitas vezes vistos como pioneiros no jornalismo convergente (Menke *et al.*..., 2016). Em outros países, como a Áustria (Stark e Kraus, 2008; Kraus, 2009), a Bélgica (Colson e Heinderyckx, 2008), a Alemanha (Schultz, 2007; Quandt, 2008; Meier, 2009) e a Holanda (Tameling e Broersma, 2013), observam-se igualmente redações onde aquele fenómeno é patente. Contudo, alguns estudos mostram que os jornalistas dos países acima mencionados são mais resistentes à mudança e que as práticas de convergência têm sido lentamente implementadas devido a uma cultura jornalística com fortes tradições de imprensa escrita (Menke *et al.*, 2016). No que se refere a alguns países mediterrâneos, a presença de jornalismo convergente foi referida em Portugal por Canavilhas (2012), em Espanha foram registadas estratégias de negócios e produção de *cross media* (Domingo *et al.*..., 2007; Carvajal e García-Avilés, 2008; López e Pereira, 2010) e, na Grécia, Dodaki e Spyridou (2015) salientavam as dinâmicas de convergência na produção de notícias *online* neste país. Mais uma vez se verificou que os fatores económicos desempenharam um importante papel no jornalismo de convergência, tendo em Espanha estes esforços resultado em abordagens inovadoras e em formação avançada no sentido da produção de jornalistas multifacetados (Domingo *et al.*..., 2007).

Por último, Menke *et al.* (2016) referem que as condições históricas nos países de Europa de Leste, na era pós-comunista, influenciaram o jornalismo de convergência e a sua qualidade, na medida em que eram criticadas as tendências económicas que resultaram em pressões de mercado e racionalizações das salas de imprensa com conseqüente retardamento das inovações e redução na qualidade jornalística.

No que se refere concretamente a Portugal, um país que tal como a Espanha tinha uma forte tradição televisiva, verificou-se no decurso do inquérito de Menke *et al.* (2016) que, embora seja um dos países com uma fraca tradição na imprensa escrita, registou a mais elevada preocupação em dar prioridade a esse tipo de imprensa, enquanto fonte de receitas e postos de trabalho, o que provavelmente se deveu à crise económica registada no país durante a recolha de dados. Porém, em Portugal e tal como em Espanha, os outros tipos de edição, que não a impressa, como online, tablet e *smartphone* são considerados muito mais importantes, quando comparados com os outros países europeus. Apurou-se também que as redações de imprensa em Portugal e Espanha salientam-se pela maior fatia de tempo que

dedicam às suas edições *online* embora as taxas de utilização da internet não sejam das mais elevadas na Europa.

No que concerne à implementação da cultura da convergência na rotina das redações, verifica-se que em Portugal existe uma primeira estratégia na qual uma única pessoa tem a cargo a coordenação da distribuição dos conteúdos pelos canais, tendo uma panorâmica do que é publicável e onde e como as peças jornalísticas subsequentes se encaixam no fluxo noticioso e uma segunda estratégia que envolve a coordenação da distribuição dos conteúdos em reuniões editoriais (Menke *et al.*, 2016). Estas duas estratégias encontram-se presentes no caso português, assim como em muitos outros países. Em Portugal, a cultura de convergência encontra-se em expansão, apresentando as nossas redações culturas de convergência avançadas. Verifica-se ainda que Portugal, assim como Espanha, mostram uma abertura para o jornalismo de convergência, ao acolherem novos potenciais na produção de conteúdos: ambos os países investem a maior parte do seu tempo em edições *online* e frequentemente otimizam conteúdos para canais digitais, através da produção de vídeos, gráficos interativos e formatos áudio (Menke *et al.*, 2016).

Relativamente a países com uma forte tradição da imprensa escrita e a países com uma tradição mais televisiva (caso de Portugal e Espanha) os dados do estudo de Menke *et al.* (2016) mostraram que os departamentos editoriais mediterrânicos exercem um maior esforço no sentido do *online* e especialmente em apresentações de conteúdos jornalísticos áudio visuais. A cultura da convergência aparenta seguir as expectativas das audiências portuguesas e dos seus hábitos de consumo de conteúdos em formatos audiovisuais em ecrãs.

De acordo com Menke *et al.* (2016), os departamentos editoriais em Espanha e Portugal são os que incorporam mais divulgação transmedia na Europa. A convergência é um processo contínuo que exige uma formação constante no sentido de acompanhar a sua evolução, e em Portugal o entusiasmo dos jornalistas é encorajado assim como a motivação transversal a todas as faixas etárias dos editores, mostrando diferentes estratégias de adaptação às possibilidades de novos ambientes de *media*. Num estudo realizado por Ribeiro e Resende (2017) sobre a situação nas redações da imprensa portuguesa, e no que se refere às competências e motivação dos jornalistas, os inquiridos foram de opinião que os departamentos editoriais estão capacitados no sentido de produzir conteúdos de alta qualidade para os diferentes canais, embora considerem não ter ainda sido atingida uma situação de grande qualificação para a produção de conteúdos para diferentes plataformas.



Estes factos apoiam-se na opinião dos jornalistas que consideram ser necessária maior formação por forma a garantir uma maior qualidade dos conteúdos. Apesar de tudo, reconhecem que é dada formação aos membros da equipa que não se encontram apetrechados para lidar com a produção de conteúdos para os novos *media*. Relativamente às motivações dos jornalistas, a maioria dos inquiridos é de opinião que a redação onde trabalha é moderadamente recetiva a inovações, observa-se igualmente encorajamento junto dos vários jornalistas no sentido de passarem a utilizar os novos *media*. Os editores são de certa forma entusiastas das novas tecnologias, embora alguns editores mais velhos, não se dediquem à produção para diferentes plataformas.

O estudo acima citado conclui que “as redações de imprensa em Portugal estão a abraçar o desafio da convergência e da produção cross *media*, ainda que estejam longe de conseguir desenvolver rotinas capazes de lhes permitir tirar o melhor partido de cada um dos canais de distribuição” (Ribeiro e Resende, 2017: 13).

## **2.5. Desafios e oportunidades geradas pela convergência**

Meikle e Redden (2011) mencionam a produção noticiosa do século XX aludindo ao ambiente alterado e ajustado que a mesma teve devido às emergentes transformações causadas pela internet. É certo que o avanço tecnológico acarreta um peso significativo nas empresas de *media*, na medida em que os tradicionais formatos de reprodução de notícias e diversos meios de comunicação têm a necessidade de passar por um período de transição tecnológica e convergência mediática a fim de acompanhar o meio de difusão e produção de informação que cada vez mais predomina em todo o mundo (a internet).

Entenda-se transição (do latim *transitio*) como o conceito que implica uma mudança e que visa uma certa extensão no tempo. Esta necessidade de transição advém da rápida proliferação que as tecnologias de informação têm vindo a ter ao longo dos anos, o que resulta num aumento de difusão, da velocidade e da capacidade de processamento, fazendo com que haja uma incessante procura por parte dos consumidores que cada vez mais querem os conteúdos de informação e entretenimento à velocidade de um clique. Tomemos como exemplo a anotação feita no diário de campo no decurso do estágio, em que os conteúdos transmitidos no Telejornal são adaptados para formato digital para que os mesmos se encontrem disponíveis no *site* da RTP Notícias, obviando a necessidade de ligar a televisão.

As novas tecnologias associadas à convergência jornalística desempenham um papel fundamental no âmbito da inovação e causam um grande impacto na sociedade. Segundo um estudo do CIES-IUL e do OberCom (2013) os modelos de negócio precisam da internet uma vez que esta cria impacto na forma como as empresas interagem com o cidadão e entre si. No caso da imprensa, das emissoras de rádio e da televisão, todos os conteúdos passaram a ser adaptados para a internet. Desta forma, os novos métodos de produzir conteúdos facilitam e melhoraram a busca de informação.

Com a implementação da convergência muitos foram os aspetos favoráveis para as redações: não só se estava perante novos métodos de produção aptos e eficientes para a procura constante de informação, como também surgia a possibilidade de integrar vários meios num único, sem que para isso o trabalho já realizado fosse sacrificado; ou seja, a convergência não implicaria horas de trabalho extra, mas sim uma adequação de informação em formato digital, com suportes gráficos, imagens, áudios, etc.

Devido à velocidade dos avanços numa era em que a convergência, segundo Quinn (2005), é um destino provável para inúmeras empresas em todo o mundo, observa-se um aumento na complexidade deste fenómeno: se por um lado “os sistemas de informação tornam-se ferramentas que garantem a efetividade, por outro o conhecimento e as pessoas tornam-se a chave para o crescimento empresarial” (Maia e Neto, 2006: 1).

É certo que para existir convergência na produção de conteúdos informativos de uma empresa é necessário enfrentar diversos desafios. Contudo o problema nem sempre está associado a uma nova maneira de realizar e produzir os conteúdos mas sim na dificuldade de abandonar os tradicionais métodos agora obsoletos, acabando por oferecer resistência à criação de novos.

De acordo com Salaverría (2010), os meios de comunicação estão perante uma fase crítica: os tradicionais métodos e organizações que caracterizavam o jornalismo perdem a sua relevância em prol da procura incessante de informação por parte do público atual, que cada vez mais se afasta do que os meios de comunicação tradicionais têm para oferecer. Tentar acompanhar a evolução e a procura tem sido a preocupação das empresas que encontram na convergência uma solução de estratégia empresarial que serviria para sustentar os meios de comunicação, aumentando a produtividade dos profissionais de comunicação e

diminuindo os custos. Canelas (2011) alega que a união de redações jornalísticas pretende aumentar a produção noticiosa, ao distribuir o mesmo conteúdo por diferentes plataformas e diminuir os custos. Outro aspeto a ter em conta na panorâmica da convergência é o envolvimento requerido dos vários sectores da empresa na criação de novas estratégias e organização dos objetivos, sendo que essas estratégias devem ser harmonizadas com a necessidade de mudança.

Relativamente ao âmbito profissional, Salaverría (2010) argumenta que os processos de convergência são apenas um modo de as empresas aumentarem a produtividade, priorizando a quantidade de informação ao invés da qualidade da mesma. No entanto, Masip e Micó (2009) referem que existe uma maior congruência no trabalho produzido, devido à possibilidade de um melhor controlo de produção de peças por parte dos jornalistas.

Degand (2012) menciona a necessidade que os *sites* de órgãos de comunicação têm para que a informação diária seja atualizada constantemente e acrescenta que os jornalistas publicam conteúdos de pouca relevância que, por vezes, contêm erros. Desta forma estão abertos a comentários e opiniões por parte do público, que podem pôr em causa o seu profissionalismo. Agnez (2011) considera que o problema reside na falta de apuração de factos quando um jornalista fica encarregue de cobrir um certo acontecimento para as diferentes plataformas. Deste modo, o tempo de investigação para a notícia/informação é reduzido, afetando a verificação de fontes e dados bem como a duração de escrita da peça. Em virtude do mencionado, Masip e Micó (2009: 96) afirmam: “Apesar de assumir mais tarefas, o jornalista não recebe mais reconhecimento, nem do ponto de vista profissional, nem económico”. Para que haja igualdade e aceitação por parte dos jornalistas dos meios tradicionais para os jornalistas destinados a elaborar conteúdo *online* é necessário que o ambiente de redação passe de competitivo para cooperativo.

Um período de adaptação à convergência faz parte integrante da tomada de decisões das atuais empresas de *media* que ao traçar os seus objetivos, visam um crescimento no mercado. É neste período de mudança que é revelada a capacidade de flexibilidade e adaptação das empresas assim como a sua dinâmica ao gerir esta fase, a fim de criar uma relação entre cliente e empresa bem como o seu crescimento no mercado competitivo das empresas de *media*.

## Capítulo 3. A temática da reconfiguração do jornalismo na era digital

### 3.1. O jornalismo no contexto digital

O jornalismo sofreu diversas readaptações ao longo do século XX com a introdução dos meios de comunicação de massa eletrónicos, nomeadamente a rádio e a televisão, e posteriormente com o aparecimento da internet e dos meios digitais. O digital trouxe consigo o facto de a informação, que pode ser transmitida através de diferentes processos, poder ser convertida em dígitos. “Uma das grandes mudanças, talvez a mais importante desde a Antiguidade, que afeta do interior as técnicas de comunicação, é o crescimento do paradigma digital” (Breton e Proulx, 2006: 99).

De acordo com Deuze (2010), o processo convergente na comunicação social é realizado não só através de mudanças no seio das redações, onde são planeadas novas formas de edição, mas também marcado pela existência da web 2.0, que permitiu uma maior participação dos cidadãos ao interagirem com os *media* e os próprios jornalistas.

Uma das grandes alterações relativas ao ambiente mediático originado pelo processo de convergência pode ser observada nas redações das rádios, na medida em que o jornalismo radiofónico organiza-se de forma a modificar e implementar novas práticas de produção. Bonixe (2011: 32) afirma que “a rádio hertziana é ainda prevalecte em relação a outras formas de disponibilização de conteúdos jornalísticos sonoros.” Mas a verdade é que na tradicional organização de rotinas da redação surgem novos meios para divulgação de notícias que se focam essencialmente no uso multimédia que as plataformas digitais proporcionam à rádio. Assim, a internet oferece uma panorâmica mais abrangente relativamente à forma de divulgar, ou seja, a rádio passa a utilizar com frequência meios que outrora não faziam parte da sua essência, tais como vídeo e fotografia através de *sites* e redes sociais como o Facebook ou o Twitter, que já fazem parte da sua linguagem rotineira de forma a disseminar a informação.

Relativamente aos conteúdos jornalísticos apresentados através de novas bases tecnológicas, Karam (2006) *apud* Miranda (2011), previa um cenário baseado numa sociedade informativa onde todos enviavam e recebiam mensagens, verificando-se igualmente uma convergência tecnológica no jornalismo, na qual as informações circulavam

de imediato pela World Wide Web, incorporando todas as formas de divulgação existentes nos *media*.

A ação dos fatores tecnológicos na atividade jornalística exerceu profunda influência. Esta manifestou-se quer no modo como o jornalista dos *media* tradicionais procedia à recolha de conteúdos e de informações, quer no contacto com fontes de informação com vista à elaboração de noticiários. Adicionalmente influenciou as questões inerentes ao jornalismo *online* e a produção exclusiva e específica de notícias para edições eletrónicas em especial as publicadas na WorldWideWeb (Bastos, 2010). Cabe aqui citar as palavras de Zamora (2004) *apud* Bastos (2010: 65) sobre os requisitos para se produzir jornalismo convergente: “multimédia, antecipar-se à exigência do leitor, ter conhecimento de informática e das novas tecnologias, explorar a internet como uma fonte de informação, ser um jornalista interativo, ser mais hábil, reivindicar a sua responsabilidade social e adequar-se a um trabalho contínuo à profissionalização.”

Observa-se, atualmente, que as características da internet modificaram as rotinas jornalísticas, tal como o próprio produto jornalístico no que se refere às suas formas e aos meios de difusão. Na verdade, a internet, para além de meio de comunicação, é igualmente um apoio e uma ferramenta de trabalho a ser empregue na produção de informação e na verificação dos conteúdos jornalísticos. Almeida (2015: 35) refere-se a este fenómeno como uma “união das telecomunicações, dos conteúdos mediáticos e das múltiplas plataformas que tornaram possível um novo ambiente de *media* digital, que opera em tempo e escala reais”.

Agnez (2011) salienta, no jornalismo digital, a interatividade com a audiência, a escolha da narrativa por parte do leitor, a possibilidade de interagir e até corrigir informações manifestando assim a interferência do leitor no processo noticioso. Curiosamente, Bardoel e Deuze (2001) afirmavam que esta interatividade, mais do que uma comunicação entre leitor e jornalista, estaria patente na própria notícia, ao ligar uma informação a outra informação, através de links, hiperligações ou imagens.

De acordo com um estudo de Nielson e Morke (1997), a maioria das pessoas procura palavras-chave para localizar uma dada notícia. Na opinião de Canavilhas (2006b), tal significa que os leitores preferem a informação organizada em blocos que escolhem

livremente na página (pirâmide deitada) em vez do texto jornalístico tradicional que obedece às regras da colocação da informação mais importante no início e menos importante no final, seguindo obrigatoriamente o leitor o roteiro definido pelo jornalista (pirâmide invertida). Segundo o autor “a pirâmide deitada é uma técnica libertadora para utilizadores mas também para os jornalistas. Se o utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal, o jornalista tem ao seu dispor um conjunto de recursos estilísticos que, em conjunto com novos conteúdos multimédia, permitem reinventar o webjornalismo em cada nova notícia”.

Tal como afirmado por Di Felice (2008), estas tecnologias tornaram-se responsáveis por mudanças na interação e novas práticas de comunicação, permitindo uma linguagem informativa mais rica, melhorando a relação com o público, a disseminação atempada da informação, entre outros. No âmbito do jornalismo, como um todo, para além do marco do surgimento da imprensa, pode-se considerar que as modificações acima referidas tenham constituído o segundo marco mais notório desde então.

### **3.1.1. O jornalismo *online* e o webjornalismo: duas realidades distintas do jornalismo no contexto digital**

Os valores sociais e os aspetos tecnológicos influenciam grandemente o jornalismo. Nesse sentido, Marcondes Filho (2009) dividiu o jornalismo em quatro fases, a saber: o Primeiro Jornalismo, data do período do Iluminismo e é do tipo político-literário, almejando o esclarecimento e a formação dos cidadãos; o Segundo Jornalismo é o do séc XIX, baseia-se mais em aspetos profissionais, manifestando o surgimento de uma imprensa de massa; o Terceiro Jornalismo observa-se na primeira metade do séc XX até à década de 60, com a presença de uma imprensa de monopólio, com forte influência publicitária e grande utilização de imagens; finalmente o Quarto Jornalismo, surge a partir de 1970 caracterizado por informação eletrónica e interativa, forte impacto visual, rapidez da veiculação da informação e uma produção de conteúdos mais económica, onde todos os indivíduos produzem informação.

Inicialmente a internet constitui-se uma fonte preponderante na produção de informação jornalística, mas rapidamente passou à organização e à estruturação da recolha de informação, composição, edição e difusão. Nas palavras de Canavilhas (2003: 64), “Passo

a chamar webjornalismo o jornalismo que se pode fazer na web. A introdução de diferentes elementos multimédia altera o processo de produção noticiosa e a forma de ler”.

No âmbito da internet, a atividade jornalística, de acordo com Canavilhas (2006a: 2) caracteriza-se por duas etapas: jornalismo *online* e webjornalismo/ ciberjornalismo.

No primeiro caso, as publicações mantêm as características essenciais dos meios que lhe deram origem. No caso dos jornais, as versões *online* acrescentam a atualização constante, o hipertexto para ligações a notícias relacionadas e a possibilidade de comentar as notícias. No caso das rádios, a emissão está disponível online, são acrescentadas algumas notícias escritas e disponibilizam-se a programação e os contactos. As televisões têm também informação escrita, à qual são acrescentadas notícias em vídeo, a programação do canal e os contactos. Como se pode verificar, trata-se de uma simples transposição do modelo existente no seu ambiente tradicional para um novo suporte. Na fase a que chamamos webjornalismo/ ciberjornalismo, as notícias passam a ser produzidas com recurso a uma linguagem constituída por palavras, sons, vídeos, infográficas e hiperligações, tudo combinado para que o utilizador possa escolher o seu próprio percurso de leitura.

Porém nem todos os autores concordam com este modelo e, entre eles, Barbosa (2002) menciona uma fase intermédia de transição. Assim, a primeira seria a transpositiva – transposição do texto publicado na imprensa escrita para a internet -, seguida pela percetiva, onde apesar de haver características de transposição, potencializam-se os conteúdos publicados na web, e, por fim, a hipermediática, onde através da utilização intensa dos hipertextos convergem diferentes plataformas e formatos de notícia. Esta terceira e atual fase de *media* foi designada pela autora como jornalismo digital de terceira geração, mais abrangente porque engloba “os produtos jornalísticos na web, bem como os recursos e tecnologias disponíveis para a disseminação dos conteúdos para dispositivos móveis, como telemóveis, ipods, mp3, smartphones, entre outros” (Barbosa, 2007: 1).

O webjornalismo refere-se ao tipo de jornalismo pensado especificamente para a internet. Este modelo inclui vários incrementos, entre eles, o conceito “tempo real” e o envolvimento de diversas funções multimédia (texto, som, imagem em movimento...), o que o torna diferente dos primórdios da versão *online* dos jornais que se limitava a copiar, na

íntegra, a versão impressa. O facto de o leitor poder participar ativamente no webjornalismo, transmitindo opiniões e divulgando notícias, factos, fotografias, áudios e vídeos, constitui o ponto mais forte deste tipo de jornalismo, permitindo ao utilizador construir a sua própria leitura da informação. No entanto, o reverso da medalha tem a ver com a “obsessão” do jornalista para transmitir, em primeira mão, uma notícia ainda antes de ter tempo de apurar todas as nuances da mesma. Esta circunstância remete para a situação que Moretzsohn (2002) referia sobre a velocidade de informação ser sinónimo da própria informação. De acordo com a autora, ser o primeiro a dar a notícia era tão ou mais importante do que dizer a verdade sobre o facto em causa, acarretando graves consequências para o jornalismo, ao ser vulnerável à influência das fontes.

Conclui-se assim, que o jornalismo *online* e o webjornalismo constituem duas vertentes do jornalismo digital. Tendo em conta as suas características, o webjornalismo é obrigatoriamente jornalismo online, uma vez que está incorporado na rede mundial dos computadores e permite o seu acesso a qualquer momento e em qualquer parte do mundo, por outro lado, é importante frisar que nem todo o jornalismo *online* constitui webjornalismo pois neste último caso, encontram-se associadas (à notícia de base impressa) as valências som, áudio e imagem, apenas possíveis através da *web*.

### **3.1.2. O processo de *cross media*, *multiplataforma* e *transmedia***

O conceito *cross media* (= *media cruzada*) apareceu na década de 90 ligado à publicidade e ao marketing, no contexto da “possibilidade de uma mesma campanha, empresa ou produto utilizar simultaneamente diferentes tipos de mídia: impressa, TV, rádio e Internet” (Lusvarghi, 2007: 2). Neste conceito observa-se uma difusão de conteúdos em diferentes meios, esses conteúdos não são obrigatoriamente iguais e observa-se que o que é dito num tipo de *media* pode complementar o que foi apresentado noutra. Pode-se então salientar que existe dissemelhança no texto com a adição de imagens e ficheiros de áudio, sendo o objetivo a criação de uma interação do público com a matéria noticiada.

Por outro lado, o termo *transmedia* ou narrativa *transmediática* seria, na opinião de Finger (2012), um tipo de evolução do conceito anterior, mas neste caso relacionado com o entretenimento. Pode-se definir *transmedia* como a incorporação de conteúdos e meios, de forma simultânea, no sentido de salientar a colaboração do leitor/ espectador que passa a assumir um papel ativo na narrativa.



De acordo com Primo (2003), a convergência remete para um panorama de transmutações em vários domínios, em resposta a uma necessidade cultural que atravessa diversas fronteiras, inclusivamente no jornalismo. Para este autor, o consumidor de informação da cultura da convergência é “interagente” na medida em que procura informação em diferentes plataformas comunicativas e elabora a sua própria narrativa. A convergência interliga conteúdos transformando a relação do indivíduo com a informação. Na opinião de Pase, Nunes e Fontoura (2012: 66), “nunca fomos meros recetores passivos. Estamos-nos tornando cada vez mais migratórios no que se refere à escolha da informação e de caminhos cognitivos de construção de conhecimento”. No que concerne ao jornalismo, os autores referem ainda o surgimento do importante fenómeno transmedia, com base na desconstrução de um modelo estruturado de disseminação de informação. A narrativa transmedia surge neste contexto referindo-se a “uma nova estética que surgiu em resposta à convergência dos media – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento” (Jenkins, 2009: 49).

A comunicação transmediática é utilizada sobretudo na ficção, mas também no jornalismo. Segundo Pase, Nunes e Fontoura (2012) os termos *transmedia*, *cross-media* e *multimédia* criados por Jenkins (2009), são conceitos diferentes ainda que sejam tratados como sinónimos por alguns autores quando na verdade não o são.

Tal como referido por Ribeiro e Resende (2017), observam-se, nos últimos anos, estratégias de difusão e de partilha de conteúdos em vários espaços digitais. Um desses fenómenos é a comunicação *cross media*, onde uma produção integrada do mesmo conteúdo pode ser distribuída em várias plataformas, promovendo uma estratégia cruzada na estrutura atual da notícia. Porém, “*cross media*” que implica um persistente ajuste das várias linguagens a cada uma das plataformas em uso, pode ser confundida com o conceito de multiplataforma, “sendo que este último se refere à utilização de várias plataformas, com o intuito de difundir o mesmo conteúdo, mas sem relação entre diferentes espaços (...) e sem que se tire partido das características de cada um dos diferentes meios em que a notícia é exibida” (Ribeiro e Resende, 2017: 141).

Observa-se na cultura digital uma interatividade e uma transmedialidade na medida em que o utilizador comenta e partilha a notícia, assim como os *media* passaram a utilizar o mesmo conteúdo para diferentes plataformas, assegurando a interatividade e a qualidade noticiosa (Silva, 2013).

### 3.2. O reajuste do papel do jornalista face à era digital

O jornalista, inicialmente indissociado do título em papel onde escrevia as suas notícias, vê-se agora confrontado com um ritmo acelerado de produção, para o qual o mundo digital é uma nova realidade.

A influência exercida pelas tecnologias da informação na reestruturação da organização e rotinas jornalísticas não se manifesta de forma igual em todas as redações, uma vez que fatores como a contextualização se alteram de empresa para empresa bem como de jornalista para jornalista. Com o aparecimento da internet, cada individuo pode ser um potencial produtor de conteúdos de informação, facilitando por um lado o acesso por parte do público a um maior número de dados, mas, por outro lado, constituindo um desafio para o jornalista. Com isso, a função do jornalista migra “de especialista de um único meio e generalista em diferentes narrativas para generalista em vários meios e especialista em uma única narrativa”, ou seja, o papel mais importante do jornalista num ambiente de convergência é ter a capacidade de avaliar e determinar quais elementos são necessários para as várias maneiras que a *media* pode ser usada para disseminar uma narrativa (Wilkinson, Grant, Fisher, 2009 *apud* Rasêra, 2010).

A polivalência do jornalista é típica na era da convergência, uma vez que o profissional de comunicação tem de ser capaz de se socorrer de diversas ferramentas para documentar acontecimentos e editar imagens dos mesmos. Devido à tecnologia digital, não é de admirar que um jornalista ao escrever uma notícia tenha de adaptar a vários formatos de distribuição de acordo com as plataformas onde irão ser divulgadas. A referida polivalência encontra-se patente a partir do momento em que a narrativa é pensada não só para linguagem textual, como visual, sonora, gráfica ou até sob formatos micro com números reduzidos de caracteres como nos portais para telemóveis. (Ferrari, 2004; Agnez, 2011).

No que concerne ao jornalista polivalente, Quinn (2005) alerta para a necessidade do profissional ser capaz de escolher o formato mais apropriado para transmitir a notícia, seja ela apresentada na imprensa escrita ou sob uma forma multimédia. Segundo Marcondes Filho (2009), a redação outrora habituada ao caráter material do papel de jornal, apresenta agora o recurso da tecnologia dos computadores que se por um lado é mais abrangente por outro sobrecarrega o jornalista e isola-o.

Tárcia (2009) salienta que o domínio das novas tecnologias digitais permite ao jornalista responder rápida e eficazmente à exigência de cada leitor. O reajuste do papel do jornalista face à nova era digital inclui um ritmo acelerado de reprodução, reorganização do trabalho, novas funções e exigências e desafios éticos. No que se refere aos conteúdos, surgem novas linguagens em detrimento de outras e a imagem é sobrevalorizada.

Há 14 anos atrás, Ferrari (2004), antecipando as mudanças que se avizinhavam no mundo dos jornalistas, alertava para o facto destes terem de começar a preparar notícias para diferentes formatos de distribuição como por exemplo: a internet, a televisão interativa e outros que iriam surgir no futuro. Atualmente, esta visão é consubstanciada pela enorme capacidade interativa e de conectividade entre os seres humanos, dispendo-se de variadíssimas formas de construir a notícia por exemplo através de equipamentos que cabem na palma da mão e que permitem produzir e editar texto, áudio e imagens e aceder à internet.

Hoje em dia pode-se considerar que os jornalistas trabalham numa “redação móvel”, pois devido ao progresso tecnológico conseguem produzir editar e distribuir conteúdos noticiosos em qualquer lugar, desde que se tenha acesso à internet. Este facto originou o que foi mencionado por Agnez (2011) como o “jornalista sentado”, na medida em que os atuais jornalistas podem entrevistar, juntar informação e produzir os seus conteúdos sem saírem do lugar. Segundo Sousa, A. F. (2013: 32), “é necessário que os jornalistas *online* não se deixem seduzir pela velocidade da informação nos meios digitais.” Independentemente do deadline contínuo atualmente exigido, a preocupação com a manutenção da qualidade da notícia é mandatória.

Ainda a propósito da celeridade e multiplicidade das atuais funções exigidas ao jornalista, que impedem uma análise aprofundada, baseando-se a notícia sobretudo nas declarações das fontes, Agnez (2011) salienta que o jornalista está a ficar numa situação melindrosa uma vez que o mesmo corre o risco de ser descredibilizado ao basear-se num exercício mero de relato (ao invés da análise, da especialização, da crítica e dos comentários que anteriormente caracterizavam a função do jornalista). No entanto, nem toda a informação pode constituir jornalismo, uma vez que este destaca-se pelas suas técnicas, normas e procedimentos muito próprios. Palácios (2010: 44) salienta que “é em novas bases que se processa a atividade de filtragem jornalística neste mundo dos tempos reais”, sendo o jornalista o garante do fornecimento de conteúdos com qualidade salientando os relevantes e merecedores de confiança. De acordo com Bastos (2010), o jornalista *online* é acima de

tudo um jornalista, pelo que deve guiar-se pelas diretrizes da sua profissão. Autores como Wolton (2010), Sodré (2009), Moretzsohn (2007), Lemos e Lévy (2010) defendem o papel do jornalismo como *mediador* legítimo, entre a sociedade e a informação, ao fornecer conteúdos filtrados.

Como corolário deste capítulo, salienta-se que as novas realidades remetem para a necessidade de uma formação específica do jornalista nas universidades e nas escolas. Tal como referido por Pavlik *apud* Bastos (2010: 95), os profissionais de *media* deverão ser *cross-media-trained*, isto é, apetrechados com uma formação alargada e multidisciplinar, que lhes permita enfrentar com a máxima competência o atual mercado.



## Capítulo 4. Metodologia

A convergência tem vindo a criar novas oportunidades e desafios bem como reestruturações e alterações nas empresas jornalísticas. No entanto, os estudos elaborados em Portugal relativamente às práticas jornalísticas convergentes e às mudanças adjacentes ao processo da convergência são escassos. Como tal surge a necessidade de estudar a convergência no ambiente da RTP bem como as alterações inerentes e a readaptação das práticas jornalísticas perante o fenómeno. Assim sendo, o presente capítulo debruça-se sobre a metodologia utilizada no presente estudo, elencando os objetivos de pesquisa, a pergunta de partida e as técnicas utilizadas na recolha.

O presente estudo pretende responder à seguinte pergunta de partida: “Como se operacionaliza a produção de conteúdos *cross media* na RTP?”, da qual emergiram as seguintes subquestões: *i*) De que forma o fenómeno da convergência influencia a produção jornalística da RTP? *ii*) Qual o impacto, as oportunidades e os desafios da produção *cross media* no contexto da RTP?

Neste sentido, e de modo a criar um fio condutor entre os objetivos estipulados, a pergunta de partida e o contexto concetual, optou-se por utilizar as seguintes técnicas de recolha de informação, relativa à convergência na produção de conteúdos informativos da RTP:

Observação direta – realizada no estágio realizado na RTP com duração de seis meses, durante o qual existiu a possibilidade de acompanhar a produção de conteúdos para as várias plataformas (online, televisão e rádio). A pertinência de utilizar esta técnica incide na possibilidade de contacto direto obtida com os jornalistas e diretores de informação, com a produção de conteúdos e a comunicação entre as diversas plataformas. Desta forma foi possível assistir, em primeira mão, às decisões tomadas no momento de produção de conteúdos *cross media*, estar presente nas reuniões de decisão de programação informativa diária e acompanhar a comunicação multiplataforma entre online, televisão e rádio. A observação direta foi realizada com o recurso a um diário de campo no qual se compilaram anotações relativas aos processos de convergência observados no período de estágio e consideradas pertinentes para o estudo em questão. Foram ainda anotadas as observações

efetuadas, as tarefas realizadas e os conselhos e comentários, proferidos por jornalistas e coordenadores, sobre a interação entre as plataformas rádio, televisão e *online* da RTP.

Entrevistas semiestruturadas - a escolha deste método qualitativo incidiu no facto deste tipo de entrevista ser uma combinação de perguntas abertas e fechadas, possibilitando um ambiente informal, dando elasticidade na duração e criando proximidade com o entrevistado relativamente a temas mais sensíveis. Desta forma o entrevistador dá espaço ao entrevistado para que este se sinta à vontade para se expressar e, em caso de se dispersar, o entrevistador esforça-se por reencaminhar a entrevista para os seus objetivos. Cria-se ainda a oportunidade de surgirem novas perguntas que facilitarão a entrevista caso haja alguma questão pertinente que surja durante a mesma. A escolha deste método incidiu na importância de recolha das percepções dos sujeitos direta e diariamente estão em contacto com o processo de *cross media* na produção de conteúdos informativos da RTP. É de salientar que todas as entrevistas foram objeto de gravação áudio de modo a facilitar a transcrição integral das mesmas.

No contexto do nosso estudo, a entrevista semidiretiva assumiu particular relevância. A abordagem qualitativa, de acordo com Fortin (1999:144) preocupa-se com “uma compreensão absoluta e ampla do fenómeno em estudo. Ela observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresenta sem procurar controlá-los.” Assim sendo, este método é o mais adequado para atingirmos o objetivo do nosso estudo, isto é, alcançar um conhecimento amplo do fenómeno da convergência na RTP e perceber sentimentos, sensações, ideias, que de outra forma não seria possível.

Como entrevistados foram escolhidos os diretores de informação das plataformas online, televisão e rádio, assim como jornalistas de cada uma das plataformas que estivessem presentes no dia das entrevistas ou que se mostrassem disponíveis para responder. Pretendeu-se com esta abordagem avaliar a percepção do fenómeno apresentada pelos diretores e pelos jornalistas que lidam com a convergência no seu dia-a-dia. As entrevistas foram realizadas, tendo por base um guião semiestruturado criado com o objetivo de cobrir cinco eixos temáticos: I. Caracterização do participante no estudo, contemplando nome, idade, cargo que desempenha e ano de início de atividade na RTP; II. Processos de convergência (em que são colocadas questões sobre as circunstâncias em que existe convergência, como decorre o processo de implementação do conceito, ou seja, em que momento e se houve alguma preparação e por último, saber se a convergência atinge a sua máxima potencialidade na

RTP); III. Práticas jornalísticas (em que se pretende compreender o perfil do jornalista responsável pela produção de conteúdos *cross media*, em que consiste o trabalho do mesmo, perceber se a formação dos jornalistas é essencial para a prática jornalística convergente, em que é que divergem as atuais atividades desenvolvidas no jornalismo em relação ao jornalismo tradicional, compreender como ocorre o processo de *cross media* e a produção de notícias, saber se o papel do jornalista foi reconfigurado e se existiu algum tipo de resistência por parte dos jornalistas mais antigos na reconfiguração das práticas e processos de convergência); IV. Desafios e oportunidades (em que se pretende perceber quais os desafios que os jornalistas encontram nas redações multiplataforma e quais as oportunidades criadas através do processo de convergência).

De modo a criar uma maior empatia com os entrevistados, as entrevistas iniciaram-se com uma descrição da temática e dos objetivos do estudo, tendo igualmente sido explicitado como a visão dos entrevistados contribuiria para uma melhor compreensão do fenómeno em estudo. No total foram entrevistados sete indivíduos: o subdiretor de informação da plataforma *online* Alexandre Brito, a jornalista Catarina Marques Rodrigues, que transitou do *online* para televisão, o diretor adjunto de informação de televisão António José Teixeira, a correspondente em Madrid Daniela Santiago, a jornalista de televisão Rita Marrafa, o diretor de informação de rádio João Paulo Baltazar e o jornalista da Antena 1 José Manuel Rosendo (Tabela 1).

A escolha dos entrevistados teve por base o objetivo de conhecer as perceções de profissionais que desempenham diferentes cargos na RTP e cuja atividade se estende às três plataformas. Todas as entrevistas foram gravadas com exceção da realizada à jornalista Daniela Santiago que, por se encontrar em Madrid, gravou as suas respostas e enviou-as em formato áudio por email.

**Tabela 1** – Caraterização dos entrevistados.

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Cargo</b>	<b>Ano de início de atividade na RTP</b>
Alexandre Brito	42 anos	Subdiretor de informação do <i>online</i>	2002
Catarina Marques Rodrigues	24 anos	Jornalista do <i>online</i> que atualmente está em televisão	2016



António José Teixeira	56 anos	Diretor adjunto de informação de Televisão	2016
Rita Marrafa de Carvalho	39 anos	Jornalista de Televisão	2000
João Paulo Baltazar	50 anos	Diretor de informação das rádios	2015
José Manuel Rosendo	56 anos	Jornalista de rádio	1993
Daniela Santiago	43 anos	Correspondente da RTP de televisão e rádio em Espanha	1996

Podemos observar que dos sete entrevistados, três pertencem ao sexo feminino e quatro ao sexo masculino. No que se refere à idade, a mesma variou entre os 24 e os 56 anos, apresentando uma média de 44,3 anos. Considerando a idade de cada entrevistado, um dos entrevistados possuía 25 anos, quatro entrevistados apresentavam idades compreendidas entre os 25 e os 50 anos e dois dos entrevistados tinham mais de 50 anos. Relativamente ao ano de início de atividade na RTP, observa-se que dois dos entrevistados (jornalista Manuel Rosendo e jornalista Daniela Santiago) ocupavam os cargos há precisamente 24 e 21 anos, seguidos da jornalista Rita Marrafa e do subdiretor de informação do *online* Alexandre Brito que exerciam a profissão na RTP há 17 e 15 anos. Por último, entrevistámos o diretor de informação de rádios João Paulo Baltazar (2 anos), o diretor adjunto de informação de televisão António José Teixeira (1 ano) e a jornalista Catarina Marques Rodrigues (1 ano).

## Capítulo 5. Análise e discussão dos resultados

Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas, tendo-se seguido o trabalho de análise dos dados, que se iniciou com a categorização temática do conteúdo. As respostas foram objeto de triangulação, procurando-se compreender os pontos de convergência e divergência existentes nos discursos dos diferentes entrevistados. As categorias temáticas foram definidas tendo presentes os objetivos do estudo, sendo elas:

A primeira categoria – convergência nas diferentes plataformas da RTP – procura compreender a forma como os diferentes entrevistados percecionam o modo como este fenómeno é operacionalizado na empresa (Tabela 2).

**Tabela 2** – Principais ideias dos entrevistados sobre a existência de convergência nas plataformas televisão, rádio e *online* da RTP.

Nome	<i>Verbatim</i>
Alexandre Brito	“A convergência à partida só existe em empresas que têm mais que uma área, como o caso da RTP que tem televisão, rádio e o digital (...) basta olhar por exemplo para o caso do <i>site</i> da RTP, um <i>site</i> que tem vídeo, áudio, texto, tudo e mais alguma coisa que possa existir a nível de jornalismo, é um <i>site</i> que tem claramente convergência.”
Catarina Marques Rodrigues	“Sinceramente acho que ainda não é muito fluida, não é uma coisa que aconteça tantas vezes quanto poderia acontecer, mas acho que temos todos os meios para isso (...) Da televisão para o <i>online</i> há uma convergência espetacular que funciona muito bem e depois da rádio para o <i>online</i> também.”
António José Teixeira	“Sim. É esse caminho que estamos a fazer, obviamente que ainda é um caminho inacabado e incompleto, mas nos nossos objetivos está prosseguir esse caminho.”
Rita Marrafa de Carvalho	“Sim, há convergência (...) e acho que funciona muito bem a convergência entre televisão e multimédia e rádio e multimédia, televisão e rádio ainda acho que é um trabalho a fazer.”
João Paulo Baltazar	“O edifício onde nós estamos não é um edifício construído de raiz para esta empresa (...) portanto houve uma adaptação dos espaços e não há um espaço físico onde se consiga ter uma redação. (...) Nas atuais circunstâncias mais do que uma convergência de redações (...) é haver um bom trabalho de sinergias a dois níveis essenciais: trabalhos de cooperação, por ex com enviados especiais, pode ir uma equipa que faz para os dois lados. Esse trabalho de convergência está a concretizar-se efetivamente ao nível dos correspondentes internacionais que neste momento, ao contrário do que acontecia há uns anos, todos eles fazem

	rádio e televisão. (...) e a plataforma digital de notícias do grupo RTP que é a rtp.notícias, que gere o fluxo de informação produzido pela rádio, pela televisão e o fluxo criado por eles. Aperfeiçoar isso parece-me ser uma prioridade neste momento, mais do que juntar as pessoas todas numa sala porque não temos fisicamente condições para o fazer.”
José Manuel Rosendo	“De algum modo (...) a rádio faz alguns programas (de informação) que ao mesmo tempo são gravados a vídeo e são depois distribuídos nas plataformas de televisão, estamos nas redes sociais e portanto esse esforço existe, agora para que esse tipo de projetos e a convergência seja feita tem que haver mais gente (...) Se calhar não estamos a funcionar como modelo ideal porque é preciso encontrar outro modelo que consiga ser agregador de todas estas diferentes plataformas.”
Daniela Santiago	“Sim, há de facto uma convergência muito grande entre rádio, <i>online</i> e televisão na RTP já há bastante tempo e no meu caso em especial eu noto muito isso porque eu trabalho para televisão, rádio e muitas vezes também para o próprio <i>online</i> .”

As respostas obtidas permitem observar que todos os entrevistados reconhecem a existência de convergência ainda que, para alguns, a mesma não seja plena.

Para Alexandre Brito, sendo a RTP uma empresa que agrupa as três plataformas, significa que estão reunidas as condições necessárias para a verificação de convergência; menciona o *site* da RTP uma vez que o mesmo agrega diferentes formatos: texto, áudio, vídeo, etc. Revelando assim: “a RTP é uma empresa que tem nesse sentido trabalhado para o caminho da convergência.” Observando as respostas das jornalistas Catarina Marques Rodrigues e Rita Marrafa de Carvalho é perceptível a facilidade de comunicação e troca de informação entre os jornalistas que trabalham em televisão e na plataforma *online* e a rádio e o *online*. No entanto, tal como a jornalista Rita Marrafa de Carvalho menciona: “[entre] televisão e rádio ainda acho que é um trabalho a fazer”.

Para António José Teixeira, diretor adjunto de televisão, a convergência revela ser um caminho inacabado e incompleto, no entanto está nos objetivos colmatar os desafios que se colocam à operacionalização da mesma. O diretor de informação de rádio, João Paulo Baltazar, fala sobre a reestruturação das respetivas redações. Esta deve-se a um sentimento de necessidade de mudança por parte da empresa: “quando eu assumi esta função em abril de 2015 a RTP estava desde há um ou dois anos a tentar concretizar um projeto de convergência das redações inspirado em modelos como o dinamarquês, que foi estudado pelo que sei por direções anteriores e outros em que de facto se tenta criar uma redação conjunta com valências de televisão, rádio, multimédia, *online* e o digital no centro das operações.” João Paulo Baltazar considera ser um entrave, para a convergência na RTP, o

facto de o edifício atual não ter sido construído de raiz para a empresa. Por esse motivo, entende que a inexistência de uma sala de redação dificulta a proximidade dos jornalistas. Na impossibilidade de contornar este facto, considera que as prioridades prévias a uma verdadeira convergência são a existência de enviados especiais que concretizem trabalhos para duas plataformas (por ex: televisão e rádio) e a plataforma digital. Para José Manuel Rosendo, jornalista de rádio, o modelo ideal para agregar todas as plataformas ainda não foi descoberto, no entanto considera que de algum modo existe convergência e vê a RTP como: “a empresa ideal para se pensar nisso, para além de ter rádio e televisão, em cada uma das duas existe uma série de canais. O que torna as coisas por um lado mais apelativas e por outro mais difíceis, porque fazer convergir isso tudo é complicado”. Na perceção de Daniela Santiago, existe muita convergência entre as três plataformas, uma vez que trabalha regularmente com todas.

Apesar de a convergência estar bem presente no discurso de todos os entrevistados, ainda há muitos obstáculos a serem derrubados. Um deles concerne à reestruturação do espaço da empresa que, apesar de reunir num mesmo edifício as três plataformas, não as une numa mesma área, dificultando assim a difusão de informação que poderia ser de forma mais rotineira e ordenada. No entanto, na conjuntura atual da RTP existem diversos conteúdos de todas as plataformas reunidos, diariamente, no *site* da empresa. Todos os dias, as peças televisivas são editadas para formato digital, tornando a acessibilidade das mesmas à distância de um clique. Também em relação à rádio são incorporados os áudios no *site* da RTP.

Esta clara preocupação da inserção dos conteúdos produzidos para as diversas plataformas no *site* demonstra o cuidado dos jornalistas em dar visibilidade a todos os tipos de conteúdos para além dos que são criados especificamente para a plataforma *online*.

A segunda categoria temática – periodicidade de práticas jornalísticas convergentes na RTP – procura compreender a frequência com que os entrevistados executam este tipo de atividade (Tabela 3).

**Tabela 3** – Principais ideias dos entrevistados sobre a periodicidade de práticas jornalísticas convergentes que realizam na redação.

Nome	<i>Verbatim</i>
Alexandre Brito	“Sim, todas elas e todos os dias. Posso dar um exemplo, todos os dias nós fazemos uma <i>newsletter</i> e a <i>newsletter</i> tem uma versão em antena. Há trabalhos que nós fazemos aqui que acabam em peças do Sexta às 9, há reportagens que nós fazemos aqui que acabam em peças de televisão ou em peças de rádio, já aconteceu isso muitas vezes.”
Catarina Marques Rodrigues	“(…) tem a ver com as alturas em que acho que tem lógica e quando tenho mais tempo para fazer isso. Das vezes que fiz, fiz peça para o <i>online</i> , um texto vídeo, fiz reportagem para a televisão e fiz peça de rádio (...). Já fiz algumas vezes, talvez seis ou sete mas mais do que isso não. Mas por ter feito sei que por um lado é muito bom mas por outro é muito exigente.”
António José Teixeira	“Por exemplo escrevendo opinião no <i>online</i> , por exemplo organizando trabalho em que o <i>online</i> é parte também desse planeamento. Nós temos uma reunião diária, que se dá logo pela manhã em que temos televisão, canal 1, canal 3, <i>online</i> e portanto partilhamos informação”
Rita Marrafa de Carvalho	“Eu trabalho essencialmente para televisão, se for necessário num caso particular fazer alguma coisa para rádio como já aconteceu, faço, obviamente que sim. Se tiver de desempenhar alguma gravação rápida ou um texto para multimédia também o faço, mas não é algo que faça correntemente.”
João Paulo Baltazar	“Eu tenho estimulado isso, por um lado trabalhando em estreita colaboração com o Paulo Dentinho e a sua equipa no sentido de tentarmos planejar trabalhos em que gerimos os recursos em conjunto e otimizamos os recursos, portanto esse é um aspeto, por outro tenho incentivado a minha equipa de jornalistas da rádio a ser mais proativos relativamente ao <i>online</i> .”
José Manuel Rosendo	“Eu às vezes faço trabalho para rádio e televisão, especialmente quando vou em reportagem, mas isso acontece duas ou três vezes por ano e também porque quando eu vou em reportagem estou lá quase um mês (...) mas a convergência não deve servir para que uma pessoa faça o trabalho de duas ou três, porque são coisas diferentes (...) se o jornalista está num sítio a tentar perceber o que se passa à volta dele e está em simultâneo preocupado com o computador, a máquina fotográfica, o gravador de som (...) e o elemento principal que faz funcionar a máquina dele que é a informação, que ele tem que estar a observar para a captar, vai perder metade dela.”
Daniela Santiago	“A periodicidade da convergência é praticamente diária com exceção de algumas situações, algumas histórias que podem dar só para televisão ou para rádio mas em todos os casos dão sempre para o <i>online</i> .”

Para os diretores e subdiretor de informação é clara a implementação de práticas convergentes e de troca de informação entre as plataformas. Alexandre Brito refere que relativamente às práticas convergentes as executa “todos os dias”. Já António José Teixeira revela-nos as reuniões diárias que são tidas em conjunto com outras plataformas de forma a dinamizar o fluxo de informação e, por sua vez, João Paulo Baltazar, em estreita colaboração com o Diretor de Informação de Televisão, Paulo Dentinho, tenta otimizar e gerir os recursos, bem como fomenta, junto da sua equipa de rádio, a necessidade de proatividade relativamente ao *online*. Para a jornalista Catarina Marques Rodrigues, a periodicidade está ligada à sua disponibilidade e “às alturas que acho que têm lógica”. Já Rita Marrafa de Carvalho não considera corrente a sua prática jornalística convergente mas diz que se for necessário executa tarefas para outras plataformas tal como já o fez anteriormente.

No caso da correspondente Daniela Santiago, a periodicidade é diária e com ambas as plataformas. O jornalista José Manuel Rosendo revela que duas a três vezes por ano executa peças para televisão e rádio, no entanto considera que a convergência não deve ser utilizada para que uma pessoa faça o trabalho de duas ou três. Tal preocupação encontra-se também expressa na parte teórica deste estudo, em que Gradim (2003: 117) define a capacidade do jornalista laborar em diferentes meios como “uma espécie de MacGyver”, “o homem dos mil e um recursos”, ou seja, alguém capaz de trabalhar sozinho, equipado com os materiais necessários (câmara de vídeo, microfone...) para que possa produzir e editar conteúdos para diversos meios: televisão, *site*, rádio e ainda para a imprensa. Em concordância, Salaverría (2010: 36) alega que as empresas de hoje em dia procuram polivalência profissional: “Os jornalistas que costumavam desempenhar uma única tarefa – redação, fotografia, desenho, documentação... - para um único meio, começam a ser uma ave rara do passado”. Para o jornalista de rádio José Manuel Rosendo este conceito de “o jornalista faz tudo” não é na prática operacional, justificando ao longo da sua entrevista que “aquilo que as empresas têm feito é precisamente isso, mas é um erro, é um mito urbano, é aquela ideia do jornalista com uma mochila às costas, computador numa mão, máquina fotográfica na outra e se calhar um terceiro braço não sei onde para segurar o microfone e uma máquina na cabeça, isso é um mito”. Justifica ainda a sua ideia: “se o jornalista está num sítio a tentar perceber o que se passa à volta dele e está em simultâneo preocupado com o computador, a máquina fotográfica, o gravador de som, o gravador de imagem, os níveis, a luz... acabou. Está preocupado com uma série de coisas e o elemento principal que faz

funcionar a máquina dele que é a informação, que ele tem que estar a observar para a captar, vai perder metade dela.” Considera que a convergência só funciona “se eu for com um técnico de câmara, a recolher o meu material sem estar preocupado com mais nada sem ser com a informação e depois essa informação recolhida vai ser trabalhada quando eu chego à redação e depois posso escrever um texto para a imprensa, para a *net*, posso fazer uma peça de rádio e posso fazer uma peça de televisão.”

Verifica-se, portanto, que a periodicidade da produção de conteúdos para diferentes plataformas é muito diversa porque não existe uma norma para execução dessa prática. Para um dos entrevistados a periodicidade é diária e extensiva às três plataformas enquanto que para outros é ocasional e baseada nas características do texto que o jornalista entende como sendo ou não adequado ao contexto de convergência e, ainda, de acordo com a própria disponibilidade do profissional. Embora a planificação de trabalhos em estreita colaboração entre os diferentes meios seja apontada como uma estratégia para estimular a convergência entre plataformas, há jornalistas que sublinham que a convergência não deve servir para que um profissional realize o trabalho de dois ou três. De igual modo, é clara a preocupação com a produção em simultâneo de conteúdos áudio, televisivos ou digitais pelo seu potencial de prejudicar a qualidade da informação.

De um modo geral, é possível compreender-se a predisposição apresentada por todos os entrevistados em executar práticas jornalísticas convergentes sempre que necessário. Por um lado, há jornalistas que, por vontade própria, elaboram conteúdos com o intuito de os incorporar e adaptar noutras plataformas, por outro há a preocupação vinda por parte das direções em implementar essas práticas e incentivar às mesmas.

Mas de que modo a RTP incentiva a preparação prévia dos jornalistas para que estes possam produzir conteúdos para diferentes plataformas? A terceira categoria temática – encorajamento e preparação prévia dada pela RTP aos jornalistas no sentido da convergência – procura responder a esta questão ao averiguar junto dos entrevistados quais, na sua opinião, consideram ser as apostas da RTP na formação e no treino que são dados aos jornalistas de modo a poderem adotar práticas de produção convergentes (Tabela 4).

**Tabela 4** – Principais ideias dos entrevistados sobre o encorajamento e preparação prévia dada pela RTP aos jornalistas no sentido da convergência.

Nome	<i>Verbatim</i>
Alexandre Brito	“ (...) a área digital tem tudo, tem imagem, tem som, portanto tudo converge ali e nesse sentido as pessoas são ajudadas e trabalhadas e encaminhadas e elas próprias querem trabalhar nessa convergência (...) se há alguém que entra e que está a começar na televisão eu espero que isso até seja feito nas faculdades (...). As pessoas que estão na área obviamente que estão adaptadas a isso, qualquer jornalista da RTP consegue fazer qualquer coisa nas três áreas que a RTP tem.”
Catarina Marques Rodrigues	“(...) cada vez mais há jornalistas que escrevem opiniões para o <i>online</i> por exemplo, o multimédia faz coisas para as redes sociais, vídeos em direto (...) preparação prévia que eu saiba não, nunca tive nenhuma formação nesse sentido.”
António José Teixeira	“ Sim, cada vez mais (...) estimulamos que as imagens que obtemos por exemplo possam muito rapidamente atravessar as plataformas sendo, enfim às vezes tecnicamente nem sempre as plataformas estão preparadas para ser muito rápidas a assimilar e a distribuir esses conteúdos mas procuramos incentivar essas práticas sim.
Rita Marrafa de Carvalho	“Não. Tem muito a ver com a proatividade do jornalista, não é uma política implementada mas nós próprios porque nos conhecemos e sabemos o que cada um desempenha em cada área, acabamos por nos auxiliar (...) por isso é algo que acabamos por adotar nós próprios em termos de atitude e comportamento.”
João Paulo Baltazar	“No discurso oficial da empresa o digital tem surgido com muita insistência e regularidade e eu acho que há uma clara vontade de o fazer, agora se são proporcionadas as condições para que isso se torne uma realidade, tenho algumas dúvidas (...) muitos jornalistas da televisão tiveram uma formação do essencial em técnicas de comunicação em rádio e os jornalistas da rádio tiveram uma formação do essencial de técnicas de comunicação em televisão (...) o que nós fizemos no caso da rádio foi uma primeira formação, que eu quero que tenha seguimento, em redes sociais para jornalistas.”
José Manuel Rosendo	“ Encoraja (...)Têm havido ações de formação para várias coisas, portanto isso são <i>inputs</i> que nós vamos recebendo.”
Daniela Santiago	“ Sim (...) eu julgo que a RTP até foi bastante pioneira nessa situação, houve cursos. Portanto os jornalistas de televisão fizeram cursos de rádio, e vice versa, em termos de <i>online</i> também houve algumas ações práticas (...) Houve preparação prévia nesse sentido, principalmente em termos de linguagem para a construção de peças em rádio e também a sua própria edição houve cursos sobre isso, sei



	que os colegas da rádio também tiveram algumas noções da linguagem que se utiliza, da técnica de diretos para televisão.”
--	---

Alexandre Brito começa por referir um aspeto relacionado com o ponto anteriormente mencionado, em que José Manuel Rosendo não considera a ideia de um jornalista executar tudo como algo viável e, neste sentido e em resposta à pergunta efetuada, o subdiretor de informação do *online* Alexandre Brito sente a necessidade de explicar: “Há um erro em achar que a convergência é que todos vão fazer tudo e isso não existe, nem aqui nem em lado nenhum do mundo. Um *pivot* que é especialista como *pivot* há-de trabalhar como *pivot* a vida toda ou não, mas quer dizer o trabalho principal dele é esse. Há obviamente pessoas que têm mais a capacidade de trabalhar e têm mais formatos ao mesmo tempo e a tendência normal que as pessoas vêm nisso é na área digital porque é uma área que converge todo o conteúdo.” É clara a posição de ambos perante a premissa de que o jornalista deve fazer tudo.

No seguimento da sua explicação, Alexandre Brito ainda salienta relativamente à preparação, que a mesma deve ser dada nas faculdades e que dentro da RTP todos os jornalistas estão aptos para executar práticas jornalísticas em todas as plataformas.

As jornalistas Catarina Marques Rodrigues e Rita Marrafa de Carvalho não têm conhecimento da existência de preparações prévias. A primeira refere, ainda, que não teve nenhuma preparação nesse sentido enquanto a segunda considera que, apesar de a política da preparação prévia dos jornalistas não ser implementada, o âmago da questão centra-se na proatividade vinda de cada jornalista. O diretor João Paulo Baltazar refere a insistência e regularidade no discurso oficial da empresa no sentido da convergência, no entanto não sabe se são reunidas as condições necessárias para que se torne uma realidade, mas salienta as formações dadas tanto a jornalistas de rádio e televisão para que tivessem conhecimentos em áreas diferentes daquelas em que trabalham, tendo ainda recebido formação em *media* sociais, que segundo o mesmo, terá seguimento.

No caso dos restantes entrevistados todos consideram que houve preparações prévias. António José Teixeira refere os constantes incentivos, enquanto que José Manuel Rosendo menciona a existência de várias formações efetuadas e Daniela Santiago refere as formações que João Paulo Baltazar mencionou relativamente aos jornalistas de rádio e televisão.

De facto, as novas realidades remetem para a necessidade de uma formação específica do jornalista e, tal como referido por Pavlik *apud* Bastos (2010: 95), os

profissionais de media deverão ser *cross-media-trained*, isto é, apetrechados com uma formação alargada e multidisciplinar, que lhes permita enfrentar com a máxima competência o atual mercado.

Recorrendo às anotações do diário de campo é possível perceber o espírito de entreajuda sentido na redação do online, uma vez que sempre que existia algum tipo de dúvida por parte de algum dos jornalistas mais recentes, relativamente ao *site* ou certas ferramentas necessárias para se executar algum tipo de tarefa, outro jornalista fazia questão de explicar e ajudar no que fosse necessário. Também na rádio foi possível observar uma interação de entreajuda e cooperação. Para além disto, era notória a troca de informação entre as três plataformas e a reciprocidade com que a mesma era recebida e posteriormente adaptada a cada meio. Este tipo de ambiente torna-se fulcral para a integração de novos jornalistas que não recebam algum tipo de preparação prévia e torna-os aptos para não só se sentirem familiarizados com as ferramentas necessárias às suas rotinas mas também para desenvolverem mais conteúdos jornalísticos e terem espírito de iniciativa relativamente a práticas convergentes.

Da interpretação das respostas dos entrevistados sobre o encorajamento e a preparação prévia dada, pela RTP, aos jornalistas no sentido da convergência, observa-se uma dicotomia. Alguns afirmaram ter certeza de um total encorajamento e preparação prévia na RTP no sentido do estímulo e de cursos disponibilizados nas diferentes plataformas, enquanto outros são de opinião que o estímulo tem vindo a ocorrer num crescendo embora sem formação antecipada contando, somente, a proatividade do jornalista com vista à convergência.

A quarta categoria – nível de convergência atual na RTP – procura compreender qual a perceção, por parte dos entrevistados, relativamente ao nível de convergência atualmente verificado na RTP.

**Tabela 5** – Principais ideias dos entrevistados sobre o nível de convergência verificado atualmente na RTP.

Nome	<i>Verbatim</i>
Alexandre Brito	“Médio. Porque de certa forma até pela estrutura da própria empresa, até mesmo física em que nós vivemos em andares diferentes, se tivéssemos mais próximos, se fosse uma redação única com a

	televisão a rádio e o digital, a informação fluía mais, teria eventualmente mais convergência de informação, que essa é fundamental.”
Catarina Marques Rodrigues	“Médio. Porque se eu vir de dentro, acho que há mais potencialidades para fazer mais, mas se eu vir de fora e quiser ver uma coisa que a RTP fez, um programa qualquer ou reportagem que se queira mostrar aos amigos consegue-se encontrar rapidamente, mesmo os próprios jornalistas já são protagonistas nas redes sociais.”
António José Teixeira	“Diria que estamos ao nível médio, porque percorremos já um grande caminho, já demonstramos uma vitalidade nas nossas plataformas online, plataformas digitais, produzimos muitos conteúdos digitais ao longo do dia, muito vídeo que trabalhamos, newsletters, um serviço de alertas permanente em relação a tudo o que está a acontecer (...) portanto acho que a esse nível podemos dizer que já demos passos significativos mas sempre com noção de que obviamente temos muito ainda para dar.”
Rita Marrafa de Carvalho	“É médio. Porque na verdade eu não tenho conhecimento o que é que a agenda de rádio está a fazer, não é que tivesse que o ter mas se calhar eu acho que poderia haver uma maior coordenação de meios e tornar-se-ia mais ágil se a redação estivesse mais próxima, até fisicamente.
João Paulo Baltazar	“Eu acho que é mínimo, porque ainda há um grande divórcio das redações. Para já há redações, ou seja há a redação da rádio e há a de televisão, depois há uma equipa autónoma que trabalha a parte que é colocada no portal de notícias do digital/ <i>online</i> (...)Portanto o grau, eu vou ser otimista e vou ser simpático, acho que está entre o mínimo e o médio e espero que estejamos a fazer caminho para chegar ao médio. “
José Manuel Rosendo	“Eu acho que é mínimo (...) é o sítio ideal para trabalharmos a convergência mas com mais pessoas, só que não há meios.”
Daniela Santiago	“Eu não diria máximo, não gosto de dar pontuação 20 mas eu diria que há de facto uma convergência muito grande na RTP.”

Sendo a convergência um tema tão falado na conjuntura atual, pretende-se compreender a perceção dos entrevistados sobre este fenómeno no contexto da RTP.

Através das respostas obtidas, observa-se que quatro dos entrevistados, sendo eles jornalistas e diretores de televisão e de *online*, classificam como “médio” o nível de convergência atual na RTP. No discurso de Alexandre Brito emerge a questão da reestruturação da empresa anteriormente referida também por João Paulo Baltazar. De facto,

sendo a RTP uma empresa que produz televisão, rádio e conteúdos para plataformas online, seria de esperar que o caminho para a convergência estivesse facilitado. No entanto, sendo a distribuição das plataformas divididas por andares, tal parece dificultar a interação entre os diversos produtores de conteúdos nas diferentes áreas. Considera o jornalista que, caso tal não acontecesse, a convergência de informação seria mais fluida e portanto estaria num nível de classificação elevado. A jornalista Catarina Marques Rodrigues fala-nos que do ponto de vista interno, enquanto jornalista, ainda há mais potencialidades a serem alcançadas no que concerne às práticas de convergência. Porém, referindo-se ao público, isto é, de um ponto de vista externo, é patente a facilidade com que o mesmo acede aos conteúdos das três plataformas no *site* da RTP, sejam eles reportagens, entrevistas, vídeos, etc.. António José Teixeira destaca o caminho percorrido e alcançado até ao momento, relativamente às plataformas digitais, newsletters e alertas, com a noção de que “obviamente temos muito ainda para dar.” A jornalista Rita Marrafa de Carvalho refere a falta de conhecimento enquanto jornalista de televisão da agenda da rádio, a pouca coordenação entre estas duas plataformas.

Já na rádio observa-se que tanto o jornalista José Manuel Rosendo como o diretor de informação de rádio João Paulo Baltazar consideram que o nível de convergência verificado atualmente na RTP pauta-se pela classificação mínima. O diretor refere o “divórcio” entre redações como o principal motivo para avaliar o nível de convergência de modo pouco positivo, mencionando também a falta de meios humanos. Do ponto de vista da correspondente em Espanha, Daniela Santiago, existe uma elevada convergência dentro da RTP, no entanto esta classificação é atribuída de acordo com as práticas jornalísticas convergentes da correspondente que diariamente contacta com as três plataformas e elabora conteúdos para as mesmas.

Durante o período de estágio foi possível observar diversos momentos de convergência nas rotinas dos jornalistas da RTP. No âmbito do online, diariamente as peças televisivas do Jornal da Tarde, Telejornal e Bom Dia Portugal (para além de outros, quando necessário) eram convertidas em formato digital para o *site* RTP notícias. Peças de rádio também eram convertidas em formato *online* para que o público pudesse ter um acesso imediato aos conteúdos.

Relativamente à interação entre plataformas, foi possível observar diversas colaborações, entre elas uma reportagem sobre o lixo, inicialmente pensada para *online* pela

jornalista Sandra Salvado, e posteriormente adaptada a televisão. Deste modo, a jornalista do *online* trabalhou com a equipa do programa “Sexta às 9” para elaborar a reportagem “Lixo suspeito vindo de Itália chega a Portugal”. Outro caso presenciado foi o da jornalista Catarina Marques Rodrigues que elaborou reportagens para o *online* que posteriormente foram adaptadas para a televisão e a rádio, sendo estas: “Amir Ashour: Se voltasse agora para o Iraque, ou era preso para o resto da vida ou era logo morto” (*online*), “Gay e iraquiano: uma combinação não aconselhável” (televisão), “Prisioneiros da Geografia” (rádio) e “Vereador de Lisboa: É preciso fazer marketing com os Direitos Humanos. Vender como se vende um produto” (*online* e televisão). Para além destes casos presenciados também foi possível assistir a alguns momentos de comunicação entre a correspondente de Madrid e as três plataformas, em que era delineada uma estratégia por parte da jornalista em concordância com os jornalistas de cada plataforma, para que tivessem peças sobre um mesmo assunto, adaptadas a cada meio.

Constata-se, deste modo, a existência de visões distintas sobre o nível de convergência existente na RTP. Enquanto a maioria dos entrevistados considera que na empresa existe um nível médio de convergência, outros consideram-no mínimo devido à manifesta separação entre redações e ao desconhecimento das agendas o que impede uma maior coordenação.

A quinta categoria – perfil do jornalista que produz conteúdos para diferentes plataformas– procura compreender as principais ideias dos entrevistados relativamente à existência ou inexistência de um perfil dos jornalistas que produzem conteúdos para diferentes plataformas.

**Tabela 6** – Principais ideias dos entrevistados sobre o perfil do jornalista que produz conteúdos para diferentes plataformas.

Nome	<i>Verbatim</i>
Alexandre Brito	“Não há perfil, um jornalista tem que estar adaptado nas várias plataformas, seja ele qual for.”
Catarina Marques Rodrigues	“Não sei se há perfil, se calhar os mais novos são mais conscientes para isso, porque também apareceram outras plataformas que antes não existiam.”

António José Teixeira	“Podíamos dizer “bom o perfil tem uma marca etária muito nítida” é provável que tenha em termos de tendência de serem os mais novos mas também consigo encontrar em pessoas mais velhas esse cuidado e essa prática ou esse hábito (...) tem também a ver com formação, tem a ver com motivação, tem a ver com interesse próprio individual.”
Rita Marrafa de Carvalho	“Eu acho que não há nem deve haver (...). Tem é que haver interesse e disponibilidade e abertura de mente e eu acho que isso consegue-se em várias idades.”
João Paulo Baltazar	“Não é necessariamente uma questão geracional mas a predisposição para isso é maior em gente na casa dos 20’s/30’s claramente.”
José Manuel Rosendo	“Não tem a ver com o perfil (...) não há uma idade, o que há é experiência.”
Daniela Santiago	“Depende muito. Há jornalistas sénior que estarão a coordenar e responsáveis por algumas áreas e depois há também jornalistas bastante jovens e até se calhar alguns estagiários que estão se calhar a ter o contacto na produção desses conteúdos.”

Através das respostas obtidas compreende-se a importância da predisposição vinda de cada jornalista para executar práticas convergentes. Assim sendo, nenhum dos entrevistados considera que exista um perfil definido dos jornalistas que executam práticas jornalísticas convergentes.

Para Alexandre Brito a inexistência de um perfil significa que a capacidade de produzir conteúdos para diferentes plataformas depende da capacidade de adaptação dos jornalistas. António José Teixeira encontra em ambas as faixas etárias – jovens e mais séniores - práticas e hábitos no sentido da convergência, como tal considera que “tem também a ver com formação, tem a ver com motivação, tem a ver com interesse próprio individual”. Em sintonia com esta ideia, Rita Marrafa de Carvalho considera o interesse, a disponibilidade e a abertura de mente como fatores fulcrais que não têm idades estipuladas. João Paulo Baltazar considera que existe mais predisposição na faixa etária dos 20 e 30 anos. Para José Manuel Rosendo não é a idade que conta mas sim a experiência e, por fim, a correspondente Daniela Santiago também não considera que haja um perfil claro do jornalista que produz conteúdos para diferentes plataformas.

Durante o período de estágio foi possível acompanhar o dia a dia dos jornalistas e algumas das suas práticas jornalísticas convergentes. Para além da predisposição que cada um demonstrava, não se verificaram características específicas comuns entre os jornalistas que executam essas mesmas práticas. No entanto Wilkinson, Grant e Fisher (*apud* Rasêra, 2010) consideram que a função do jornalista migra “de especialista de um único meio e generalista em diferentes narrativas para generalista em vários meios e especialista em uma única narrativa”, ou seja, o papel mais importante do jornalista num ambiente de convergência é ter a capacidade de avaliar e determinar que elementos são necessários para que os vários *media* possam disseminar uma narrativa. Outro dos aspetos muito falado relativamente ao jornalista na conjuntura atual refere-se à polivalência, isto é, o profissional de comunicação tem de ser capaz de se socorrer de diversas ferramentas e meios para documentar acontecimentos.

Relativamente à questão sobre o perfil do jornalista que produz conteúdos para diferentes plataformas, verificou-se que, na opinião dos profissionais entrevistados, não existe propriamente um perfil. É opinião generalizada que o profissional tem que se adaptar sendo essa adaptação independente da idade (embora aparentemente mais fácil para os mais jovens) mas sobretudo alicerçada nas características individuais do jornalista e do seu empenho e experiência profissionais.

A sexta categoria temática – a reconfiguração do papel do jornalista– procura compreender junto dos entrevistados, quais são as mudanças verificadas na era atual, relativamente à profissão.

**Tabela 7** – Principais ideias dos entrevistados sobre a reconfiguração do papel do jornalista.

Nome	<i>Verbatim</i>
Alexandre Brito	“Há diferenças na rapidez, no tratamento, na forma como chegamos às fontes, como as fontes chegam a nós também, como chegamos aos acontecimentos (...) o que está à nossa volta é que foi reconfigurado e fez-nos adaptar para conseguir reagir a essas alterações (...). Mas a base do jornalismo, tenho eu essa esperança, é sempre a mesma.”
Catarina Marques Rodrigues	“Hoje em dia o jornalista tem que saber fazer tudo, ou deveria saber fazer tudo (...) acho que tem que ser mais multiplataforma, tem que ter mais competências, mas acho que isso é bom, quanto mais

	independente pudeses ser, melhor. Também tem pontos maus, que é o facto de às vezes não se conseguir estar atento a tudo, porque temos tanta coisa para fazer que não conseguimos estar 100% atentos, mas o ponto positivo é que te tornas mais independente.”
António José Teixeira	“Eu julgo que o que mudou sobretudo foram as ferramentas disponíveis, o digital desde logo e as redes, isso não existia de facto. O trabalho era muito mais linear. O digital trouxe a integração de uma série de capacidades de expressão e comunicação que não existiam antes, obviamente que isso é uma mudança radical e de uma amplitude brutal, ou seja, de facto mudou quase tudo (...) Os novos problemas são como conjugar velocidade com a necessidade de ponderação de escrutínio de reflexão de cruzamento de dados, de contacto com pessoas, de fontes de trabalho necessário para credibilizar e aprofundar informação.”
Rita Marrafa de Carvalho	“Nós hoje em dia somos mais ativos no processo de produção da notícia. Temos mais tarefas, o que às vezes pode dispersar um pouco e tornar mais complicado a nossa execução da notícia, no entanto como o digital permitiu que o tempo real deixasse de o ser também nos sobrou algum tempo para que possamos ver as imagens com mais qualidade e disponibilidade, sem o <i>stress</i> de uma edição linear, por isso o jornalismo atual trouxe todos os benefícios e mais alguns (...). Eu acho que na sua essência se mantém, no entanto foram reconfigurados alguns conceitos naquilo que o jornalismo deve ser, por exemplo hoje em dia já não encaramos a pirâmide invertida como um instrumento taxativo e incontornável.”
João Paulo Baltazar	“Os jornalistas hoje, é suposto adquirirem o domínio de técnicas de comunicação complementares àquilo que é o seu <i>core</i> (...). Fazem muito mais coisas que faziam há uns anos e têm que estar predispostos a fazer cada vez mais (...) no essencial o jornalista é um técnico especializado em recolha e tratamento de informação, com o objetivo de obter (...) uma melhor versão possível da verdade. Era assim, continua a ser e vai continuar a ser assim (...) O que mudou foi a maneira de contarmos histórias, podemos contar agora de forma mais rica.”
José Manuel Rosendo	“É mais rápido mas nós não estamos a saber lidar bem com isso (...) aquela pressa normal a que nós vamos dar a informação isso retiramos aquilo a que nós chamamos um distanciamento, um recuo, ou seja, perante determinada informação (...) preciso de um tempo para refletir e hoje com esta velocidade de informação o que interessa é dar logo. Mas tem que haver um equilíbrio entre o dar rapidamente e ter os minutos importantes para perceber como dar a notícia.”
Daniela Santiago	“Hoje em dia os jornalistas têm que avançar no sentido das práticas convergentes e fazer tudo (...) há pessoas que estão mais abertas para isso outras nem tanto, há quem considere que devia receber mais por



	<p>fazer mais, mas pronto isso depende de cada um (...) o papel do jornalista foi reconfigurado, sim. É mais abrangente neste momento e continua a ter a mesma responsabilidade, continua a exigir-nos a nós jornalistas o mesmo mas é reconfigurado no sentido em que temos mais trabalho. Às vezes até é difícil porque quase comprometo a peça da televisão porque também estou a fazer para a rádio ao mesmo tempo ou a mandar informações para o <i>online</i>, mas é a vida.”</p>
--	---

Um outro ponto a ser abordado neste estudo refere-se às alterações das práticas jornalísticas ao longo do tempo. As principais diferenças apontadas por Alexandre Brito são a rapidez e o acesso que o jornalista tem às fontes e vice versa. Tendo em conta a época de mudança presenciada o subdiretor afirma: “o que está à nossa volta é que foi reconfigurado e fez-nos adaptar para conseguir reagir a essas alterações” no entanto, espera que a base do jornalismo se mantenha a mesma.

Para Catarina Marques Rodrigues, o jornalista de hoje tem ou deveria saber fazer tudo, “acho que tem que ser mais multiplataforma, tem que ter mais competências, mas acho que isso é bom”. Destaca também os aspetos negativos que estas mudanças acarretam: “é o facto de às vezes não se conseguir estar atento a tudo, porque temos tanta coisa para fazer que não conseguimos estar 100% atentos”. Estes aspetos mencionados relativamente à reconfiguração do papel do jornalista vão ao encontro do testemunho do jornalista José Manuel Rosendo que considera que a capacidade de assimilar informação se dispersa a partir do momento em que o número de tarefas a executar aumenta.

António José Teixeira encara a mudança do ponto de vista das ferramentas disponíveis serem mais abrangentes, referindo ainda que “O digital trouxe a integração de uma série de capacidades de expressão e comunicação que não existiam antes, obviamente que isso é uma mudança radical e de uma amplitude brutal.” Mencionou igualmente o surgimento de novos problemas: “como conjugar velocidade com a necessidade de ponderação de escrutínio de reflexão de cruzamento de dados, de contacto com pessoas, de fontes de trabalho necessário para credibilizar e aprofundar informação?”

A jornalista Rita Marrafá de Carvalho, considerando que a essência do jornalismo se mantém, reconhece a necessidade do jornalista estar mais ativo no processo de produção de notícias e salienta que tal pode tornar a execução de uma notícia mais complicada. No

entanto, graças ao digital sobra mais tempo para uma análise de informação mais qualitativa e sem o *stress* de uma edição linear. Para João Paulo Baltazar, a essência do jornalismo também se mantém a mesma, considerando que: “O que mudou foi a maneira de contarmos histórias, podemos contar agora de forma mais rica.” Portanto o jornalista a seu ver passa a ter que adquirir técnicas de comunicação complementares àquelo que é o seu *core*. Estas afirmações vão ao encontro das ideias de Bastos (2010), que considera que o jornalista *online* é acima de tudo um jornalista, pelo que deve guiar-se pelas diretrizes da sua profissão.

José Manuel Rosendo considera a rapidez o ponto fulcral de mudança e aponta os aspetos negativos adjacentes a essa mesma necessidade de rapidez: “perante determinada informação (...) preciso de um tempo para refletir e hoje com esta velocidade de informação o que interessa é dar logo. Mas tem que haver um equilíbrio entre o dar rapidamente e ter os minutos importantes para perceber como dar a notícia.” Daniela Santiago também se debate com a questão do tempo ao considerar o jornalismo atual mais abrangente e com a mesma responsabilidade, no entanto, é reconfigurado ao agregar mais trabalho, que segundo a jornalista: às vezes até é difícil porque quase comprometo a peça da televisão porque também estou a fazer para a rádio ao mesmo tempo ou a mandar informações para o online, mas é a vida.”

As alterações verificadas atualmente devidas à convergência englobam um ritmo acelerado de reprodução, reorganização do trabalho, novas funções e exigências e desafios éticos. No que se refere aos conteúdos, surgem novas linguagens em detrimento de outras. Na conjuntura atual é valorizado o jornalista que domina as diferentes linguagens e devido às particularidades da internet associadas à profissão “o papel mais importante do jornalista num ambiente de convergência é ter a capacidade de avaliar e determinar quais elementos são necessários para as várias maneiras que a *media* pode ser usada para disseminar uma narrativa” (Wilkinson, Grant, Fisher, 2009 *apud* Rasêra, 2010).

A polivalência do jornalista passa a ser um dos principais requisitos e o profissional de comunicação passa a ter de se socorrer de diversas ferramentas para documentar acontecimentos e editar imagens dos mesmos. Da edição das notícias passa a fazer parte a adaptação aos vários formatos de distribuição de acordo com as plataformas em que a divulgação pode ser feita. Neste contexto, Quinn (2005) alerta para a necessidade de o

profissional ser capaz de escolher o formato mais apropriado para transmitir a notícia, seja ela apresentada na imprensa escrita ou sob uma forma multimédia.

Tárcia (2009) salienta que o domínio das novas tecnologias digitais permite ao jornalista responder rápida e eficazmente à exigência de cada leitor. O reajuste do papel do jornalista, face à nova era digital, inclui um ritmo acelerado de reprodução, reorganização do trabalho, novas funções e exigências e desafios éticos. Embora se valorize a capacidade que o jornalista deverá ter para lidar com diversos e novos desafios, o dia a dia pode tornar-se muito atarefado, surgindo conflitos entre as necessidades de rapidez e de conhecimento aprofundado dos temas.

A sétima categoria – a resistência na configuração das práticas e processos de convergência por parte dos jornalistas com mais anos de profissão – procura compreender a perceção dos entrevistados relativamente a casos de resistência à convergência por parte de jornalistas com mais anos de profissão.

**Tabela 8** – Principais ideias dos entrevistados sobre a resistência na configuração das práticas e processos de convergência por parte dos jornalistas com mais anos de profissão.

Nome	<i>Verbatim</i>
Alexandre Brito	“Existe, mas isso é do ser humano. É difícil (...) obviamente uma pessoa que esteve 30 anos a trabalhar de determinada forma, depois ter que se adaptar a outra realidade, se necessário ela adapta-se de certeza porque também não tem escolha, mas se não for necessário.”
Catarina Marques Rodrigues	“Já vi de tudo. Já vi pessoas mais velhas que já estão na profissão há 30 anos a querer saber como se faz e a experimentarem e já vi pessoas mais novas com mais resistência. Portanto acho que não é uma questão de idade.”
António José Teixeira	“Sim claro que sim que também existem, desde logo porque se criou um mal entendido talvez hoje mais resolvido pela ideia de que o jornalista fazia tudo (...) O que esta convergência também ensinou é que se criaram novas especializações, há trabalho específico a fazer (...) há quem ache que tem que só fazer aquele trabalho ponto e não tem que se preocupar com mais nada, embora julgo que isso foi mais verdade num passado um pouco mais longínquo (...). Não é necessariamente uma questão etária mas obviamente que as novas gerações convivem mais facilmente com esse atravessar de várias plataformas (...). Temos é que saber ver o que cada um faz melhor e

	temos que acabar com essa ideia de que quem trabalha na convergência está a querer roubar trabalho a alguém e querer fazer tudo ou ser especialista em tudo, não há especialistas em tudo.
Rita Marrafa de Carvalho	“São pessoas que ao longo dos anos devido a alterações rápidas da tecnologia já estão um pouco cansadas de alterações sistemáticas ao longo dos anos por isso é normal que exista alguma resistência em jornalistas com mais anos de serviço.”
João Paulo Baltazar	“Sim. Não é um exclusivo dos jornalistas mais velhos, noto que jornalistas com 40/50 anos se calhar estarão menos disponíveis à partida para isso, mas também noto que há entusiastas da convergência nessas gerações. A tendência é para quanto mais novos são os jornalistas mais interessados estão nisso.”
José Manuel Rosendo	“O jornalista mais velho é mais experiente, quando é confrontado com determinado tipo de situações (...) coloca mais questões, com a intenção de fazer as coisas de forma mais adequada (...) o nosso primeiro compromisso é com o ouvinte.”
Daniela Santiago	“Há alguns casos de resistência como em tudo. Não me parece que se possa generalizar, porque há sempre exceções há regra.”

No âmbito da reconfiguração das práticas jornalísticas, surgem resistências por parte dos jornalistas com mais anos de profissão. Nesse sentido, pretendemos compreender como são adaptados ao atual contexto e se de facto essas resistências são notórias.

Nas entrevistas todos os entrevistados revelam ter sentido/observado casos de resistência às mudanças que vão sendo incorporadas ao longo do tempo, no entanto, a resistência nem sempre tem uma relação com a geração a que se pertence. Alexandre Brito considera que a resistência à mudança é inerente ao ser humano, afirmando que uma pessoa que está habituada a trabalhar da mesma forma durante anos, só altera as suas rotinas caso seja mesmo necessário.

Para António José Teixeira a resistência prende-se num pressuposto estabelecido em que se pensa que a ideia é o jornalista fazer tudo, “o que esta convergência também ensinou é que se criaram novas especializações, há trabalho específico a fazer”, acrescenta. Tal como a jornalista Catarina Marques Rodrigues, não considera que a resistência tenha um relação com a idade e considera que o importante é perceber as valências de cada um e a partir daí “acabar com essa ideia de que quem trabalha na convergência está a querer roubar trabalho a alguém e querer fazer tudo ou ser especialista em tudo, não há especialistas em tudo.”

Para Rita Marrafa de Carvalho, a resistência por parte dos mais velhos explica-se pelo cansaço que sentem devido às constantes mudanças ao longo dos anos. João Paulo Baltazar nota que a tendência é para os jornalistas mais novos se mostrarem mais interessados, no entanto também verifica entusiastas nas gerações mais velhas. No caso de José Manuel Rosendo, justifica a resistência por parte dos jornalistas mais velhos com o facto de estes questionarem mais e pretendem que as coisas resultem da melhor forma

De acordo com as anotações do diário de campo, elaborado durante o período de estágio, foi possível observar momentos de resistência ao fenómeno por parte de alguns jornalistas quando o tema era abordado; no entanto não se encontraram fatores específicos comuns que definissem esses mesmos jornalistas.

De um modo geral verifica-se que existe resistência na configuração das práticas e processos de convergência na RTP. Apesar de os jornalistas com mais anos de profissão revelarem, por vezes, algumas resistências, a faixa etária não é um fator preponderante, havendo defensores e antagonistas de processo nos diferentes escalões etários.

A oitava categoria temática – a coordenação de distribuição de conteúdos entre plataformas – procura compreender de que forma são coordenados e distribuídos os conteúdos entre as várias plataformas da RTP.

**Tabela 9** – Principais ideias dos entrevistados sobre a coordenação de distribuição de conteúdos entre plataformas.

Nome	<i>Verbatim</i>
Alexandre Brito	“ Se for uma informação mais importante, um exclusivo, uma grande entrevista, um trabalho mais elaborado a nível tanto de direções como de coordenações essa informação é partilhada (...) diretamente, nas reuniões diárias que existem de coordenação, nas reuniões semanais que existem de coordenação, através de contactos diretos ou através de emails, essa troca de informação acontece. “
Catarina Marques Rodrigues	“No meu caso, quando produzia conteúdos para o <i>site</i> da RTP era eu que ia “vender” (...) Portanto, ou antes ou depois de fazer o produto em si, se achar que tem interesse, falo com uma pessoa da rádio ou com uma pessoa da televisão e pergunto se têm interesse na peça (...) eu vou por contactos (...) Tem que se ver quem é o coordenador do programa ao qual te queres propor.”

<p>António José Teixeira</p>	<p>“Desde logo estamos em espaços de partilha e temos ferramentas como o mail, mas também porque temos o ENPS (Sistema de Produção Eletrónica de Notícias) em que trabalhamos em conjunto e é possível comunicar rapidamente ou porque utilizamos coisas tão tradicionais como mandar um sms ou telefonar ou falar (...) o Alexandre Brito (...) É o único responsável editorial na direção de informação cujas competências atravessam online, televisão e rádio. Acaba por ter um alcance maior no seu raio de influência e isso significa também que ele partilha, recebe, difunde informação que interessa às varias plataformas e isso é a garantia que podemos aproximar-nos mais e convergir mais.”</p>
<p>Rita Marrafa de Carvalho</p>	<p>“Normalmente no dia anterior a agenda da rádio passa os olhos pela agenda da televisão, e vice-versa por isso à partida há ali uma troca de informação importante para se perceber se o colega de rádio vai connosco ou não e para se perceber o que se tem (...) acontece muitas vezes, a rádio descer e vir buscar os sons ou enviar-nos os sons que nós temos e vice-versa (...) Na realidade se tudo não for diálogo, comunicação e coordenação, não se faz (...) Passa muito mais pela agenda e pelo planeamento e pelas coordenações, do que propriamente por nós obviamente.”</p>
<p>João Paulo Baltazar</p>	<p>“Neste momento há um recurso fantástico (...) que são os alertas (...) não preciso de estar permanentemente a verificar os <i>sites</i> para ver o que é que há de novo porque recebo os alertas, quer no telemóvel quer no próprio <i>desktop</i>, portanto essa talvez seja o principal modo como tomam conhecimento (...). Por exemplo, a equipa do Brito do <i>online</i> foi fazer uma entrevista com vídeo, áudio, vai fazer um contexto, etc, e vão programar isso para a próxima segunda feira, o Alexandre vai-nos informar e dizer ‘vamos ter isto, vejam lá se têm interesse de utilizar também. Tudo tem a ver com planeamento (...). Quando é para definir questões mais estratégicas e de planeamento assim a traço grosso, é feito não necessariamente pelos diretores mas pelas direções mas depois no dia a dia são os jornalistas que estão com a mão na massa (...) e portanto essa coordenação depois é feita ao nível das equipas que estão a trabalhar.</p>
<p>José Manuel Rosendo</p>	<p>“Temos que encontrar uma solução que permita que a informação seja avaliada a cada momento e a cada momento seja tomada a decisão certa para encaminhar essa informação para os canais mais adequados (...) às vezes o que acontece é que ou alguém decide partilhar a informação (...) Às vezes só é preciso ter as pessoas certas no sítio certo e cada um saber o que tem que fazer.”</p>
<p>Daniela Santiago</p>	<p>“Eu jornalista no local envio, contacto a televisão, a rádio e o <i>online</i> e muitas das vezes o que faço é ao estar a enviar a peça para a rádio que é logo a primeira coisa que eu faço, ou enviar o pivot com os oráculos para a televisão, ponho logo também ao cuidado da multimédia que fica logo com esses dados todos e portanto é assim</p>

	que tomam conhecimento e decidem se interessa e depois se precisam de mais dados ou assim vão-me contactar (...) Há uma ligação direta entre o jornalista e as redações (multimédia, rádio e televisão), ou falo com os coordenadores, ou com os editores ou se é um assunto muito mais sério tento falar com o responsável dessa plataforma.”
--	--

Embora se fale num cenário em que a convergência faz parte da rotina dos jornalistas, é importante perceber como se processa e coordena a distribuição de conteúdos entre plataformas. Alexandre Brito explica que a partilha de informações relevantes tanto a nível de direções como coordenações é feita através das reuniões diárias e semanais entre coordenações ou até mesmo por contato direto ou email. Seguindo a mesma logística de contato direto, a jornalista Catarina Marques Rodrigues revela “eu vou por contactos” e no seu caso a informação é partilhada quando a jornalista acha pertinente.

Para António José Teixeira a logística centra-se nos espaços de partilha onde os jornalistas exercem a sua atividade bem como nas ferramentas que têm ao seu dispor: o email, o ENPS (software que opera como uma base de dados ligada em rede usada por todos os membros desta estação e onde se criam alinhamentos dos diversos programas de informação), portanto a comunicação torna-se rápida e eficaz. Refere também o papel preponderante que Alexandre Brito tem ao ser o responsável pela área do *online*, sendo que “essa área é transversal até mais do que o *online* e televisão também há rádio, a responsabilidade dele atravessa também a rádio. É o único responsável editorial na direção de informação cujas competências atravessam *online*, televisão e rádio. Acaba por ter um alcance maior no seu raio de influência e isso significa também que ele partilha, recebe, difunde informação que interessa às várias plataformas e isso é a garantia que podemos aproximar-nos mais e convergir mais.”

Rita Marrafa de Carvalho afirma que a distribuição de conteúdos entre plataformas é gerida através da agenda, o planeamento e as coordenações. No caso de João Paulo Baltazar, os grandes auxílios nesta distribuição são os alertas que recebe no telemóvel e computador, no entanto também menciona o subdiretor do *online* Alexandre Brito como ponte de contacto entre plataformas. De um modo geral, e caso se fale de informações muito importantes, são as direções que traçam o caminho, no entanto, e segundo o diretor, a coordenação é feita a nível da equipa de jornalistas.

Para o jornalista José Manuel Rosendo, a distribuição só poderá ser bem sucedida a partir do momento em que a avaliação da informação seja feita de forma exímia e devidamente distribuída para as plataformas mais adequadas à mesma. Sendo Daniela Santiago, correspondente de Espanha, a sua distribuição realiza-se através das informações que envia, mencionando a ligação direta entre jornalista e as redações, sendo que para assuntos mais sérios contacta coordenadores, editores ou o responsável de cada plataforma.

Durante o período de estágio tivemos a oportunidade de assistir a vários momentos de coordenação e distribuição de conteúdos entre plataformas, um desses momentos refere-se ao visionamento do Jornal das 12h através da régie do mesmo. Esta escolha incidiu no facto de este jornal ter uma parte do alinhamento dedicada a “O essencial” (posicionado no fim do alinhamento e variando o tempo que lhe é atribuído consoante as peças e os diretos do jornal) em que um jornalista do *online* fala sobre as notícias mais relevantes do dia no *site* da RTP, incentivando os telespectadores à visita da plataforma digital, onde poderão ler informação sobre os temas que mais lhes interessam e conhecer o que o *site* da RTP tem para lhes oferecer. Foi possível observar a interação entre o *online* e a televisão quando, antes de entrar em direto, o jornalista do *online* fala com a coordenadora do jornal sobre os temas que vai abordar, de forma a evitar repetições de temas que já tenham sido tratados no alinhamento do Jornal pela pivot e incentivar o público a ir à plataforma *online*.

Para além do visionamento diário da régie do Jornal das 12h, surgiu a oportunidade de acompanhar presencialmente as reuniões que decorrem diariamente às 9h da manhã com os coordenadores de televisão, do *online* e de rádio, juntamente com a delegação do Porto via Skype. Estas reuniões foram não só de extrema relevância para compreender como é estabelecida a comunicação entre as várias plataformas mas também para perceber como é gerida, coordenada, e tratada a informação de cada dia, nomeadamente “quem dá primeiro”, quais as notícias mais relevantes e quais os temas a abordar nas diferentes plataformas.

É de salientar um caso de convergência presenciado durante uma das reuniões, em que surgiu uma notícia de última hora sobre incêndios, que automaticamente levou a mudanças nos alinhamentos de televisão, rádio e online. O subdiretor do online, Dr. Alexandre Brito, saiu apressadamente da reunião para proceder a alterações no *site* de informação tendo em conta que, no momento, nenhum jornalista de televisão enviado ao local conseguia aceder nem tão pouco mostrar o fumo, uma vez que a passagem estava



interdita. No entanto, um jornalista da rádio – Dr. Paulo Sérgio – encontrava-se perto do local e conseguiu enviar um vídeo (via Iphone) para o subdiretor Alexandre Brito que por sua vez avisou a coordenação de televisão e enviou-lhes as imagens do incêndio. Foi assim uma feliz concertação de esforços que permitiu às três plataformas transmitir a notícia.

Também na rádio tivemos a possibilidade de estar presentes nas reuniões da equipa da Manhã 1 com a equipa de rádio do Porto. Desta forma adquirimos uma melhor perceção da gestão da quantidade de informação diária que chega aos jornalistas e como a mesma é coordenada. Para além das reuniões, a presença diária na redação de rádio permitiu observar a interação entre a correspondente de Madrid da RTP, a jornalista Daniela Santiago, e a rádio e a relevância que a mesma teve para o fluxo de informação entre as três plataformas. Para além da constante comunicação que estabelece, adapta as notícias para formatos em vídeo, áudio e texto no sentido de uma mesma notícia poder ser utilizada por todas as plataformas.

De um modo geral verifica-se que existe uma preocupação em distribuir os conteúdos entre plataformas e são vários os meios utilizados para tal. A nível das direções são realizadas reuniões diárias e semanais com o intuito de coordenar a distribuição dos conteúdos pelas diversas plataformas. No entanto, verificou-se que existe apenas um responsável editorial da direção de informação cujas competências atravessam as três plataformas. É igualmente relevante destacar que, enquanto o jornalista de televisão entrevistado considera que essa mesma distribuição é feita pela direção, o diretor adjunto de informação de televisão considera que em situações do dia-a-dia cabe aos jornalistas terem a iniciativa de adaptar os seus conteúdos às diferentes plataformas.

A nona categoria – os desafios e oportunidades verificados nas redações multiplataforma e através do processo de convergência – procura compreender junto dos entrevistados, as principais ideias relativamente às oportunidades e desafios encontrados nas redações multiplataforma e através do processo de convergência.

**Tabela 10** – Principais ideias dos entrevistados sobre os desafios e oportunidades verificados nas redações multiplataforma e através do processo de convergência.

Nome	<i>Verbatim</i>
Alexandre Brito	<p>“Os desafios que os jornalistas têm são os desafios que todos têm, diários, de tratamento de informação e tudo isso (...) mudou a forma como nós fazemos chegar informação às pessoas (...) antigamente as pessoas ligavam a televisão e ouviam a rádio e eram elas que vinham ter connosco e hoje em dia isso mudou e somos nós que vamos ter com elas através das redes sociais, das aplicações e todos esses formatos e isso obriga a criar profissões que não existiam até agora como o gestor de redes sociais.”</p>
Catarina Marques Rodrigues	<p>“Tem que se responder a última hora, estar em cima do acontecimento, com rigor e informação correta que nem sempre é fácil (...) tens que escolher entre dar primeiro ou esperar mais tempo mas ter a certeza absoluta, o que é um grande desafio. Tens que conseguir cativar o público, ser exigente contigo própria para tentar não cair no mais fácil que é apenas debitar informação (...) a RTP sim é um dos melhores sítios para se praticar convergência porque tens aqui coisas que não tens noutros sítios. Aqui tens os três: rádio, televisão e <i>online</i>.”</p>
António José Teixeira	<p>“Há algumas questões tecnológicas que não são ainda suficientemente resolvidas para facilitar o fluxo e o atravessamento das várias plataformas (...) as oportunidades serão que sempre que planeamos, sempre que existe iniciativa no sentido de querer fazer algum trabalho ou tirar partido de alguma situação, tem sido possível encontrar soluções para isso (...) É sempre preciso desenvolver, no fundo, mais essa convergência e se o fizermos obviamente que se criarão mais oportunidades, claro que sim.”</p>
Rita Marrafa de Carvalho	<p>“Os desafios são as diferentes linguagens, a forma como nós escrevemos e fazemos conteúdos para a multimédia não pode nem é, nem segue os mesmos preceitos e as mesmas adequações que a televisão ou a rádio (...) tem que se adequar as diferentes plataformas em que estamos a trabalhar (...) existem novas oportunidades sem sombra de dúvida e quem dominar as valências é o vencedor do mercado.”</p>
João Paulo Baltazar	<p>“Por um lado quando nós fazemos um planeamento do ataque a uma história perceber que meios é que eu tenho que alocar a essa história (...) Uma das mudanças absolutamente críticas no jornalismo nos últimos anos foi o facto de (...) ser particularmente perigoso para os jornalistas guardarem notícias. Um jornalista de televisão que tem uma notícia agora ao final da manhã e que a queira guardar para o telejornal, arrisca-se a que daqui a uma hora a notícia esteja em todo o lado. (...) Os correspondentes passam a fazer rádio, televisão, portanto abrange o horizonte de trabalho deles, alguns jornalistas começaram a desenvolver trabalho não só no seu meio de origem mas</p>

	a fazer outras coisas portanto eu acho que têm surgido oportunidades mas ainda são muito incipientes.
José Manuel Rosendo	“O principal desafio é o da coordenação, porque escrever uma peça para rádio não é o mesmo que escrever uma peça para televisão (...) E é uma coisa que não se pode fazer à pressa se não fica mal feito e a meu ver são esses os principais desafios colocados (...) Sim verificasse, com as novas tecnologias o que não faltam são oportunidades.
Daniela Santiago	“Acaba por ser um trabalho ainda mais exigente em termos de tempo do que já era, nós já trabalhamos para ontem e eu acho que agora começamos a trabalhar para anteontem porque trabalhar para três plataformas não é o mesmo que para uma (...) Mas os desafios que se colocam são exatamente os mesmos que se colocaram sempre. Que é, o jornalista tem que fazer um trabalho credível, factual, objetivo, de acordo com as regras deontológicas, esses são os desafios que se colocam sempre. Depois nas redações multiplataforma (...) ver quem é que ali consegue agir de forma rápida, profissional, para pôr a informação nas diferentes plataformas o mais rápido possível. (...) Por um lado talvez um jornalista que tenha que fazer televisão e rádio (...) cria sim oportunidades e postos de trabalho porque as redações em termos por exemplo de multimédia e eu falo nisso porque é a plataforma mais recente, tem que ter mais pessoas a trabalhar.

Perante as alterações observadas no âmbito jornalístico, os entrevistados revelam as oportunidades que a convergência tem vindo a trazer mas também alguns desafios que vão encontrando pelo caminho. Assim sendo, tentámos compreender quais os desafios e as oportunidades que o conceito da convergência inserido no panorama atual da RTP traz às rotinas dos jornalistas.

Para Alexandre Brito, os desafios mantêm-se os de sempre, o que muda é a forma como o jornalista hoje em dia chega às pessoas, mas Catarina Marques Rodrigues fala da imediatez necessária aliada ao rigor exigido “que nem sempre é fácil”. Acrescenta que a RTP é um dos melhores sítios para se praticar convergência uma vez que reúne rádio, televisão e online.

António José Teixeira fala-nos de questões tecnológicas que sem estarem suficientemente resolvidas dificultam o fluxo de informação entre plataformas e vê a necessidade de desenvolvimento constante como um marco que visa a criação de mais oportunidades. Rita Marrafá de Carvalho considera que as diferentes linguagens de adaptação a cada plataforma espelham os desafios enfrentados e acrescenta ainda a clara

existência de novas oportunidades: “quem dominar as valências é o vencedor do mercado.” Para João Paulo Baltazar um dos grandes desafios pauta-se pela especial dificuldade em guardar notícias, uma vez que o jornalista se arrisca a que as mesmas sejam divulgadas. Relativamente às oportunidades, os correspondentes passaram a exercer funções tanto para rádio como para televisão e os jornalistas também abriram horizontes e passaram a produzir conteúdos que não são para os seus meios de origem. Contudo considera que estes apontamentos ainda são incipientes. José Manuel Rosendo vê a questão da coordenação referida por João Paulo Baltazar enquanto oportunidade relativamente à capacidade do jornalista produzir conteúdos para um meio que não é o seu, como um desafio, uma vez que para tal é necessário tempo. Encara as novas tecnologias como uma porta de oportunidades.

Daniela Santiago considera que o que é exigido no que concerne à informação se mantém, mas o tempo que é atribuído para tal reduziu: “nós já trabalhamos ‘para ontem’ e eu acho que agora começamos a trabalhar ‘para anteontem’ porque trabalhar para três plataformas não é o mesmo que para uma.” Acrescenta ainda que as oportunidades trazidas pela convergência se refletem na criação de novos postos de trabalho e dá o exemplo da multimédia que, ao ser uma plataforma mais recente, tem de ter maior número de profissionais.

Durante o período de estágio foi possível observar o ritmo acelerado de trabalho dos jornalistas e a necessidade de estarem em constante atualização relativamente aos acontecimentos diários. Salaverría (2010) menciona a procura incessante de informação por parte do público atual, que cada vez mais se afasta do que os meios de comunicação tradicionais têm para oferecer. Ao encontro desta opinião de Salaverría (2010), tivemos oportunidade de constatar que o dia a dia dos jornalistas na RTP, é vivido com a preocupação de acompanhar a evolução e a procura por parte do público, havendo uma pressão entre a necessidade da rapidez *versus* a necessidade do conhecimento.

De um modo geral é possível observar que a implementação da convergência traz consigo novas possibilidades a quem trabalha nas redações, entre elas: novos métodos para a procura constante de informação e a possibilidade de integrar vários meios num único. No entanto, para que exista convergência na produção de conteúdos informativos de uma empresa é necessário enfrentar diversos desafios, que nem sempre estão associados a uma nova maneira de realizar e produzir os conteúdos mas sim na dificuldade que os jornalistas

têm em abandonar os tradicionais métodos agora obsoletos, acabando por oferecer resistência à criação de novos.

## Conclusão

A convergência é um processo que exerce um forte impacto na conjuntura atual das práticas jornalísticas, criando a necessidade de adaptações ao fenómeno. São inúmeros os estudos efetuados em torno do seu significado e cada vez mais ocupa um lugar de destaque junto de profissionais e académicos que a tornam o cerne das suas investigações.

O papel outrora desempenhado pelo jornalista adapta-se a uma nova realidade onde se encontram presentes outras formas de produzir informação e cruzar conteúdos. No entanto, também se verificam alterações a nível tecnológico que se traduziram numa rápida proliferação da informação com conseqüente aumento da divulgação, celeridade e processamento da mesma.

Neste contexto, surgiu o interesse de compreender como se operacionaliza a produção de conteúdos *cross media* na RTP, emergindo subsequentemente as questões de investigação: “De que forma o fenómeno da convergência influencia a produção jornalística da RTP?” e “Qual o impacto, as oportunidades e os desafios que surgem do conceito?”

Após a recolha e discussão dos resultados obtidos retirámos ilações sobre a operacionalização da produção de conteúdos *cross media* na RTP. Verificou-se que a convergência está presente no dia-a-dia das rotinas dos jornalistas da RTP, no entanto, ainda é um caminho a percorrer, uma vez que não atinge a sua máxima potencialidade. A periodicidade das práticas jornalísticas convergentes é diversificada e existe uma predisposição por parte de todos os entrevistados para executar práticas jornalísticas convergentes sempre que necessário.

Sobre o encorajamento e preparação prévia dada pela RTP aos jornalistas no sentido da convergência observaram-se opiniões opostas salientando algumas o papel preponderante desta empresa nesta temática e outras destacando que a produção de conteúdos pra diferentes plataformas está muito dependente da proatividade de cada jornalista.

O nível de convergência atualmente na RTP foi considerado como médio pela maioria dos profissionais que realçam que o mesmo poderá e deverá ser incrementado.

Não existe um perfil definido de jornalista que produza conteúdos para diferentes plataformas. Os profissionais têm de saber adaptar-se a esta nova realidade independentemente da sua faixa etária e experiência profissional.

Relativamente à prática jornalística e à sua reconfiguração das rotinas profissionais, foi mencionada uma clara aposta na divulgação e disponibilização da informação de diferentes plataformas num *site* comum, ou seja, o *site* da RTP notícias que reúne todas as informações, desde a rádio, às peças do telejornal e ainda cria oportunidades para que cada jornalista possa produzir o seu conteúdo para o mesmo. É transversal a noção que a era da convergência requer, tendo em conta o contexto mediático atual, um apuramento das capacidades técnicas relativamente às diferentes áreas, a vontade de aprender para adquirir mais valências em todas as plataformas e ainda a predisposição para fazer face às mudanças.

A nível das direções das plataformas televisão, rádio e *online* da RTP existe coordenação e partilha de informação constantes através de reuniões diárias. Contudo, a difusão de conteúdos entre as plataformas, é, muitas vezes, proporcionada pela vontade do próprio jornalista.

Os desafios e as oportunidades verificados nas redações com base no processo de convergência alteraram a forma como os jornalistas fazem chegar a informação aos públicos. A forma rápida como as notícias circulam e a capacidade de os públicos interagirem através de comentários e partilhas, determinam que a pressão diária sentida pelo jornalista se divida entre a necessidade de rapidez e a necessidade do conhecimento.

De um modo geral foi possível observar que a implementação da convergência trouxe consigo alterações positivas às redações da RTP. Destacam-se novos métodos de produção eficientes para a procura constante de informação e a possibilidade de integrar vários meios num único, ou seja, uma adequação de informação em formato digital, com suportes gráficos, imagens e áudios, entre outros. No que se refere às limitações do presente estudo, uma vez que estudámos o fenómeno da convergência na produção de conteúdos informativos da RTP, através da perceção de quem “está lá dentro”, a escolha dos entrevistados, fosse ela qual fosse, iria sempre acarretar algum enviesamento de resultados. Outra das limitações refere-se ao restrito número de participantes devido a indisponibilidade ou a escusa, por parte de jornalistas e membros da direção, em contribuir com os seus testemunhos. Contudo, em

nossa opinião estas limitações deixam uma porta aberta para futuras conceções de outras abordagens.





## Bibliografia

Agnez, Luciane (2011), “*A Convergência Digital na Produção da Notícia. Reconfiguração na rotina produtiva dos jornais Tribuna do Norte e Extra*”. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Acedido a 24/10/2017, disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/ppgem/wp-content/uploads/2009/09/DISSERTACAO\\_Luciane-Agnez\\_final.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgem/wp-content/uploads/2009/09/DISSERTACAO_Luciane-Agnez_final.pdf)

Almeida, Rafaela (2015), “*O jornalismo na era da convergência. Universidade Católica Portuguesa*” (Tese de Mestrado).  
<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19226/1/O%20JORNALISMO%20NA%20ERA%20DA%20CONVERG%20%C3%80NCIA.pdf>

Alves, Rosental (2001), “Reinventando o jornal na internet”. *Sala de Prensa 32. Web para profesionales de la comunicacion iberoamericanos*. III (vol. 2). Acedido a 31/01/2018, disponível em: [www.saladeprensa.org/art236.htm](http://www.saladeprensa.org/art236.htm)

Barbosa, Susana (2002), “*Jornalismo digital e informação de proximidade. O caso dos portais regionais, com estudo sobre UAI e o iBahia*”. Universidade da Beira Interior, Portugal, Biblioteca Online das Ciências de Comunicação. Acedido a 28/04/2018, disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-suzana-portais-mestrado.pdf>

Barbosa, Susana (2007), “*Jornalismo Digital de Terceira Geração*”. Universidade da Beira Interior, Covilhã. Livros Labcom. ISBN: 978-972-8790-73-8. 180 pp.

Bardoel, Jo & Deuze, Mark (2001), “Network Journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism”. *Australian Journalism Review*, 23 (2): 91 – 103. Acedido a 22/05/2017, disponível em: <https://scholarworks.iu.edu/dspace/bitstream/handle/2022/3201/BardoelDeuze+NetworkJournalism+2001.pdf?sequence=1>

Bastos, Helder (2010), “*Origens e Evolução do Ciberjornalismo em Portugal: Os Primeiros Quinze Anos (1995-2010)*”. Edições Afrontamento. ISBN: 978-972-36-1129-8, 106 pp.

Bastos, Hélder; Zamith, Fernando; Reis, Isabel e Jerónimo, Pedro (2013), “Convergência Jornalística nos *media* em Portugal. Um estudo exploratório”. *Livro de Atas do III COBCIBER*. Acedido em 05/07/2017, disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/79696/2/76474.pdf>

Benigno Neto, Edmundo (2008), Por uma história do jornalismo digital: algumas considerações. 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. Acedido a 09/05/2018, disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/por%20uma%20historia%20do%20jornalismo%20digital.pdf>

Boczkowski, Pablo (2006), *Digitalizar las noticias. Innovación en los diarios online*. Buenos Aires, Editorial Manantial. ISBN: 9789875000940, 280 pp.

Bolter, Jay David; Grusin, Richard (1999), *Remediation. Understanding new media*. Cambridge: The MIT Press. ISBN 0-262-02452-7. 282 pp.

Bonixe, Luís (2011), “Jornalismo radiofónico e Internet – Um estudo da evolução do uso das potencialidades *online* nas notícias dos sites da rádio”. *Comunicação e Sociedade*, vol. 20, pp. 29-41.

Breton, Phillipe; Proulx, Serge. (2006), *Sociologia da Comunicação*. 2ª edição. São Paulo, Edit. Loyola.

Canavilhas, João (2003), “Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web”. *In: Fidalgo, António e Serra, Paulo (orgs.). Informação e Comunicação Online*. Vol 1. Labcom, Universidade da Beira Interior. Covilhã.

Canavilhas, João (2006a), “Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança”. Universidade da Beira Interior, Portugal, BOCC. Acedido a 02/05/2018, disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-online-webjornalismo.pdf>

Canavilhas, João (2006b), “*Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*”. Universidade da Beira Interior. 17 pp. Acedido a 02/05/2018, disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>

Canavilhas, João (2012), “Da remediação à convergência: um olhar sobre os *media* portugueses”. *Brazilian Journalism Research*, 8:1, pp. 7-21.

Canelas, Carlos (2010), “Os Processos de Produção de Conteúdos Noticiosos Diários da RTP na Era da Convergência Jornalística”. Biblioteca Digital do Instituto Politécnico da Guarda/FCT. Acedido a 02/05/2018, disponível em: <http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/3441/1/Carlos%20Canelas%20-%202010%20-%20Os%20processos%20de%20produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20conte%C3%BAdos%20noticiosos%20di%C3%A1rios%20da%20RTP%20na%20era%20da%20converg%C3%Aancia%20jornal%C3%ADstica.pdf>

Canelas, Carlos (2011), “Os Efeitos da Convergência nos *Media* Noticiosos”. Atas I Congresso Nacional “Literacia, *Media* e Cidadania”. Acedido a 09/07/2017, disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwiXyaOJ7KjeAhXJMAKHb49C14QFjAAegQIBRAC&url=https%3A%2F%2Frepositorium.sdum.uminho.pt%2Fbitstream%2F1822%2F39529%2F1%2F%255B2011%255D\\_atas-Icongresso-literacia-UM.pdf&usg=AOvVaw2xB7d8iqwpDMChh18jUTtr](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwiXyaOJ7KjeAhXJMAKHb49C14QFjAAegQIBRAC&url=https%3A%2F%2Frepositorium.sdum.uminho.pt%2Fbitstream%2F1822%2F39529%2F1%2F%255B2011%255D_atas-Icongresso-literacia-UM.pdf&usg=AOvVaw2xB7d8iqwpDMChh18jUTtr)

Carvajal, Miguel; García-Avilés, José (2008). “From Newspapers to *Multimedia* Groups: Business Growth Strategies of the Regional Press in Spain.” *Journalism Practice*, 2 (3): 453–462. doi:10.1080/17512780802281198.

CIES-IUL e OberCom (Centro de Investigação e Estudos de Sociologia-Instituto Universitário de Lisboa e Observatório de Comunicação) (2013), “*Media em Movimento 2013: Perspectivas sobre a evolução do mercado dos media, a partir de uma (meta-)análise de 30 relatórios de consultoras globais*”, Lisboa: Publicações OberCom.

Colson, Vinciane; Heinderyckx, François (2008), “Do *Online* Journalists Belong in the Newsroom? A Belgian Case of Convergence”. In *Making Online News*, Edit. Chris A. Paterson & David Domingo, 143–154. *Digital Formations*, vol. 49: pp. 67. New York: Peter Lang.

Cordeiro, Paula (2004), “Rádio e Internet: novas perspetivas para um velho meio”. Biblioteca *Online* de Ciências de Comunicação da Universidade da Beira Interior, Covilhã. Acedido a 03/07/2017, disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-internet-novas-perspectivas.pdf>

Degand, Amandine (2012), “Journalistic (self)-criticism: Effect of convergence managerial strategies on journalistic representations”. *Observatorio Journal*, 6: 3, pp. 261-281. Acedido a 04/08/2017, disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/595/515>

Deuze, Mark (2010). “Journalism and Convergence Culture”. In S. Allan, *The Routledge Companion, To news and Journalism*. (pp. 267-276). London: Routledge.

Di Felice, Massimo (2008), *Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social*. Difusão Editora. ISBN: 9788578080358. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2008.

Díaz-Noci, Javier (2010). “Medios de comunicación en internet: algunas tendencias”. *El profesional de la información*, 19: 6, nov-dic, pp. 561-567.

Domingo, David; Salaverría, Ramón; Aguado, Juan Miguel; Cabrera, M<sup>a</sup> Ángeles; Edo, Concha; Masip, Pere; Meso, Koldobika, Palomo; Maria Bella; Sádaba, Charo; Orihuela, José Luís; Portilla, Idoia; Noci, Javier Díaz; Larrañaga José; Larrondo, Ainara; López, Xosé; Pereira, Xosé; Gago, Manuel; Otero, Marita; Rivera, Celia Fernández; Alonso, Jaime; Rojo, Pedro Antonio; García, Guillermo López; Iglesias Mar; Marcos, José Álvarez; Avilés, José Alberto; Giménez, Elea (2007), “Four Dimensions of Journalistic Convergence: A preliminary approach to current *media* trends at Spain”. In 8th International Symposium on *Online Journalism*, Austin, Texas, USA. Acedido a 09/07/2018, disponível

em:

<https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/19586/1/comunicacioAustinInfotendenciasMarDomingo.pdf>

Ferrari, Pollyana (2004). *Jornalismo Digital*. 2ª edição. São Paulo: Contexto.

Finger, Cristiane (2012). “Crossmedia e Transmedia: Desafios do telejornalismo na era da convergência digital”. *Em Questão, Porto Alegre*, 18 (2): 121-132.

Fortin, Marie-Fabienne (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures. Edições Lusociência. ISBN 972-8383-10-X.

García Avilés, José A.; Meier, Klaus; Kaltenbrunner, Andi; Carvajal, Miguel e Kraus, Daniela (2009), “Newsroom integration in Austria, Spain and Germany: Models of *Media Convergence*”. *Journalism Practice*, 3 (3): 285-303.

Gordon, Rich (2003). “The Meanings and Implications of Convergence.” In *Digital Journalism: Emerging Media and the Changing Horizons of Journalism*, Edit. Kevin Kawamoto, 57–73. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers Inc. Acedido a 05/07/2017, disponível em: [http://www.academia.edu/948530/\\_meanings\\_and\\_implications\\_of\\_convergence\\_In\\_KAWAMOTO\\_Kevin\\_ed.\\_Digital\\_Journalism.\\_Emerging\\_Media\\_and\\_the\\_Changing\\_Horizons\\_of\\_Journalism](http://www.academia.edu/948530/_meanings_and_implications_of_convergence_In_KAWAMOTO_Kevin_ed._Digital_Journalism._Emerging_Media_and_the_Changing_Horizons_of_Journalism)

Gradim, Anabela (2003), “O jornalista multimédia do século XXI”. In: Fidalgo, António & Serra, Paulo (Org.). *Jornalismo Online. Informação e Comunicação Online*. Volume I. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido a 06/0/2017, disponível em: [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110829-fidalgo\\_serra\\_icol\\_jornalismo\\_online.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110829-fidalgo_serra_icol_jornalismo_online.pdf)

Jenkins, Henry (2001), “Convergence? I diverge”. *In: Technology Review*, Massachusetts. pp. 93. Acedido a 07/08/2017, disponível em: [https://books.google.pt/books?id=hJIMDwAAQBAJ&pg=PA208&lpg=PA208&dq=Jenkins,+H.+\(2001\).+%E2%80%9CConvergence?+I+diverge%E2%80%9D.+In:+Technology+Review,+Massachusetts.+pp.93.&source=bl&ots=4sO31TMy\\_k&sig=8ngJluC2Vd0\\_92OxFxJkmLWm3VU&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwjx656y-6jeAhXrDsAKHcRkCU0Q6AEwAHoECAkQAQ#v=onepage&q=Jenkins%2C%20H.%20\(2001\).%20%E2%80%9CConvergence%3F%20I%20diverge%E2%80%9D.%20In%3A%20Technology%20Review%2C%20Massachusetts.%20pp.93.&f=false](https://books.google.pt/books?id=hJIMDwAAQBAJ&pg=PA208&lpg=PA208&dq=Jenkins,+H.+(2001).+%E2%80%9CConvergence?+I+diverge%E2%80%9D.+In:+Technology+Review,+Massachusetts.+pp.93.&source=bl&ots=4sO31TMy_k&sig=8ngJluC2Vd0_92OxFxJkmLWm3VU&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwjx656y-6jeAhXrDsAKHcRkCU0Q6AEwAHoECAkQAQ#v=onepage&q=Jenkins%2C%20H.%20(2001).%20%E2%80%9CConvergence%3F%20I%20diverge%E2%80%9D.%20In%3A%20Technology%20Review%2C%20Massachusetts.%20pp.93.&f=false)

Jenkins, Henry (2006), *Convergence Culture. Where old and new media collide*. New York: New York University Press. Acedido a 07/07/2017, disponível em: <https://www.hse.ru/data/2016/03/15/1127638366/Henry%20Jenkins%20Convergence%20culture%20where%20old%20and%20new%20media%20collide%20%202006.pdf>

Jenkins, Henry (2009), *Cultura da convergência*. 2ª Ed. São Paulo. Edit. Aleph. Pp. 27-53. pp. Acedido a 10/08/2017, disponível em: [https://disc-midia-sociedade-e-cultura.webnode.com/\\_files/200000024-7c5cf7e526/introdu%20cultura%20da%20converg%C3%Aancia.pdf](https://disc-midia-sociedade-e-cultura.webnode.com/_files/200000024-7c5cf7e526/introdu%20cultura%20da%20converg%C3%Aancia.pdf)

Jenkins, Henry; Deuze, Mark (2008), “Editorial: Convergence Culture.” *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies* 14 (1): 5–12. doi:10.1177/1354856507084415.

Kraus, Daniela (2009), “Austria: The Success Story of Separate Newsrooms.” In *Merging Media, Converging Newsrooms*, edited by Natascha Fioretti and Stephan Russ-Mohl, 55–64. Lugano: CFS.

Latzer, Michael (2009), “Convergence Revisited. Toward a Modified Pattern of Communications Governance”. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, 15(4): 411–426. DOI: 10.1177/1354856509342342. Acedido a

11/10/2017, disponível em:  
[http://www.mediachange.ch/media/pdf/publications/Latzer2009\\_convergence.pdf](http://www.mediachange.ch/media/pdf/publications/Latzer2009_convergence.pdf)

Lemos, André; Lévy, Pierre (2010), *O futuro da internet. Em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo, Edit. Paulus.

López, Xosé García; Pereira, Fariña (Coord) (2010), *Digital Convergence: Reconfiguration of Communication Media in Spain [Convergencia digital: Reconfiguración de los medios de comunicación en España]*. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións e Intercambio Científica, Universidade de Santiago de Compostela. Acedido a 20/09/2017, disponível em: <https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/21106/1/Segundas%20partes%20pueden%20ser%20buenas%20ALFONSO%20VARA%20MIGUEL.pdf>

Lusvarghi, Luiza Cristina (2007), “O cinema na era digital: a consolidação dos conteúdos cross-media no Brasil, de Big Brother ao caso Antônia”. *In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom Nacional, Santos-SP*. Acedido a 14/06/2018, disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1059-2.pdf>

Machado, Elias; Teixeira, Tattiana (2010). *Ensino de jornalismo em tempos de convergência*. Rio de Janeiro: e-papers.

Maia, Carolina; Neto, Jaime (2006), “A empresa enquanto inteligência colectiva: O desafio de gerir o conhecimento”. *Revista Científica Tecnologus – Uma Publicação UNIBRATEC*, Ed. 1.

Marcondes Filho, Ciro (2009) – *Ser jornalista. O desafio das tecnologias e o fim das ilusões*. São Paulo, Edit. Paulus.

Masip, Pere; Micó, Joseph-Lluís (2009). “El periodista polivalente en el marco de la convergencia empresarial”. *Quaderns del CAC*, 31-32, pp. 91-99.



McLuhan, Marshall (1964), “Understanding *Media*: The Extensions of Man”. New York: McGraw-Hill.

Meier, Klaus (2009), “Germany: Newsroom Innovations and Newsroom Convergence.” In *Merging Media, Converging Newsrooms*, Edit. Natascha Fioretti & Stephan Russ-Mohl, 37–49. Lugano: CFS.

Meikle, Graham; Redden, Guy (2011), *News Online – Transformations and Continuities*, England: Palgrave Macmillan.

Menke, Manuel; Kinnebrock, Susanne; Kretzschmar, Sonja; Aichberger, Ingrid; Broersma, Marcel; Hummel, Roman; Kirchhoff, Susanne; Prandner, Dimitri; Ribeiro, Nelson; Salaverría, Ramón (2016), Convergence Culture in European Newsrooms, *Journalism Studies*, DOI: 10.1080/1461670X.2016.1232175. Acedido a 09/07/2017, disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1461670X.2016.1232175?needAccess=true#aHR0cHM6Ly93d3cudGFuZGZvbmxpbmUuY29tL2RvaS9wZGYvMTAuMTA4MC8xNDYxNjcwWC4yMDE2LjEyMzIxNzU/bmVIZEFjY2Vzcz10cnVlQEBAMA==>

Micó, Josep; Masip, Pere; Barbosa, Suzana (2009), “Models of Business Convergence in the Information Industry”. *Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo*. Acedido a 09/07/2017 e disponível em [www.unb.br/ojsdpp/include/getdoc.php?id=684...220...pdf](http://www.unb.br/ojsdpp/include/getdoc.php?id=684...220...pdf)

Miranda, Mozarth (2011). *A pauta jornalística na convergência digital: outros caminhos e novos desafios*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru. Pp. 130. <http://hdl.handle.net/11449/89528>

Moretzsohn, Sylvia (2002), *Jornalismo em “tempo real”*. *O fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan. <http://hdl.handle.net/11449/89528>

Moretzsohn, Sylvia (2007), *Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro, Revan.

Mostra Atlântica de Televisão (1991), “Televisão Pública, Televisão Privada: Que futuro?”, Ponta Delgada: RTP Açores.

Nielson, Jakob; Morkes, John (1997), Concise, scannable and objective: How to write for the web. Acedido a 06/07/2017, disponível em: <http://www.nngroup.com/articles/concise-scannable-and-objective-how-to-write-for-the-web/>

Palácios, Marcos (2003), “Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate”. In: Fidalgo, António & Serra, Paulo (Org.). *Jornalismo Online. Informação e Comunicação Online*. Vol. I. Covilhã: Universidade da Beira Interior, pp.75-89. Acedido a 06/07/2017, disponível em: [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110829-fidalgo\\_serra\\_ico1\\_jornalismo\\_online.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110829-fidalgo_serra_ico1_jornalismo_online.pdf)

Palácios, Marcos (2010), “Convergência e memória: Jornalismo, Contexto e História”. In: *Matrizes. USP*, Ano 4, nº 1, p. 37-50. Acedido a 10/04/2018, disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/38274/41083>

Palácios, Marcos e Díaz-Noci, Javier (2009), *Online journalism: research methods. A multidisciplinary approach in comparative perspective*. Acedido a 01/06/2017, disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Xose\\_Garcia/publication/260037787\\_Online\\_Journalism\\_Research\\_Methods/links/00b4952f2bd3bdfa2a000000/Online-Journalism-Research-Methods.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Xose_Garcia/publication/260037787_Online_Journalism_Research_Methods/links/00b4952f2bd3bdfa2a000000/Online-Journalism-Research-Methods.pdf)

Pase, André; Nunes, Ana; Fontoura, Marcelo (2012), “Um tema e muitos caminhos: a comunicação transmidiática no jornalismo”. *Brazilian Journalism Research*, 8 (1): 65-80.

Pavlik, John (2001), *Journalism and new media*. Columbia University Press.

Peters, Benjamin (2009), “And lead us not into thinking the news is new: a biographic case for new media history”. *Media & Society*, 11 (1-2): 13-30.

Pinto, Manuel (2005), *Televisão e Cidadania. Contributos para o debate do serviço público*. Campo das Letras Ed. SA, Coleção: Comunicação e Sociedade – I, 192 pp.

Primo, Alex (2003), “Quão interativo é o hipertexto?: Da interface potencial à escrita coletiva”. *Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo*, 5 (2): 125-142.

Quandt, Thorsten (2008), “News Tuning and Content Management: An Observation Study of Old and New Routines in German *Online Newsrooms*.” *In: Making Online News*, Edit. Chris A. Paterson & David Domingo, 77–97. *Digital Formations*, 49: 67. New York: Peter Lang.

Quandt, Thorsten; Singer, Jane (2009), “Convergence and Cross-Platform Content Production.” *In: The Handbook of Journalism Studies*, Edit. Karin Wahl-Jorgensen & Thomas Hanitzsch, 130–146. International Communication Association Handbook Series. New York: Routledge.

Quinn, Stephen (2005), *Convergent Journalism: The Fundamentals of Multimedia Reporting*, New York: Peter Lang Publishing ISBN 10: 0820474525

Rasêra, Marcella (2010), “As divergências sobre a convergência: impactos e consequências da digitalização nas redações jornalísticas”. GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Ribeiro, Nelson (2015), “The Discourse on New *Media*: Between Utopia and Disruption”. *In Theorien des Medienwandels*, ed. Susanne Kinnebrock; Thomas Brirkner; Christian Schwarzenegger. ISBN: 9783869621296. 211-230.

Ribeiro, Nelson; Resende, Filipe (2017), “O jornalismo convergente e a reconfiguração do trabalho nas redações da imprensa portuguesa”. *Observatorio Journal*, 139-153.

Salaverría, Ramón (2009), “*Los medios de comunicación ante la convergencia digital*”. Navarra: Depósito Académico Digital Universidad de Navarra. Acedido a 09/07/2017,

disponível em:

[http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/5099/1/Ramon\\_Salaverria.pdf](http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/5099/1/Ramon_Salaverria.pdf)

Salaverría, Ramón (2010), “Estructura de la Convergencia”. *In: García, X. L. & Fariña, X. P. (coords.). Convergencia digital. Reconfiguración de los medios de comunicación en España*. Santiago de Compostela: Servicio editorial de la Universidade de Santiago de Compostela, pp. 27-40.

Salaverría, Ramón; García Avilés, José (2008), “La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo”. Barcelona, *Trípodos*, 23: 31-47.

Salaverría, Ramón; García Avilés, José; Masip, Pere (2010), “Concepto de Convergencia Periodística”. *In Convergencia Digital: Reconfiguración de los Medios de Comunicación en España*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. ISBN: 978-84-9887-379-5

Schultz, Stefan (2007), *Bridging Media Disruption: Cross-Media Strategies in Contemporary Print Media*. [Brücken über den Medienbruch: crossmediale Strategien zeitgenössischer Printmedien]. Medienwirtschaft 2. Berlin: LIT.

Silva, Inês (2013), *O jornalismo da era digital: novas práticas e públicos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa, 105 pp. <http://hd1.handle.net/10400.14/20161>

Singer, Jane; Domingo, David; Heinonen, Ari; Hermida, Alfred; Paulussen, Steve; Quandt, Thorsten; Reich, Zvi; Vujnovic, Marina (2011). *Participatory Journalism: guarding open gates at online newspapers*. Chichester: Wiley-Blackwell.

Sodré, Muniz (2009). *A narração do fato. Notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Edit. Vozes.

Sousa, Ana Filipa (2013), *A convergência e a (re)configuração das práticas jornalísticas na imprensa*. Faculdade de Letras. Universidade do Porto. Tese de Mestrado. 92 pp.

Sousa, Jorge (2013), *Convergência jornalística: O caso das reportagens Visão Portugal*. Universidade da Beira Interior. Artes e Letras. Covilhã. Tese de Mestrado. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/m-jornalismo-2013-jorge-sousa.pdf>

Squirra, Sebastião (2005), *A convergência tecnológica*. Universidade Metodista de São Paulo. Revista FAMECOS, Porto Alegre. Acedido em 14/08/2017, disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3324/2582>

Stark, Birgitte; Kraus, Daniela (2008), “Cross-Media Strategies of National Newspapers. Empirical Study of the Austrian Press Market.” [Crossmediale Strategien Überregionaler Tageszeitungen. Empirische Studie Am Beispiel des Pressemarktes in Österreich.] *Media-Perspektiven* 6: 307–317.

Sterling, Christopher; Keith, Michael (2008), *Sounds of change. A history of FM Broadcasting History in America*. Chapel Hill. The University of North Carolina Press.

Tameling, Klaske; Broersma, Marcel (2013), “De-Converging the Newsroom: Strategies for Newsroom Change and Their Influence on Journalism Practice”. *International Communication Gazette* 75 (1): 19–34. doi:10.1177/1748048512461760.

Tárcia, Lorena (2009), “A formação de jornalistas em tempos de convergência das mídias digitais: uma pesquisa-ação de dois anos e seus resultados”. Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. XII Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, VIII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino de Jornalismo. Páginas 1-17. Acedido a 09/05/ 2018, disponível em: <http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=540&cf=18>

Tesla, Nicola (1904), “The transmission of electric energy without wires”. In: *Scientific American Supplement*, 1483, S.23760-23761. Acedido a 31/01/2018, disponível em: [www.tfcbooks.com/tesla/1904-03-05.htm](http://www.tfcbooks.com/tesla/1904-03-05.htm)

Teves, Vasco Hogan (2007), *RTP: 50 anos de história*. Acedido a 06/06/2017, disponível em: <http://ww2.rtp.pt/50anos/>

Thornburn, David; Jenkins, Henry (2004), “Introduction: Towards an Aesthetics of Transition”. In: Thornburn David; Henry Jenkins (Hrsg.): *Rethinking media Change: The Aesthetics of Transition*. Cambridge, MA (MIT Press), S. 1-16.

Wilkinson, Jeffrey; Grant, August; Fisher, Douglas (2009), *Principles of Convergent Journalism*. 2ª Ed. Nova Iorque. Oxford Press. SBN-13: 978-0199838653

Wolton, Dominique (2010). *Informar não é comunicar*. Porto Alegre. Edit. Sulina.



# **Anexos**



## Anexo A: Artigos, fotogalerias e reportagem realizados durante o período de estágio na RTP Notícias (Online)

### Artigo: Adolescentes homossexuais detidas em Marrakech

Disponível em: [http://www.rtp.pt/notícias/mundo/adolescentes-homossexuais-detidas-em-marrakech\\_n959163](http://www.rtp.pt/notícias/mundo/adolescentes-homossexuais-detidas-em-marrakech_n959163)



The image is a screenshot of the RTP Notícias website. At the top, there is a navigation bar with categories: NOTÍCIAS, DESPORTO, TELEVISÃO, RÁDIO, RTPPLAY, and ZIGZAG. Below this is the RTP NOTÍCIAS logo and a secondary navigation bar with categories: DESPORTO, PAÍS, MUNDO, POLÍTICA, ECONOMIA, and CULTURA. The date and time are shown as 17 Set. 2018 | 13:59. There are social media sharing buttons for Facebook, Twitter, Google+, and LinkedIn. The main headline is "Adolescentes homossexuais detidas em Marrakech". Below the headline, it says "RTP 03 Nov. 2016, 14:52 | Mundo". There is a photograph of a narrow alleyway with blue-painted walls and a person in the distance. The article text follows, starting with "Duas adolescentes marroquinas aguardam julgamento em Marrakech, após serem acusadas de atos homossexuais por parte de um familiar de uma delas." and continuing with details about the incident and the legal context in Morocco.

## Adolescentes homossexuais detidas em Marrakech

RTP  
03 Nov. 2016, 14:52 | Mundo



Duas adolescentes marroquinas aguardam julgamento em Marrakech, após serem acusadas de atos homossexuais por parte de um familiar de uma delas.

No dia 28 de Outubro, as duas jovens de 16 e 17 anos de idade foram fotografadas (por um familiar de uma delas) a beijarem-se. Após denúncia à polícia por parte do mesmo familiar, as raparigas foram detidas. O julgamento das adolescentes terá lugar no Tribunal de Primeira Instância de Marrakech, na próxima sexta-feira.

Em Marrocos, a homossexualidade é sujeita a punição severa que pode ir até três anos de prisão de acordo com o Código Penal, artigo 489.

Omar Arbib, representante em Marrakech da Associação Marroquina dos Direitos Humanos, critica que a orientação sexual de qualquer pessoa seja motivo de julgamento.

No entanto, a homossexualidade é cada vez mais penalizada por parte do governo marroquino, chefiado pelo islamita Partido da Justiça e Desenvolvimento.

## Artigo: Afeganistão: bombardeamento da NATO mata mais de 30 civis

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/mundo/afeganistao-bombardeamento-da-nato-mata-mais-de-30-civis\\_n959226](http://www.rtp.pt/noticias/mundo/afeganistao-bombardeamento-da-nato-mata-mais-de-30-civis_n959226)

### Afeganistão: bombardeamento da NATO mata mais de 30 civis

RTP  
03 Nov. 2016, 17:29 / atualizado em 03 Nov. 2016, 17:31 | Mundo



De acordo com o governador provincial, mais de 30 civis afegãos (entre eles, crianças, mulheres e idosos) foram mortos e dezenas ficaram feridos, durante os confrontos ocorridos esta quinta-feira na província de Kunduz.



O ataque aconteceu na periferia de Kunduz, pouco tempo depois de dois soldados americanos e três membros das forças especiais afegãs morrerem numa operação contra os talibãs na mesma província.

Mahmud Danish, porta-voz do governo da província de Kunduz declarou à AFP que "as forças afegãs e as tropas da coligação executaram uma operação conjunta contra os insurrectos talibãs".

A NATO confirmou os bombardeamentos dizendo que os mesmos ocorreram "para defender forças aliadas que estavam a ser atacadas", e acrescentando que "todas as baixas civis serão objeto de investigação".

O bombardeamento originou vários protestos na cidade de Kunduz, Taza Gul, um pedreiro de 55 anos, citado em Al Jazeera, dizia: "Tenho o coração destroçado. Perdi sete membros da minha família. Quero saber por é que estas crianças inocentes morreram. Por acaso eram talibãs?"

As tropas afegãs que combatem há quase dois anos os talibãs, têm sofrido enormes perdas. De acordo com o Inspetor-geral para a Reconstrução do Afeganistão, cerca de 5.000 soldados afegãos morreram em 2015 e, em 2016, há um registo de 5.523 mortos entre os dias 1 de janeiro e 19 de agosto.

## Artigo: Costumes invulgares das eleições nos Estados Unidos

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/presidenciais-eua/costumes-invulgares-das-eleicoes-nos-estados-unidos\\_n960040](http://www.rtp.pt/noticias/presidenciais-eua/costumes-invulgares-das-eleicoes-nos-estados-unidos_n960040)



RTP NOTÍCIAS  
17 Set, 2016 | 14:45

DESporto PAIS MUNDO POLÍTICA ECONOMIA CULTURA

f PARTILHE NO FACEBOOK | t PARTILHE NO TWITTER | g+ PARTILHE NO GOOGLE+ | in PARTILHE NO LINKEDIN

### Costumes invulgares das eleições nos Estados Unidos

RTP  
07 Nov 2016, 10:49 | Presidenciais nos EUA



Já com a campanha presidencial na derradeira reta, a britânica BBC reuniu num artigo uma série de estranhos dados que marcam o processo eleitoral norte-americano. Reproduzimos aqui alguns.



#### Não se pode vender álcool

##### TÓPICOS:

Assembleias, Costumes, Eleições, Estados Unidos, Presidenciais, Presidente, Tradições, Voto.

Apesar de não existir uma lei que proíba a venda de álcool no dia das eleições, algumas cidades - 18 cidades e sete condados, mais precisamente - têm ordens locais que a proíbem.

#### Não são permitidos ateus

A América mantém a separação entre religião e governo, mas alguns Estados têm tentado contornar a lei e exigem que os candidatos acreditem em Deus.



No Texas, por exemplo é proibida a realização de testes religiosos para cargos públicos, mas exige-se que o funcionário "reconheça a existência de um ser supremo".

No Tennessee, uma lei semelhante proíbe que qualquer pessoa que negue a existência de uma entidade suprema possa ocupar um cargo num departamento civil do Estado.

### Autocolantes de voto

Já reparou em imagens de eleitores que saem da assembleia de voto com autocolantes colocados que dizem "eu votei"? Não é certo o momento em que estes autocolantes se tornaram uma tendência nacional, mas a National Campaign Supply, com sede na Florida, afirma ter sido a pioneira nesta projeção de autocolantes de voto famosos em todo o país e imprimiu os primeiros em 1986.



Um estudo sobre a tradição dos autocolantes concluiu que os mesmos têm um carácter de consciência na condução de participação dos eleitores.

### Tempo limitado na cabina de voto

No Indiana, os eleitores têm três minutos na cabina de voto durante as eleições primárias e dois minutos durante as eleições gerais e municipais. De acordo com a codiretora do Departamento de Eleições do Indiana, forçar um eleitor a sair da cabina de voto por ultrapassar o tempo limite requer a presença de um membro do concelho de eleição. Acrescenta, no entanto, que tal não se justifica e que por isso a lei não é aplicada.

Já no código estadual do Alabama é dado ao eleitor um período de quatro minutos para votar antes de um funcionário perguntar se precisa de ajuda. Em caso afirmativo o eleitor recebe pelo menos mais cinco minutos para votar. Caso não precise, é-lhe dado mais um minuto. Se não houver ninguém na fila para votar, os eleitores não têm limite de tempo para estar na cabine de voto.

## Pessoas “insanas” proibidas de votar

A constituição do Kentucky proibe “idiotas e pessoas insanas” de votar. Essa pessoa terá de ser declarada incompetente e incapaz de votar por um juiz.



Na verdade, os termos “idiotas” e “pessoas insanas” eram usados em constituições estaduais no Ohio, Novo México e Mississippi. Referiam-se a pessoas com deficiência mental.

## Votar várias vezes

Caso sinta que a escolha de voto não foi a mais acertada, pode alterá-la em pelo menos sete Estados, caso o mesmo tenha sido feito antes do dia da eleição.

A par desta situação está Donald Trump, que apelou aos eleitores do Wisconsin para que, caso sintam remorsos por votar em Hillary Clinton, alterem a escolha.

## Cães nas assembleias

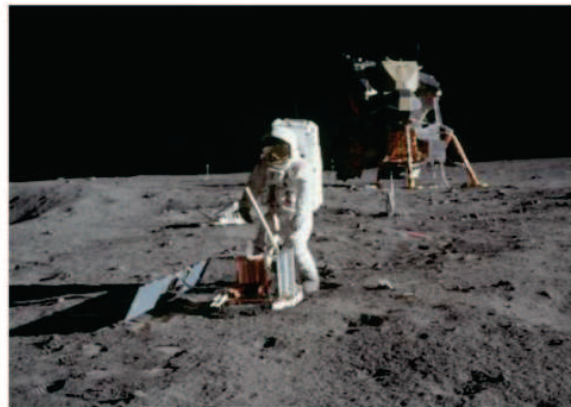
Já pensou o que seria poder levar o seu amigo de quatro patas quando fosse votar?



O NextGen Climate, um grupo político focado no clima, tenciona permitir a entrada de cães nas assembleias de voto no Iowa, na Carolina do Norte, na Pensilvânia, no Nevada e em New Hampshire, de modo a cativar os jovens eleitores. A ideia surgiu quando o grupo notou que as taxas de registos de eleitores eram maiores em locais em que os cães eram permitidos.

## Votos a partir do espaço

Uma lei do Texas assinada em 1997 por George W. Bush criou um procedimento técnico que permite aos astronautas votarem no espaço.



Os astronautas recebem o boletim de voto através de um email e deste modo o seu voto passa a fazer parte das contagens.

## Artigo: Koala encontrado na mochila de uma mulher

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/mundo/koala-encontrado-na-mochila-de-uma-mulher\\_n960116](http://www.rtp.pt/noticias/mundo/koala-encontrado-na-mochila-de-uma-mulher_n960116)



# Koala encontrado na mochila de uma mulher

RTP  
07 Nov, 2016, 15:14 / atualizado em 07 Nov, 2016, 15:16 | Mundo



Uma mulher foi detida na cidade de Brisbane, Austrália e surpreendeu as autoridades quando entregou a mochila que transportava com nada mais nada menos que um koala.



A mulher de 50 anos foi mandada parar por uma patrulha australiana e acabou por ser detida por ter assuntos pendentes com as autoridades.

Quando lhe perguntaram se tinha alguma coisa a declarar, a senhora entregou a mochila que transportava dizendo que a mesma tinha um koala dentro.

Espantados e incrédulos com a afirmação, os agentes da polícia abriram cautelosamente a mochila verde transportada pela mulher e encontraram um lindo koala com cerca de seis meses e 1,5 Kg.

A mulher detida por outras questões espantou toda a patrulha com o animal que transportava e afirmou que o tinha encontrado na noite anterior. A polícia, que pela primeira vez se deparou com tal situação, já está a investigar as alegações feitas pela detida.

O koala batizado de "Alfred" foi entregue à Sociedade Protetora dos Animais e de acordo com o porta-voz Michael Beatty: "O animal bebeu muitos líquidos e está bem".

As autoridades aproveitaram a situação para apelar à consciência geral da população de modo a que ninguém fique com animais selvagens, quer sejam espécies protegidas ou não. Pedem ainda que as pessoas que encontrem algum animal selvagem liguem para a polícia e deixem o assunto ser tratado por especialistas.

## Artigo: Apelido do marido exigido às mulheres francesas

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/mundo/apelido-do-marido-exigido-as-mulheres-francesas\\_n960129](http://www.rtp.pt/noticias/mundo/apelido-do-marido-exigido-as-mulheres-francesas_n960129)

### Apelido do marido exigido às mulheres francesas

RTP  
07 Nov. 2016, 16:31 / atualizado em 18 Nov. 2016, 12:22 | Mundo



Uma das questões enfrentadas pelas mulheres francesas é a dificuldade de manterem a sua identidade. No país onde a igualdade é valorizada, a adoção do apelido do marido é imprescindível na forma como a sociedade as trata.



Apesar de não haver uma lei ou regulamento que obrigue as mulheres francesas a adotar o apelido do marido como nome, a tradição acaba por ter mais peso.

O problema é que a forma como são encaradas pela sociedade tem determinadas implicações mais profundas. Algumas empresas, por exemplo, bancos e operadoras de telefone tendem a encarar o homem como cliente principal e chegam a pedir-lhe autorização sobre alterações ou levantamentos que as mulheres queiram realizar, apesar de as contas serem em conjunto e os números de telefone estarem associados ao nome de cada um.

As mulheres solteiras sofrem de discriminação por não poderem recorrer ao procedimento de inseminação artificial. Apesar da promessa de o governo socialista autorizar este processo, o mesmo ainda se mantém proibido ao contrário do que acontece em países como Portugal, Espanha, Bélgica e Reino Unido.

Uma espanhola reformada que foi casada durante a juventude e vive em França há alguns anos continua a deparar-se com situações em que o seu nome de casada é exigido e revolta-se com o facto de o mesmo não ser perguntado aos homens.

A exceção à regra é Ségolène Royal, ministra da Energia e Ambiente e ex-candidata à presidência da República. Royal tem conseguido manter a sua identidade, porque nunca se casou com o presidente François Hollande, embora tenha tido quatro filhos com ele.

## Artigo: Será que as selfies podem alterar o seu humor?

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/mundo/sera-que-as-selfies-podem-alterar-o-seu-humort\\_n960422](http://www.rtp.pt/noticias/mundo/sera-que-as-selfies-podem-alterar-o-seu-humort_n960422)

### Será que as selfies podem alterar o seu humor?

RTP  
08 Nov. 2016, 16:25 | Mundo



Tirar demasiadas selfies pode ser considerado pouco saudável e viciante. No entanto, de acordo com um estudo realizado pela Universidade da Califórnia, o seu humor pode melhorar depois de uma boa dose de *selfies*.



Segundo uma estimativa realizada pelo Google, em 2014 foram tiradas aproximadamente 93 milhões de selfies e publicadas nas redes sociais. É certo que este ato não é apreciado por todas as pessoas e muitas vezes é associado a resultados trágicos. Recordemos as mortes ocorridas no último ano devido a distrações, quedas, acidentes de viação e até ataques de tubarões, que revelam o lado perigoso e muitas vezes fatal das fotografias que as pessoas gostam de tirar a si mesmas.

Apesar das várias insinuações de que o uso excessivo da câmara frontal pode estar associado a doenças mentais, David Veale, um psiquiatra e consultor de South London e Maudsley NHS Trust, afirma: "Pessoas que tenham transtorno dismórfico corporal, utilizam as *selfies* como meio de verificarem a sua aparência e chegam a guardar centenas no telemóvel sem as partilhar nas redes sociais. Tirando os casos de TDC, o gosto pelas *selfies* não é uma doença".

Mas, afinal, podemos ou não ficar mais bem-humorados depois de uma sessão de selfies? O estudo incidiu sobre 14 alunos que se propuseram tirar três *selfies* a sorrir (independentemente do seu humor) todos os dias durante 3 semanas.

Apesar de as mesmas não serem publicadas nas redes sociais, constatou-se que quando os jovens olhavam para as suas *selfies* sorridentes o humor melhorava significativamente. No entanto, Yu Chen, o principal autor do estudo em questão, entende que não são as *selfies* por si só que ajudam ao processo de melhorar o humor, mas também e principalmente o ato de sorrir.

Por isso, se estiver a ter um dia em que o seu humor não seja o melhor, agarre no telemóvel e sorria para a câmara frontal!

## Artigo: Iraquianos de Mossul cortam a barba para celebrarem a sua liberdade

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/mundo/iraquianos-de-mossul-cortam-a-barba-para-celebrarem-a-sua-liberdade\\_n960454](http://www.rtp.pt/noticias/mundo/iraquianos-de-mossul-cortam-a-barba-para-celebrarem-a-sua-liberdade_n960454)



### Iraquianos de Mossul cortam a barba para celebrarem a sua liberdade

RTP  
08 Nov. 2016, 17:54 / atualizado em 08 Nov. 2016, 18:00 | Mundo



Os civis libertados de Mossul revelam a sua felicidade por finalmente poderem tirar as barbas, antes obrigatórias. Para tal, uma equipa voluntária de cabeleireiros está a disposta a ajudá-los.



Os cidadãos de Mossul, Iraque têm temido pelas suas vidas e vivido momentos de medo nos últimos dois anos e meio sob o domínio do Estado Islâmico (ISIS), que implementa muitas regras extremistas, tais como: a proibição de fumar, de ver jogos de futebol, de vestir roupas de marca e ainda de que os homens cortem as barbas.

À medida que as forças de segurança iraquianas atuam em Mossul e liberam em áreas controladas pelo Isis, os civis fogem para acampamentos destinados a iraquianos deslocados internamente (IDP), a fim de evitar novos conflitos. Para a maioria dos homens nos campos, esta liberdade revela a oportunidade de se verem livres das suas barbas.

Para ajudá-los a alcançar esta conquista, quatro jovens cabeleireiros de Erbil viajaram até ao acampamento com a ajuda do grupo de media Rudaw. "Isto era ilegal em Mossul e por isso mesmo nós estamos aqui para ajudar", diz Dyar Stayl, um barbeiro voluntário de 25 anos.

Tendo fugido de Mossul na noite anterior, Hani Mahmood Amin diz que o Estado Islâmico destruiu a sua vida e que o simples ato de retirar a sua barba já representa a sua liberdade e isso fá-lo sentir muito bem.

O contentamento por parte dos cidadãos faz-se ouvir: "Eu quero parecer o David Beckham!", diz Maysar Jasim, que chegou ao acampamento duas noites antes. "Eu odeio esta barba", acrescenta.

Apesar de os campos estarem rodeados por lixo e a maioria dos IDP apenas possuir a roupa que traz no corpo, nada pode retirar a alegria de finalmente se poder retonrar à vida normal.



# Artigo: Redes sociais ao rubro com vitória de Trump

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/mundo/redes-sociais-ao-rubro-com-vitoria-de-trump\\_n960723](http://www.rtp.pt/noticias/mundo/redes-sociais-ao-rubro-com-vitoria-de-trump_n960723)



O primeiro tweet de Donald Trump após ter sido eleito:



"Que noite tão bonita e importante! Os homens e mulheres esquecidos não serão esquecidos novamente. Vamos unir-nos como nunca... disse o Presidente eleito.

Mariana Montenegro, deputada pelo Bloco de Esquerda, não pareceu muito satisfeita com o resultado:



Famozos e vários artistas também reagiram:

11/9 and 9/11 are days of tragedy in the United States.  
 #RIPAmerica #AmericasOverParty #ElectionDay  
 #LoveTRUMP hates

— Lady Gaga (@KevinGagano) November 9, 2016

A cantora Lady Gaga, que participou na campanha de Hillary Clinton, mostrou-se desiludida com o resultado. "9 de novembro e 11 de setembro são dias de tragédia para os Estados Unidos".



"Esta é uma noite embaraçosa para a América. Não deixamos um criminoso de direito comandar a nossa grande nação. Não deixamos um charlatão definir o nosso curso. Estou devastado", disse Chris Evans, ator que dá vida ao Capitão América nos filmes.

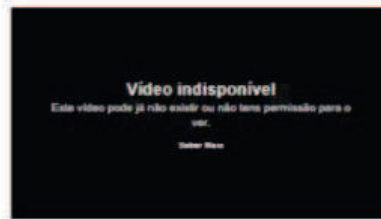
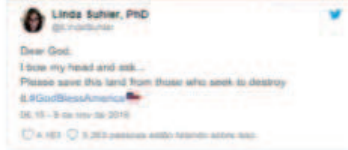
A cantora Ariana Grande expressou a sua tristeza após o resultado das eleições. "Estou em alívio", confessou.



Algumas das reações anteriores após a eleição do candidato republicano:



Um meme, sobre comparar Trump a Hitler:



Everyone's slamming Donald Trump but I didn't see Hillary Clinton help Kevin find the lobby.



## Artigo: Samsung pede desculpa pelos problemas causados pelo Galaxy Note 7

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/economia/samsung-pede-desculpa-pelos-problemas-causados-pelo-galaxy-note-7\\_n960858](http://www.rtp.pt/noticias/economia/samsung-pede-desculpa-pelos-problemas-causados-pelo-galaxy-note-7_n960858)

### Samsung pede desculpa pelos problemas causados pelo Galaxy Note 7

RTP  
09 Nov. 2016, 19:10 | Economia



A Samsung publicou um pedido de desculpas pelas falhas detetadas pelos seus equipamentos. Para além do fiasco que o Galaxy Note 7 revelou ser, também as máquinas de lavar da Samsung têm tido alguns problemas.



Há pouco menos de um mês Koh Dong-jin, presidente da divisão de portáteis da Samsung deu uma entrevista na tentativa de recuperar a confiança dos consumidores da marca.

No entanto, na passada terça-feira dia 8, a Samsung revelou mais uma vez a sua vontade de reconquistar os clientes após a polémica em torno dos explosivos Galaxy Note 7, ao publicar um pedido de desculpas pelas falhas dos seus equipamentos em diversos jornais famosos dos Estados Unidos.

Eleitos para este fim foram o *Wall Street Journal*, o *New York Times* e o *Washington Post* que têm uma página inteira com o comunicado da empresa.

Na mesma página são mencionados os 2,8 milhões de máquinas de lavar roupa, que revelam alguns problemas: quando vibram excessivamente em ciclos de alta velocidade a parte de cima solta-se originando a quebra de algumas partes do equipamento.

Alguns casos de ferimentos por parte dos proprietários já foram declarados. A empresa resolveu o problema ao oferecer os serviços de manutenção bem como descontos aos proprietários.

Apesar do pedido de desculpas por parte da Samsung, ainda vai demorar algum tempo até que os consumidores voltem a confiar na marca. A Samsung garante ter transparência no período de investigação da catástrofe do Galaxy Note 7. Agora resta-nos aguardar...

**"Aos nossos valiosos consumidores, Na Samsung, inovamos de forma a entregar tecnologias revolucionárias que enriqueçam a vida das pessoas. Um importante princípio da nossa missão é oferecer soluções de qualidade e segurança. Recentemente, ficámos aquém das expectativas no que diz respeito a esta promessa. (...) Lamentamos a situação e iremos reexaminar todos os aspetos do dispositivo Galaxy Note 7."**

## Artigo: "Harry Potter Go" já tem data de lançamento

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/tecnologia/harry-potter-go-ja-tem-data-de-lancamento\\_n961075](http://www.rtp.pt/noticias/tecnologia/harry-potter-go-ja-tem-data-de-lancamento_n961075)

### "Harry Potter Go" já tem data de lançamento

RTP  
10 Nov. 2016, 14:31 / atualizado em 10 Nov. 2016, 15:14 | Tecnologia



Caçar Pokémons já não é algo que o faça sair de casa? Então prepare-se para voltar a sair de casa, capturar criaturas, aprender feitiços e muito mais.



Para os fãs do universo de J.K. Rowling, há uma novidade que os fará sair do sofá.

#### TÓPICOS:

Caçar, Harry Potter Go, J.K. Rowling, Jogos, Pokémons.

Apesar de o jogo relembrar o extraordinário sucesso do Pokémon Go, o eslovaco Ondrej Tokar criou "Harry Potter Go" há mais de dois anos.

Como a Warner Bros, detentora dos direitos do universo mágico do feiticeiro mais famoso do mundo, ainda não respondeu às tentativas de proposta de lançamento que Tokar enviou, o jogo passará a chamar-se "Maguss" e o lançamento está previsto para julho de 2017.

**A parte crucial é a junção de magias, que quanto mais fortes forem mais necessário será praticá-las de modo a corrigir movimentos.**

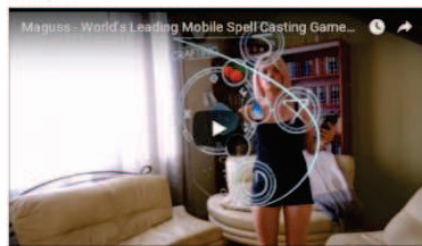
Em breve será possível invadir masmorras, capturar e domar criaturas, colher ingredientes, aprender feitiços, poções e até lutar com outros jogadores.

Este jogo explora um mundo de realidade aumentada inspirado em "Harry Potter", mas nenhum nome, símbolo ou referência explícita aparecerá e todas as coincidências com o original não serão um mero acaso.

O jogo terá um formato gratuito para telemóvel. No entanto, a varinha que se conecta por bluetooth poderá rondar entre os 20 e os 35 euros. Não é necessário ter a varinha para se poder jogar.

Já há mais de 570 apoiantes e um fórum da comunidade Maguss cheio de fãs dedicados que sugerem ideias para aperfeiçoar o jogo e participar ativamente no seu desenvolvimento.

Se nunca recebeu a carta de Hogwarts, não se preocupe. Em breve terá a oportunidade de fazer parte de um mundo de magia Maguss através do telemóvel.



## Artigo: Hyperloop, 130 quilómetros em 12 minutos de Dubai a Abu Dhabi

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/tecnologia/hyperloop-130-quilometros-em-12-minutos-de-dubai-a-abu-dhabi\\_n961309](http://www.rtp.pt/noticias/tecnologia/hyperloop-130-quilometros-em-12-minutos-de-dubai-a-abu-dhabi_n961309)

### Hyperloop, 130 quilómetros em 12 minutos de Dubai a Abu Dhabi

RTP  
11 Nov. 2016, 11:49 / atualizado em 11 Nov. 2016, 11:52 | Tecnologia



O Hyperloop é um sistema de transporte de alta velocidade de passageiros e mercadorias em tubos que vai ligar Dubai a Abu Dhabi. Em 12 minutos.



Desenvolvido pelo engenheiro e magnata de negócios Elon Musk, o Hyperloop parece um transporte futurista. E é mesmo.

#### TÓPICOS:

Abu Dhabi, Dubai, Emirados Árabes Unidos, Hyperloop, Sistema, Tubos.

O projeto está a pouco mais de três anos de se tornar realidade e trata-se de um fascinante e revolucionário meio de transporte.

A autoridade de transportes do Dubai e a Hyperloop firmaram um acordo para estudar a construção e viabilidade da primeira rede de mercadorias e passageiros Hyperloop nos Emirados Árabes Unidos, que visa unir Dubai e Abu Dhabi em apenas 12 minutos.

O sistema - de vácuo parcial - é composto por cápsulas de luxo motorizadas de forma autónoma (Hyperpods) que transportam os passageiros de um lado ao outro.



O transporte pretende ser uma alternativa com menos poluição do que os aviões e mais rapidez do que as redes ferroviárias existentes.

De acordo com Shervin Pishevar, presidente executivo do Hyperloop One, "a tecnologia está a evoluir e a transformar a maneira como vivemos".

"Precisamos de uma verdadeira inovação nos transportes de massa uma vez que o sistema atual estagnou. O Hyperloop One representa um transporte mais eficiente, rápido e limpo, que vai alterar a dinâmica de transportes de passageiros e mercadorias", acrescentou.

## Artigo: Estados Unidos caem em tabela de política ambiental

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/ambiente/estados-unidos-caem-em-tabela-de-politica-ambiental\\_n962444](http://www.rtp.pt/noticias/ambiente/estados-unidos-caem-em-tabela-de-politica-ambiental_n962444)



### Estados Unidos caem em tabela de política ambiental

RTP  
16 Nov. 2018, 14:35 / atualizado em 18 Nov. 2018, 14:46 | Ambiente



Os Estados Unidos regrediram em várias categorias no Índice Climate Change Performance, que analisa políticas que se referem a alterações climáticas. O CCPI 2017 é apresentado esta quarta-feira na 22ª Conferência das Nações Unidas sobre alterações climáticas, a decorrer em Marraquexe, Marrocos.



#### TÓPICOS:

Ambiental, CCPI, Carbono, Clima, Conferência, Díóxido, Emissões, Estados Unidos, Marraquexe, Marrocos, Política, Índice.

A lista contém 61 lugares e os três primeiros não foram ocupados. França lidera a tabela em quarto lugar, seguida da Suécia e do Reino Unido. Porém, o índice mostra que alguns países da União Europeia (Reino Unido, Suécia, Dinamarca e Alemanha) correm o risco de perder o lugar de liderança no desenvolvimento de energias renováveis.

Em sétimo lugar está o Chipre, seguido de Marrocos, Luxemburgo e Malta. Em 11.º está Portugal, que regista uma subida de sete lugares em comparação ao ano passado.

A Dinamarca, líder do ranking durante cinco anos consecutivos, perde agora o lugar cativo e desce para a 13.ª posição. De acordo com o documento, os especialistas criticaram a inversão na sua política climática e o esquecimento de antigos objetivos.

Na área da energia a Índia (20.º lugar), a Argentina (36.º lugar) e o Brasil (40.º lugar) registaram tendências positivas.

Os Estados Unidos, em 43.º lugar, e a China, em 48.º, são os maiores emissores de dióxido de carbono do mundo. Contudo, a China revelou evoluções relativamente à diminuição do consumo mundial de carvão.

#### Ainda sem o efeito Trump

A ZERO – Associação Sistema Terrestre Sustentável diz que os resultados das eleições nos Estados Unidos não influenciaram a avaliação das políticas apresentadas no CCPI 2017. No entanto, refere que a eleição de Donald Trump pode “colocar riscos” à rapidez da transição em curso.

A Austrália (57.º) e o Japão (60.º) desceram na tabela devido à queda de eficiência energética da primeira e à deficiente política climática do segundo.

Tendo em conta que os três primeiros lugares não foram preenchidos e segundo uma visão global dos resultados, até ao 17.º lugar os países estão a verde. A amarelo estão 16 países, entre eles vários da UE (por exemplo Alemanha e Espanha). Com um pior desempenho, estão 15 países a laranja numa lista que começa pela Hungria e acaba com a China.

No fim da tabela e a vermelho estão 13 países, entre os quais a Bielorrússia, Turquia, Federação Russa, Irão e Arábia Saudita, em último lugar. O único país da UE neste grupo é a Estónia.

A 12.ª edição do CCPI 2017 é da responsabilidade da organização não-governamental de ambiente GermanWatch e da Rede Europeia de Ação Climática. O objetivo é comparar o desempenho dos 58 países responsáveis por mais de 90 por cento das emissões de dióxido de carbono associadas à energia.

## Fotogaleria: As imagens do acidente ferroviário na Índia

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/galeria/mundo/as-imagens-do-acidente-ferroviario-na-india\\_963569](http://www.rtp.pt/noticias/galeria/mundo/as-imagens-do-acidente-ferroviario-na-india_963569)

NOTÍCIAS DESPORTO TELEVISÃO RÁDIO RTPPLAY ZIGZAG ARQUIVOS +

RTP NOTÍCIAS

17 Set. 2018 | 14:42 DESPORTO PAÍS MUNDO POLÍTICA ECONOMIA CULTURA VÍDEOS ÁUDIOS

### As imagens do acidente ferroviário na Índia

No passado domingo, perto da cidade de Kanpur, no Estado indiano de Uttar Pradesh, 14 carruagens descarrilaram. O desastre fez 142 mortos e 200 feridos. De acordo com as investigações já realizadas, a origem do acidente - o mais mortífero desde 2010 - poderá estar relacionada com uma fratura na via.



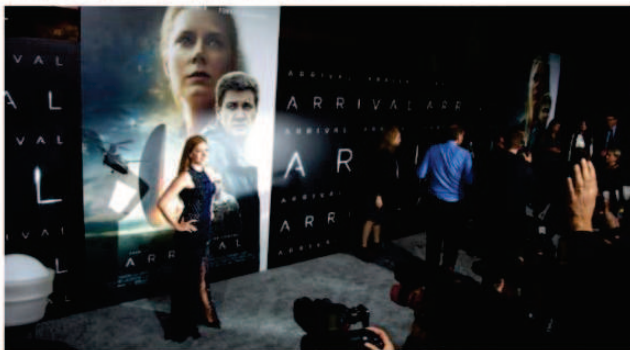
21 Nov, 2016, 14:50

## Artigo: "Arrival", um filme de extraterrestres baseado em ciência

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/ciencias/arrival-um-filme-de-extraterrestres-baseado-em-ciencia\\_n964420](http://www.rtp.pt/noticias/ciencias/arrival-um-filme-de-extraterrestres-baseado-em-ciencia_n964420)

### "Arrival", um filme de extraterrestres baseado em ciência

RTP  
24 Nov, 2016, 14:45 / atualizado em 24 Nov, 2016, 14:45 | Ciências



O novo projeto do cineasta Denis Villeneuve, "Arrival", não é a comum história de invasões alienígenas. O filme baseia-se na teoria do relativismo linguístico de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf e revela um equilíbrio entre a ficção científica e o mundo moderno.



#### TÓPICOS:

Alienígenas, Amy Adams, Arrival, Extraterrestres, Filme, Naves.

A história desenvolve-se num mundo onde é possível ver o futuro, ao quebrar barreiras cognitivas que constroem a nossa experiência atual de vida.

O filme tem como personagem principal Louise Banks (Amy Adams), professora e especialista em línguas que é destacada para estabelecer contacto com os alienígenas que apareceram em vários pontos da Terra e tenta descobrir respostas às várias perguntas que atormentam o mundo.

A sólida estrutura narrativa de "Arrival" dá ao público a oportunidade de analisar várias possibilidades ao longo do enredo, tornando a experiência única e subjetiva.

O loop temporal existente e a ligação entre o campo da ficção e o campo do real aparecem de forma concisa e coerente.

#### Hipótese Sapir-Whorf

A dinâmica de "Arrival" é estabelecida através da hipótese Sapir-Whorf, segundo a qual o universo mental de cada pessoa é estipulado pela cultura e pelas diferentes línguas que fala. Esta hipótese vai ao encontro da anteriormente desenvolvida hipótese Weltanschauung (visão do mundo), que dizia que era impossível haver pensamento sem uma linguagem que o determinasse.

O filme de ficção científica e drama ressalta a necessidade da comunicação com tudo e todos. A hipótese Sapir-Whorf surge na ideia de que qualquer linguagem que falamos pode alterar a nossa visão do mundo.

A linguagem é vista como o meio que permite alterar profundamente a nossa experiência no tempo, na medida em que podemos experienciar o futuro da mesma forma que experienciamos o passado.

**"Quando misteriosas naves espaciais pousam por todo o globo, uma equipa de elite (...) é destacada para investigar. Enquanto a humanidade está à beira de uma guerra global, a equipa corre contra o tempo para encontrar respostas", lê-se na sinopse do filme de Denis Villeneuve.**



## Fotogaleria: Reis de Espanha iniciam visita de três dias a Portugal

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/galeria/mundo/reis-de-espanha-iniciam-visita-de-tres-dias-a-portugal\\_965676](http://www.rtp.pt/noticias/galeria/mundo/reis-de-espanha-iniciam-visita-de-tres-dias-a-portugal_965676)

The screenshot shows the RTP Notícias website interface. At the top, there is a navigation bar with categories: NOTÍCIAS, DESPORTO, TELEVISÃO, RÁDIO, RTPPLAY, ZIGZAG, ARQUIVOS, and a search icon. Below this is the RTP NOTÍCIAS logo and a secondary navigation bar with categories: DESPORTO, PAÍS, MUNDO, POLÍTICA, ECONOMIA, CULTURA, VÍDEOS, and ÁUDIOS. A date and time stamp '17 Set. 2018 | 14:10' is visible. Below the navigation is a row of social media sharing buttons for Facebook, Twitter, Google+, LinkedIn, and Pinterest. The main headline reads 'Reis de Espanha iniciam visita de três dias a Portugal'. Below the headline is a short text summary: 'Os reis de Espanha foram recebidos pelo Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, com honras militares, na Praça General Humberto Delegado, no Porto. O programa incluiu uma visita do casal à Fundação Serralves para visitar a exposição do pintor catalão, Joan Miró.' This is followed by two paragraphs: 'Para além do Porto, Felipe VI e Letizia irão visitar as cidades de Guimarães e Lisboa.' and 'A estadia em Portugal termina na quarta-feira, dia em que os reis serão recebidos no Palácio de São Bento pelo primeiro-ministro António Costa e farão uma visita à Assembleia da República, onde decorrerá uma sessão solene em sua honra.' The final paragraph states: 'A última vez que o casal esteve em Portugal foi em julho de 2014, na primeira visita oficial enquanto monarcas.' The main image is a photograph of King Felipe VI and Queen Letizia walking on a red carpet. They are surrounded by a military band in uniform. The photo has a progress indicator at the bottom center and a timestamp '28 Nov, 2016, 15:14' in the bottom left corner.

## Artigo: Estados Unidos preparam cenário de guerra espacial

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/tecnologia/estados-unidos-preparam-se-para-guerra-no-espaco\\_n966007](http://www.rtp.pt/noticias/tecnologia/estados-unidos-preparam-se-para-guerra-no-espaco_n966007)

### Estados Unidos preparam cenário de guerra espacial

RTP  
29 Nov. 2016, 15:18 / atualizado em 29 Nov. 2016, 15:18 | Tecnologia



Os adversários dos Estados Unidos estão a implantar armas que ultrapassam a atmosfera da Terra, levando os militares do país a prepararem-se para um intimidante cenário de guerra no espaço.



#### TÓPICOS:

[Espaço](#), [Estados Unidos](#), [Guerra](#), [Norte-americanos](#), [Satélites](#), [Tecnologia](#)

Os Estados Unidos dependem mais do Espaço do que qualquer outra nação. Hipoteticamente, se um inimigo lançasse um ataque cibernético às infraestruturas e desativasse ou destruísse satélites norte-americanos, as televisões deixariam de funcionar, assim como a internet e todos os meios dependentes de tecnologia em órbita.

Desta forma os líderes deixariam de conseguir comunicar, os pilotos das Forças Armadas perderiam o contacto com os *drones* e os Estados Unidos viveriam um perfeito clima de terror.

"Se houvesse conflito no planeta Terra, seria quase inerente começar com algum tipo de conflito no espaço", disse Peter Singer, que aconselha o Departamento de Defesa sobre ameaças espaciais.

#### Russos e chineses

Os potenciais adversários da América no Espaço são a Rússia e a China. A Rússia implantou vários satélites ditos *kamikazes*, programados para se aproximarem dos satélites norte-americanos e, se necessário, desativá-los ou destruí-los.

Já a China lançou o *Shiyan*, equipado com um braço que agarra os satélites e atira-os para fora da órbita terrestre.

"Temos uma ótima vigilância e capacidade de inteligência que nos permitem ver as ameaças que estão a ser construídas", disse o general John Hyten, chefe dos Comandos Estratégicos dos EUA. "Por isso estamos a desenvolver capacidades para nos defendermos", acrescentou.

Relativamente à rapidez das respostas face às ameaças no espaço, o general William Shelton, ex-chefe do Comando Espacial, admitiu que não é ainda possível uma defesa ativa nos próprios satélites.

## Artigo: Natal em Gaia iluminado por 650 mil lâmpadas LED

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/pais/natal-em-gaia-iluminado-por-650-mil-lampadas-led\\_n966285](http://www.rtp.pt/noticias/pais/natal-em-gaia-iluminado-por-650-mil-lampadas-led_n966285)

### Natal em Gaia iluminado por 650 mil lâmpadas LED

RTP  
30 Nov. 2016, 15:07 | País



Este ano o Natal em Gaia vai ser mais iluminado do que o costume. A Câmara Municipal vai investir cerca de 300 mil euros em decorações e iluminações para a época.



#### TÓPICOS:

Autarquia, Câmara Municipal, Gaia, Luzes, Natal

A partir desta quarta-feira Gaia vai ter mais de 650 mil lâmpadas LED acesas por toda a cidade. Este projeto resulta de uma parceria entre a Câmara Municipal de Gaia, a Gaiurb – Urbanismo e Habitação, EM e a Associação Comercial e Industrial de Vila Nova de Gaia (ACIGaia).

O investimento de quase 300 mil euros tem como objetivo "tomar as ruas mais bonitas e atrativas, chamando assim gente não só de Gaia, mas de outros municípios", segundo informação da autarquia citada pela Lusa.

As luzes irão destacar-se no Centro Cívico, junto aos Paços do Concelho, onde será recriado o cenário da autêntica Vila Natal, com uma bola gigante que terá a "altura de um prédio de cinco andares, onde os visitantes podem entrar e sentar-se". Também existirá a casa do Pai Natal e uma árvore de Natal com dez metros de altura.

#### Natal sustentável

A ideia das 650 mil lâmpadas LED de baixo consumo é conseguir ter um Natal sustentável e com menos gastos energéticos. Para tal as luzes estarão distribuídas por mais de 200 instalações e vários percursos, entre eles a Avenida da República, a rua Marquês Sá da Bandeira, os largos Sandeman e Aljubarrota e ainda pelos Carvalhos no Largo França Borges, rua do Padrão e Gonçalves de Castro.

Para acompanhar estas festividades haverá música e animação em vários pontos da cidade onde estarão "duendes, renas, presentes de Natal, um presépio, distribuição de guloseimas e de balões". Este conjunto de atividades "pretende dinamizar a economia local nesta importante época natalícia".

A festa começa esta quarta-feira, dia 30, às 18h00 e conta com a inauguração das luzes de Natal no Centro Cívico, seguida de um concerto pela Orquestra de Saxofones da Fundação Conservatório Regional de Gaia. Já a Vila Natal abre as portas ao público no dia 7 de dezembro.

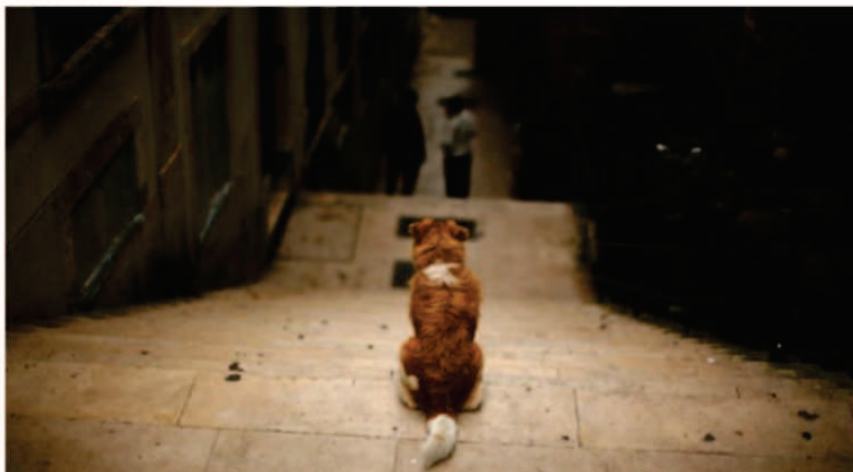
## Artigo: União Zoófila comemora 65.º aniversário com jantar solidário

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/pais/uniao-zoofila-comemora-65-aniversario-com-jantar-solidario\\_n966786](http://www.rtp.pt/noticias/pais/uniao-zoofila-comemora-65-aniversario-com-jantar-solidario_n966786)



# União Zoófila comemora 65.º aniversário com jantar solidário

RTP  
02 Dez, 2016, 15:35 | País



A União Zoófila celebra este sábado 65 anos e vai organizar um jantar solidário que pretende reunir o maior número possível de pessoas e angariar fundos para a instituição.



### TÓPICOS:

[Animais](#), [Aniversário](#), [Fundos](#), [Jantar](#), [Solidário](#), [União Zoófila](#)

Depois de um ano assinalado por várias tragédias – um incêndio que prejudicou as condições das instalações, um surto de esgana nervosa que infetou cerca de 100 cães e um assalto – a UZ pretende reunir todos os sócios, voluntários, padrinhos e qualquer pessoa que queira ajudar, para se juntarem a um evento cuja causa é angariar fundos para a sobrevivência da associação.

O jantar decorre já este sábado no Salão Paroquial da Igreja Matriz da Amadora, com espaço para cerca de 200 pessoas.

“Esta é a oportunidade para, quem quiser, conhecer um pouco mais da instituição, além de a ajudar”, disse Luísa Barroso em declarações à Lusa.

O dinheiro angariado terá por destinatária a UZ, que tem atualmente 500 cães e 200 gatos nas suas instalações e que todos os dias encara a missão de “devolução à vida daqueles a quem a vida há muito parece ter deixado”.

A presidente da UZ afirma que “a crise de valores, acompanhada por uma crise financeira, faz com que os animais sejam postos em último lugar, o que não devia ser”.

## Artigo: Jamie Oliver ameaçado de morte por usar chouriço na paelha

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/cultura/jamie-oliver-ameacado-de-morte-por-usar-chourico-na-paelha\\_n967606](http://www.rtp.pt/noticias/cultura/jamie-oliver-ameacado-de-morte-por-usar-chourico-na-paelha_n967606)

### Jamie Oliver ameaçado de morte por usar chouriço na paelha

RTP  
09 Dez. 2016, 14:48 | atualizado em 09 Dez. 2016, 15:22 | Cultura



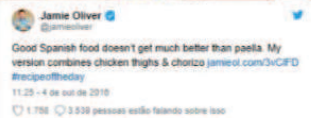
O chef britânico Jamie Oliver decidiu criar a sua versão da paelha - um dos mais famosos pratos espanhóis - e publicá-la na internet. O resultado não foi o esperado: recebeu várias críticas e até ameaças de morte.



Foi na segunda-feira que Oliver resolveu publicar na Twitter a sua receita de paelha, à qual adicionou asas de frango e chouriço. As reações críticas não se fizeram esperar.

#### TÓPICOS:

Ameaças, Jamie Oliver, Paelha, Receitas, Rede social, Twitter.



Várias pessoas - em especial da região de Valência, local de onde o prato é proveniente - insultaram o cozinheiro, acusando-o de ofender a gastronomia espanhola.

É certo que a receita pode ser confeccionada de diversas formas. Mas o prato original de Valência junta ingredientes como arroz, carne, peixe, frutos do mar, vegetais ou caracóis. Os mais tradicionalistas defendem algumas regras de ouro: só usar arroz espanhol e nunca usar chouriço.

Oliver encarou a situação em tom de brincadeira: "Tudo o que fiz este mês foi ultrapassado pelo chouriço. Para vossa informação, sabe melhor com o chouriço".

Enquanto uns criticaram a receita, dizendo que não se assemelhava à original, outros foram mais além.

"Recebi ameaças de morte de todo o tipo por causa de um bocadinho de chouriço", afirmou o próprio Jamie Oliver no programa The Graham Norton Show.

De facto a receita não encantou os espanhóis, que mostraram o seu descontentamento através de comentários na rede social Twitter.

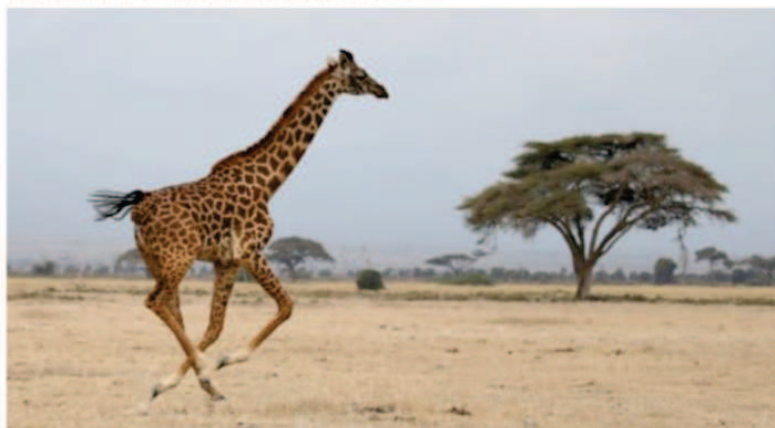
Alguns desses comentários foram lidos pelo anfitrião do programa: "Retira o chouriço. Não negociamos com terroristas. Este é o primeiro aviso" ou "O melhor é fazeres uns ruggetti com os teus dedos".

## Artigo: Girafas em risco de extinção

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/ambiente/girafas-em-risco-de-extincao\\_n968322](http://www.rtp.pt/noticias/ambiente/girafas-em-risco-de-extincao_n968322)

# Girafas em risco de extinção

RTP  
09 Dez. 2016, 15:17 / atualizado em 09 Dez, 2016, 15:18 | Ambiente



O animal mais alto do mundo enfrenta perigo de extinção. De acordo com a atualização da Lista Vermelha de espécies ameaçadas, houve um declínio de 40 por cento da espécie em todo o mundo, nos últimos 30 anos.



### TÓPICOS:

[Extinção](#), [Girafas](#), [Lista Vermelha](#), [Risco](#), [União Internacional para a Conservação da Natureza](#).

Segundo a mais recente atualização da Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza, divulgada numa reunião em Cancun, no México, sobre a diversidade biológica, há um alerta para a "extinção silenciosa" das girafas em África.

As causas desta extinção estão associadas à caça furtiva ilegal e à expansão de terras de cultivo que ameaçam o seu *habitat*.

Desde 1985 que o número de girafas desceu de 157 mil para 97 500, registando uma queda de 40 por cento da sua população nos últimos 30 anos.

**No inventário da Lista Vermelha, constam 85.604 espécies de plantas e animais, das quais 24.307 correm risco de extinção.**

As ações do Homem sobre o mundo animal são cada vez mais discutidas, tendo em conta a destruição em massa de lugares selvagens e as caças ilegais que comprometem o futuro de milhares de espécies.

"Como um dos animais mais emblemáticos do mundo, está na hora de colocarmos o nosso pescoço no cepo pela girafa, antes que seja tarde demais", disse Julian Fennessy, vice-presidente do grupo especializado em girafas do UICN.

A espécie agora classificada como vulnerável e em perigo de extinção já não existe em sete países onde habitava.

## Artigo: Projetado ginásio flutuante para navegar no Sena

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/mundo/projetado-ginasio-flutuante-para-navegar-no-sena\\_n969397](http://www.rtp.pt/noticias/mundo/projetado-ginasio-flutuante-para-navegar-no-sena_n969397)

NOTÍCIAS DESPORTO TELEVISÃO RÁDIO RTPPLAY ZIGZAG

RTP NOTÍCIAS

17 Set. 2018 | 14:39

DESPORTO PAÍS MUNDO POLÍTICA ECONOMIA CULTURA

PARTILHE NO FACEBOOK PARTILHE NO TWITTER PARTILHE NO GOOGLE+ PARTILHE NO LINKEDIN

### Projetado ginásio flutuante para navegar no Sena

RTP  
14 Dez. 2016, 15:25 | Mundo



A empresa italiana Carlo Ratti Associati projetou um ginásio que flutua ao longo do rio Sena, em Paris.



O "Paris Navigating Gym" foi projetado para se mover pelo rio Sena através da energia produzida pelas pessoas enquanto fazem exercício. O conceito foi desenvolvido em parceria com a Technogym, a Terreform ONE e a URBEM.

De momento o ginásio ainda é considerado um projeto de design que conta com cerca de 20 metros de comprimento e a capacidade de transportar cerca de 45 pessoas. A área terá máquinas ARTIS da Technogym com capacidade de converter a energia produzida pelos passageiros em combustível. Deste modo, ao utilizarem as bicicletas o barco desloca-se ao longo do rio Sena.

O ginásio é coberto por vidros transparentes que na altura do verão são abertos. Desta forma é dada aos passageiros a oportunidade de apreciar a extraordinária paisagem e ver a quantidade de energia produzida durante o treino enquanto navegam pelo rio e sabem as condições ambientais do mesmo, rastreadas em tempo real através de sensores incorporados na embarcação.

O ginásio pode ser utilizado em qualquer altura do ano e à noite pode ser usado para festas e comemorações.

Segundo Carlo Ratti, diretor do MIT Senseable City Lab e sócio fundador da Carlo Ratti Associati "O Paris Navigating Gym investiga o potencial de aproveitamento de energia humana". "É fascinante ver como a energia gerada por um treino no ginásio pode realmente ajudar a impulsionar um barco", acrescenta.

O atual design da embarcação presta homenagem aos Bateaux Mouches, os tradicionais ferryboats que transportavam turistas pelo rio Sena no início do século 20.

## Reportagem: Serão os nossos brinquedos seguros?

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/pais/serao-os-nossos-brinquedos-segurost\\_es969925](http://www.rtp.pt/noticias/pais/serao-os-nossos-brinquedos-segurost_es969925)



The screenshot shows the RTP Notícias website interface. At the top, there is a navigation bar with categories: NOTÍCIAS, DESPORTO, TELEVISÃO, RÁDIO, RTPPLAY, ZIGZAG, ARQUIVOS, and a search icon. Below this, the RTP NOTÍCIAS logo is displayed, along with the date and time: 17 Set, 2018 | 14:31. A secondary navigation bar lists: DESPORTO, PAIS, MUNDO, POLÍTICA, ECONOMIA, CULTURA, VÍDEOS, and ÁUDIOS. The main content area features a large, blurred image of a child's face. Below the image, the article title "Serão os nossos brinquedos seguros?" is prominently displayed. To the right of the title, the author's name "Nuno Patrício - RTP" and the publication date "20 Dez, 2016, 11:40 / atualizado em 20 Dez, 2016, 11:41 | País" are visible. At the bottom of the article header, there are social media sharing options for Facebook, Twitter, Google+, and LinkedIn.

### Serão os nossos brinquedos seguros?

Em época natalícia, os brinquedos são escolhas prioritárias para oferecer às crianças. Mas serão estes os presentes mais adequados? Será que os brinquedos cumprem as normas que salvaguardam a segurança dos mais novos? Dúvidas que procurámos esclarecer junto das entidades nacionais que asseguram o controlo destes produtos.

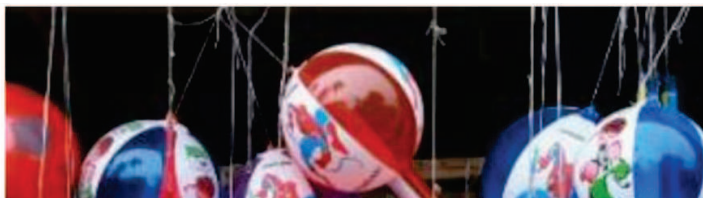
Nuno Patrício - RTP  
20 Dez, 2016, 11:40 /  
atualizado em 20 Dez,  
2016, 11:41 | País

[PARTILHE NO FACEBOOK](#) [PARTILHE NO TWITTER](#) [PARTILHE NO G+ /](#) [PARTILHE NO LINKEDIN](#)

O Natal é a altura do ano em que o consumo é tradição e os brinquedos são normalmente a primeira opção de compra para oferecer e agrandar os mais novos da família.

No entanto, é importante ter consciência para os perigos que alguns brinquedos podem representar para a saúde e segurança das crianças.

A falta de atenção na escolha de um brinquedo pode ser a causa de um acidente. Como tal, torna-se necessário que os adultos saibam identificar um conjunto de características presentes nos brinquedos que salvaguardem a segurança das crianças e que sejam os mais adequados à sua idade.



#### O brinquedo que vai comprar é seguro?

É certo que ninguém tentaria comprar um brinquedo que colidesse em risco a saúde ou a segurança da criança e que, infelizmente, é uma possibilidade nos dias de hoje. Como tal, a DECO reuniu um conjunto de 10 dicas que facilitam a sua escolha.

1. Escolha brinquedos adequados à idade e desenvolvimento da criança a que se destinam.
2. Leia os avisos de segurança e as instruções de utilização. Se não existirem ou não estiverem em português opte por outro brinquedo.
3. Fique a mão pelas arestas, pontas e bordos e certifique-se de que não existem riscos de engasgar a criança.
4. Verifique se tem peças pequenas que possam ser arrancadas com facilidade (por exemplo, rodas, olhos ou partes) e que caibam dentro de um novo tubo de papel higiénico. Em caso afirmativo, opte por outro produto.
5. Certifique-se de que as pilhas estão num compartimento fechado com parafuso e que se abre com ferramentas.
6. Máximo cuidado para brinquedos com fios compridos: estes não devem exceder os 22 cm, para que a criança não consiga enroscá-los à volta do pescoço.
7. Brinquedos com peças desmontáveis, como quadras móbiles ou telas de engomar, devem ter um sistema nas pernas de suporte que os impedia de fechar completamente, para evitar asfixia do bebé.
8. Refere o brinquedo da embalagem, submetido ao teste de público antes de o oferecer à criança. Cuidado a identificação e o tamanho do brinquedo ou equipamento, é necessário, ao ocorrer algum acidente.
9. Esteja que as crianças mais novas utilizam os brinquedos das mães velhas, quando possível recolher um novo.
10. Faça uma revisão periódica aos brinquedos e deixe fora os que estiverem danificados.





## Certificado de garantia "CE"

A utilização do certificado "CE" é a garantia dada pelo fabricante de que o produto em questão está de acordo com as normas europeias estabelecidas.

No entanto, este símbolo colocado nos brinquedos nem sempre representa segurança para a criança.

Há fabricantes e distribuidores a venderem com frequência brinquedos com o símbolo "CE" que não contém os padrões de fabrico exigidos que salvaguardam a segurança dos mais novos.

## DECO alerta, ASAE fiscaliza

Tentámos perceber como é que as entidades DECO e ASAE atuam nestes casos e que medidas devem ser tomadas em torno deste grande comércio.

À RTP, o jurista da DECO Diogo Santos Nunes afirmou que a marca CE "deveria dar confiança ao consumidor". O que nem sempre acontece. "Não dá confiança ao consumidor na medida em que aquilo que se verifica é que as empresas colocam essa marca distintiva CE sem que haja uma clara comprovação da segurança do brinquedo".



Ou seja, por vezes não há controlo por parte de uma entidade pública que proceda à análise do abusivo uso da mesma.

"Mesmo que haja uma aposição dessa marca CE no brinquedo sem que haja comprovação de segurança, não há qualquer tipo de consequência jurídica", diz este jurista.



Compete à Autoridade para a Segurança Alimentar e Económica (ASAE) o controlo do cumprimento das normas. Um situação que levanta algumas reticências à DECO.



O Inspetor-geral da ASAE, Pedro Portugal Gaspar, confirma que existem alguns casos de irregularidade mas que a ASAE, sempre que tem conhecimento destes, atua em conformidade: "Quando elas têm uma gravidade significativa são determinadas as retiradas do mercado, ou seja, a proibição de comercialização de um brinquedo". "Só este ano foram declaradas 10 retiradas de mercado" refere.

Relativamente ao ano de 2016 foram retrados do mercado cerca de sete mil brinquedos.



A ASAE utiliza uma rede de controlo europeu chamada RAPEX que, de acordo com o Inspetor-geral, "tem uma filosofia de notificação e de troca de informação entre os países membros da União Europeia que cria alertas rápidos detetados por determinado país".

Quando um alerta é emitido, por exemplo em Portugal, automaticamente é enviado pela rede RAPEX aos outros países e passa a ser proibida a comercialização do brinquedo perigoso em todo o espaço comunitário.

Relativamente à escolha do consumidor e ao controlo de compras pela internet afirma este responsável: "A escolha do consumidor hoje já não é exclusiva pelo estabelecimento físico mas cada vez mais pelo estabelecimento virtual".

Deste modo, alega que a inspeção não deve limitar-se aos espaços físicos mas sim alargar-se aos estabelecimentos virtuais.



## Fotogaleria: Dez momentos que marcaram o ano de 2016

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/galeria/mundo/dez-momentos-que-marcaram-o-ano-de-2016\\_972070](http://www.rtp.pt/noticias/galeria/mundo/dez-momentos-que-marcaram-o-ano-de-2016_972070)

NOTÍCIAS DESPORTO TELEVISÃO RÁDIO RTPLAY ZIGZAG ARQUIVOS +

RTP NOTÍCIAS

17 Set, 2018 | 14:01

DESPORTO PAÍS MUNDO POLÍTICA ECONOMIA CULTURA VÍDEOS ÁUDIOS

f PARTILHE NO FACEBOOK | t PARTILHE NO TWITTER | g PARTILHE NO GOOGLE+ | in PARTILHE NO LINKEDIN 1 | p PARTILHE NO PINTEREST |

### Dez momentos que marcaram o ano de 2016

O ano de 2016 ficou marcado por diversos acontecimentos que em todo o mundo causaram um grande impacto na história do nosso planeta. Entre eles, destacamos dez.

LIBERTÉ  
ÉGALITÉ  
FRATERNITÉ

FRANCE

NICE

NOUS NE VOUS OUBLIERONS JAMAIS!

28 Dez, 2016, 15:08 / atualizado em 28 Dez, 2016, 15:37

## Vocalização: Postal de Guerra – A primeira partida

Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/portugal-na-1-grande-guerra/primeira-partida\\_es974715](http://www.rtp.pt/noticias/portugal-na-1-grande-guerra/primeira-partida_es974715)



As tropas do CEP começaram a partir para França em 30 de janeiro de 1917. A primeira partida foi feita quase em segredo: o Governo decidiu que assim se garantia a "rapidez e boa ordem".

Graça Andrade Ramos -  
RTP  
10 Jan. 2017, 13:25 |  
[Portugal na I Grande Guerra](#)



Tudo decorreu de noite, por conveniência do "serviço dos comboios", explica a revista de O Século, a Ilustração Portuguesa. Que ao longo de meses ia documentar as sucessivas partidas. E as despedidas entre os que ficavam e os que partiam nos cais.

Ao longo dos meses, Lisboa fervilhou de chegadas e de partidas.

Centenas de homens chegavam de comboio de vários pontos do país.



## **Anexo B - Guião da entrevista**

**Tema:** A convergência na produção de conteúdos informativos da RTP

### **Objetivos da entrevista:**

- Conhecer os processos de convergência nas plataformas Online, Televisão e Rádio da RTP
- Descrever as principais mudanças nas práticas jornalísticas na era da convergência
- Identificar os desafios e oportunidades geradas pela convergência de conteúdos

### **Designação dos blocos:**

#### **A. Legitimação da entrevista**

- Informar acerca da temática em estudo, objetivos e finalidades.

#### **B. Caracterização do participante no estudo**

- Nome, idade, cargo que desempenha e há quanto tempo trabalha na RTP.

#### **C. Processos de convergência**

**C1.** Em sua opinião, o fenómeno da convergência enquanto mudança nos paradigmas da comunicação observa-se no Online/ na Televisão/ na Rádio na RTP? Justifique.

**C2.** No seu caso concreto, executa práticas jornalísticas convergentes? Se sim, qual a periodicidade?

**C3.** A RTP encoraja os seus jornalistas no sentido da convergência?

**C4.** Há alguma preparação prévia dada aos jornalistas visando a convergência?

**C4. a)** Em caso afirmativo: É fornecida pela RTP? A nível nacional, internacional ou ambos?

**C4. b)** Em caso negativo: Em sua opinião faria sentido existir?

**C5.** Considerando os níveis: máximo, médio, mínimo ou inexistente, em sua opinião, qual o nível de convergência verificado atualmente na RTP? Justifique.

#### **D. Práticas jornalísticas convergentes**

**D.1** Qual o perfil (formação, idade, antiguidade na RTP, etc.) do jornalista que produz conteúdos para diferentes plataformas?

**D.2.** Em que medida a experiência profissional anterior e atual do jornalista é essencial para a prática jornalística convergente?

**D3.** Em sua opinião, qual seria a formação e experiência profissional ideais para um jornalista de práticas jornalísticas convergentes?

**D4.** Que tipo de atividades o jornalista desenvolve hoje que não eram desenvolvidas no jornalismo tradicional?

**D5.** Na sua opinião o papel do jornalista foi reconfigurado?

**D6.** Existe algum tipo de resistência por parte dos jornalistas com mais anos de profissão na reconfiguração das práticas e processos de convergência? Tem conhecimento de outros casos de resistência?

**D7.** Tomando como exemplo uma dada notícia produzida numa plataforma (online, televisão ou rádio), como é que as outras plataformas (online, televisão ou rádio) tomam conhecimento dela e decidem se o conteúdo também lhes interessa?

**D8.** Como é coordenada a distribuição desses conteúdos para outras plataformas?

#### **E. Desafios e oportunidades decorrentes da convergência**

**E1.** Quais os desafios que os jornalistas encontram nas redações multiplataforma? Justifique.

**E2.** Na sua opinião verifica-se a existência de novas oportunidades através do processo de convergência?

#### **F. Conclusão da entrevista**

**F1.** Gostaria de acrescentar alguma consideração ou comentário final?

#### **G. Agradecimentos**

- Agradecer a participação e disponibilidade do entrevistado.